

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA
PPGSCA

A MEDIAÇÃO CULTURAL: ARTICULAÇÕES ENTRE A PINACOTECA DO
AMAZONAS E O PROFESSOR DE ARTES

MANAUS
2020

MARIENE MENDONÇA DE FREITAS

A MEDIAÇÃO CULTURAL: ARTICULAÇÕES ENTRE A PINACOTECA DO
AMAZONAS E O PROFESSOR DE ARTES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, área de concentração Processos Socioculturais na Amazônia, linha 1 - sistemas simbólicos e manifestações socioculturais.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemara Staub de Barros

MANAUS
2020

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

F866m	<p>Freitas, Mariene Mendonça de A mediação cultural : articulações entre a Pinacoteca do Amazonas e o professor de artes / Mariene Mendonça de Freitas . 2020 104 f.: il. color; 31 cm.</p> <p>Orientadora: Rosemara Staub de Barros Zago Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.</p> <p>1. Mediação Cultural. 2. Professores de Artes. 3. Pinacoteca do Amazonas . 4. Mediação. 5. Artes . I. Zago, Rosemara Staub de Barros. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título</p>
-------	---

MARIENE MENDONÇA DE FREITAS

A MEDIAÇÃO CULTURAL: ARTICULAÇÕES ENTRE A PINACOTECA DO
AMAZONAS E O PROFESSOR DE ARTES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, área de concentração Processos Socioculturais na Amazônia, linha 1 - sistemas simbólicos e manifestações socioculturais.

Aprovada em 28 de dezembro de 2020

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Rosemara Staub de Barros (Presidente)

Prof. Dra. Eneila Almeida dos Santos (Membro)

Prof. Dr. Michel Justamand (Membro)

Prof. Dr (Suplente) Elias Souza (Membro)

Prof. Dr Evandro de Morais Ramos (Suplente)

Para Liam e Letícia

AGRADECIMENTOS

À minha querida família e amigos pelos laços e compartilhamento da vida, especialmente ao Liam, meu amado filho e Maria Letícia, minha querida avó.

À Rosemara Staub, minha orientadora na pesquisa, pela generosidade, grandeza profissional e humana, também pela amizade e solidariedade comigo, desde os tempos da graduação.

Ao universo, por todos os seres, cores, magias, energias e elementos, pela oportunidade de amar, contemplar, viver, aprender, transformar e suscitar a arte.

Aos institutos e seus respectivos servidores que até o presente participaram de minha feliz trajetória como estudante, artista, poetisa e arte educadora, FAARTES, SEDUC, PPGSCA, IFAM e UFAM-ICSEZ.

Aos colegas do mestrado, pela força, amizade e apoio ao longo das disciplinas cumpridas neste tempo complexo, prazeroso e inesquecível.

*Se Deus existe,
a beleza é o seu jeito de se comunicar com os mortais.
Disso sabem os poetas,
como é o caso da Helena Kolody, que escreveu: "Rezam meus
olhos quando contemplo a beleza.
A beleza é a sombra de Deus no mundo".*

Rubem Alves

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa tem como objetivo geral compreender a mediação cultural realizada pelo Museu Pinacoteca do Estado do Amazonas bem como a participação na ação educativa dos arte-educadores da cidade de Manaus. Neste campo investigativo, moveu-nos tanto as especificidades da política cultural desenvolvida como mediação nos espaços expositivos da Pinacoteca junto aos arte-educadores, como a vivência destes no museu com os seus respectivos grupos de alunos. Trata-se de uma pesquisa de campo cuja hipótese inicial considerou o acervo de obras de artes visuais do Estado do museu Pinacoteca do Amazonas, uma coleção de mais de três mil obras, compondo mais de 260 de quadros de pintura e obras em instalação em exposição permanente para o público em geral. Este museu figura no papel de principal instituição mediadora das artes plásticas na cidade, o que viria a atingir de forma extensiva o trabalho do arte-educador; profissional que tem no museu e nas galerias de arte o seu “laboratório”. Como resultado verificamos que apesar do legado histórico da Pinacoteca em colecionar e difundir as artes visuais e da sua ampla coleção de arte, esta permanece ainda com uma participação diminuída na educação ao menos na zona norte da cidade, onde a pesquisa se debruçou, não obstante a sua potencialidade e importância.

A pesquisa se desenvolveu nas dependências da Pinacoteca do Amazonas, onde se coletou dados acerca da relação mediadora com o público educacional e em escolas da zona norte da cidade, onde tivemos a experiência de acompanhar a ação educativa de uma arte professora de artes atuante nesta zona periférica da cidade.

Palavras-chave: Mediação Cultural, Professores de Artes, Pinacoteca do Amazonas

Abstract

The present research work has as general objective to understand how the cultural mediation carried out by the Pinacoteca museum of the State of Amazonas participates in the educational action of art-educators in the city of Manaus. In this investigative field, the specificities of the cultural policy developed as mediation in the exhibition spaces of the Pinacoteca with the art educators moved us as well as their experience in the museum with their groups of students. This is a field research whose hypothesis raised initially considered that, in the case of the Pinacoteca do Amazonas museum, the main collection of works of visual arts in the State, with a collection of more than three thousand works, more than 260 of paintings and works in installation on permanent exhibition for the general public, this museum appears as the main mediating institution for plastic arts in the city, which would reach the work of the art educator, a professional who has in the museum and art galleries your “laboratory”. As a result, we found that despite the Pinacoteca's historical legacy in collecting and disseminating visual arts and its wide art collection, this still remains with a reserved participation at least in the northern part of the city, where the research has focused, despite its potential and importance. The research was carried out in the premises of the Pinacoteca do Amazonas, from where data was collected about the mediating relationship with the educational public and in schools in the northern part of the city, where we had the experience of following the educational action of an art teacher working in this area. peripheral area of the city.

Keyword: Cultural Mediation, Art-educators, Pinacoteca do Amazonas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Observadores da pintura, gravura digital	18
Figura 2- A Redenção do Amazonas, Aurélio de Figueiredo	40
Figura 3- Piso superior da Biblioteca Pública	50
Figura 4- Centro Cultural Usina Chaminé	52
Figura 5 -Fachada do Palacete Provincial, sede da Pinacoteca desde 2009	55
Figura 6- Pinacoteca do Amazonas, Salão I, obras do século XX	57
Figura 7- Pinacoteca do Amazonas, Salão expositivo, Obras “Modernas”	60
Figura 8 - O banho de Ceci, óleo/tela, Aurélio de Figueiredo, 1900	63
Figura 9 - Tormenta, Óleo/tela, autor Antônio Parreiras, Ano 1903	65
Figura 10 - Paisagem Amazônica, óleo/tela. Autor Moacir Andrade.1987	65
Figura 11- Palafitas, Óleo /tela, Hahnemann Bacelar.1965	67
Figura 12 - Mulher de Chapéu, acrílica/tela.Rita Loureiro, 1997	67
Figura 13 - Plano de ensino contemplando a visitação ao museu	68
Figura14 - Alunos visitando a Pinacoteca do Amazonas	69
Figura 15 - Alunos na Pinacoteca do Amazonas	69
Figura 16 - Detalhe de releitura a obra “O aviador”, de Hadna Abreu	70
Figura 17 -Detalhe de releitura de obra realizada em sala de aula	70
Figura 18 - Plano de ensino contemplando a visitação ao museu em unidade temática para o 8º ano escolar	83
Figura 19 - Alunos visitando a Pinacoteca do Amazonas e conhecendo obras do século XIX	89
Figura 20 - Alunos na Pinacoteca do Amazonas e uma das Guias do Museu	90
Figura 21 - Detalhe de releitura a obra “O aviador”, da artista visual Hadna Abreu	91
Figura 22 - Detalhe de releitura de obra realizada em sala a partir de obra artística de Turenko Beça, pertencente à coleção da Pinacoteca do Amazonas	92

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ICOM	Conselho internacional de Museus
MHN	Museu Histórico Nacional
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LDB	Leis de Diretrizes e Bases da Educação
FAEB	Federação de Arte-Educadores do Brasil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 - O MUSEU, A MEDIAÇÃO CULTURAL E A ARTE-EDUCAÇÃO	18
1.1 O papel social do museu	19
1.2 A Mediação Cultural e o Museu	26
1.3 A arte-educação no Brasil e a Mediação em museus	30
2 - METODOLOGIA E (IN)CAMINHAMENTOS DA PESQUISA	40
2.1 Primeiros passos (e obstáculos) na investigação	41
2.2 Trabalhando a observação, (a escuta) e a reflexão na Pinacoteca	43
2.3 Conhecendo a Arte-educação do Norte da cidade	48
3 - A PINACOTECA DO AMAZONAS: PERCURSOS NA HISTÓRIA E O PROFESSOR DE ARTES	50
3.1 A Pintura e a cidade de Manaus	51
3.2 A coleção de pinturas da Pinacoteca do Amazonas	54
3.3 A Pinacoteca do Amazonas: Espaço, acervo e ações de mediação	64
3.4 A Pinacoteca e uma realidade Norte na arte-educação	75
3.5 Visitando o Espaço com o professor de Artes: Fruir e Contextualizar	80
3.6 O professor de artes e a Pinacoteca (Articulações com o fazer arte na escola)	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	102

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa possui como objeto de estudo a mediação cultural desenvolvida pela Pinacoteca do Estado do Amazonas e sua relação com o professor de artes, analisando os encadeamentos existentes nesse processo de operações junto à arte e a educação formal. Doravante a necessidade de se conhecer o papel da mediação cultural e a condução dos espaços museológicos sobre as ações educativas desenvolvidas pelos professores de artes.

A problemática da pesquisa propõe-se a responder: Como a mediação cultural desenvolvida pelo Museu Pinacoteca do Amazonas participa das ações educativas em Manaus?

A partir de investigações preliminares no processo de conhecimento da relação Pinacoteca/arte-educador, traçamos inicialmente a hipótese de que a Pinacoteca do Estado, por abrigar numerosa coleção de pintura e demais obras de artes visuais, exerce um papel expoente e presente às ações educativas do professor de artes, figurando-se assim como a principal ponte mediadora do patrimônio artístico visual da cidade de Manaus para este profissional da educação. Hipótese que compreendemos hoje não ser verídica, mediante a existência de um distanciamento entre a instituição Pinacoteca do Amazonas e as propostas educativas dos arte-educadores, ao que concerne o âmbito da região norte da cidade, cuja coletamos os dados da pesquisa. Foram objetivos específicos dessa análise: apontar as relações existentes entre o museu, a mediação cultural e a arte-educação; descrever as ações de mediação que a Pinacoteca realiza em seu espaço museal, destacando como o arte-educador experiencia este processo mediador da arte e, analisar a mediação experienciada pelo professor de artes na Pinacoteca do Amazonas pela perspectiva da abordagem triangular.

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, uma vez que se pauta por investigar objetos presentes nos processos socioculturais da sociedade, as suas relações com o museu, com a mediação cultural e o arte-educador.

A pesquisa de campo possibilita a utilização dos mais diversificados instrumentos para o trabalho investigativo, dos quais utilizamos o estudo bibliográfico e documental em sua primeira etapa e, da observação não participativa e realização de entrevista estruturada com arte-educadores e colaboradores da Pinacoteca, na segunda etapa.

Sabemos que existem diversos modos de se observar a realidade ao nosso redor. O homem, historicamente, sempre manteve desperta curiosidade sobre os fenômenos que

vivência, passando a investigá-los para que melhor possa compreender os fatos e elementos do ambiente em que se encontra, sendo a ciência, segundo Minayo, apenas um dos modos de conhecer e compreender esta realidade. Para além da ciência, pode-se utilizar de outras ferramentas como meio de se conhecer os fenômenos que nos envolvem, diz Minayo (2016, p.10). Dentre estes meios, podemos mencionar o mito, a religião, a filosofia e a própria arte, que assim como a ciência, coloca-se como instrumento para explicar e representar as realidades dos grupos sociais, dos fenômenos naturais, metafísicos, enfim, as questões que permeiam a existência dos indivíduos.

A pesquisa científica, para Minayo (2016, p.12), segue o caminho do conhecimento e requer o trabalho junto a diversos fatores. Além de criatividade, o trabalho com conceitos, técnicas e métodos de investigação se deve fazer processar sob formas e tempos particulares. A cada caso investigativo, novas formas de se fazer descobertas revelam-se e desdobram-se. No caminho para a realização desta dissertação, nos deparamos com situações imprevistas que moldaram seu caminho, seus registros, seu tempo.

Nesta direção de correntezas e confluências, organizamos os ciclos que envolveram esta análise em três etapas: Fase exploratória, onde realizou-se estudos bibliográficos e em documentos dos campos de conhecimento da História do Museu, da Mediação Cultural, da Arte-Educação e da Pinacoteca do Estado do Amazonas, cujos resultados apresentamos no primeiro e no terceiro capítulo desta dissertação. Elaboramos uma série de questões a serem esclarecidas tanto por colaboradores da Pinacoteca quanto por arte-educadores, cujas apresentamos no segundo capítulo do presente estudo; no trabalho de campo, realizamos a observação direta não participativa na sede do Museu Pinacoteca do Estado do Amazonas e fizemos a aplicação de entrevistas para os colaboradores da instituição envolvidos no processo de mediação cultural, além de entrevista com arte-educadores, foi feito o ordenamento, a descrição e análise do material/conteúdo coletado no trabalho de campo, cujos resultados apresentamos também no terceiro capítulo desta dissertação, concernente com a articulação do trabalho educativo de uma arte educadora da zona norte de Manaus e a mediação da Pinacoteca.

A Pinacoteca do Estado do Amazonas é uma instituição detentora, atualmente, de um acervo de cerca de três mil obras pertencentes ao patrimônio material e artístico do estado, que desde o ano de 2009. Vem funcionando no prédio do Palacete Provincial, no centro histórico da cidade de Manaus, tendo sido fundada no ano de 1965.

A criação institucionalizada da Pinacoteca, segundo dados disponibilizados pelo Governo do Amazonas, na página online da instituição, ocorreu em 18 de junho do ano de 1965, no governo de Arthur César Ferreira Reis. O artista plástico Moacir Andrade agiu como articulador entre o governo de Ferreira Reis e os artistas residentes na cidade à época. Assim como Andrade, os artistas eram entusiastas do projeto, de o Estado possuir uma Pinacoteca para abrigar a coleção de obras de pinturas dos artistas amazonenses.

A Pinacoteca do Amazonas despontou no cenário cultural local, inicialmente, com um acervo de apenas noventa obras de artes plásticas, contemplando objetos artísticos com as técnicas do desenho, da pintura e da gravura, passando ainda a atuar na formação técnica dos artistas plásticos da cidade. Em seu primeiro espaço físico, localizado na Biblioteca Pública do Estado, abrigou cursos técnicos em pintura e desenho, ministrados pelos artistas Manoel Borges, (desenho) e Moacir Andrade (pintura) cumprindo um papel também de caráter formativo dos artistas da cidade.

Na segunda metade da década de 1960, a Pinacoteca do Amazonas figurava como importante centro de mediação cultural das artes Plásticas na cidade, colecionando, preservando, divulgando a arte local e participando da formação técnica e cultural de artistas. São exemplos de artistas que participaram dos cursos promovidos pela instituição, e que hoje, possuem obras de artes plásticas na coleção do museu, os pintores Hahnemann Bacelar, Zeca Nazaré e Jair Jacqmont, os dois últimos mencionados, ainda são atuantes no cenário artístico da cidade.

O museu é historicamente um lugar de abrigo de coleções, relíquias, discussão intelectual e formação de saberes, configurando-se deste modo como um espaço propício para o desenvolvimento de práticas pedagógicas oriundas do processo escolar. Quando a educação sai da sala de aula e entra no museu, Andrade (2013, p.7), ela recebe o nome de educação museal, posta a se desenvolver neste ambiente.

O que se estabelece entre o patrimônio da cultura, as instituições e o público pertencem ao bojo da mediação cultural. Segundo Lamizet (1999), a mediação cultural é uma ponte entre o objeto cultural e o público, sendo a mantenedora do diálogo entre o público expectador e o patrimônio cultural.

Quem realiza a ponte entre as peças artísticas ou não artísticas pertencentes a uma sociedade é a instituição pública, enquanto a mediação cultural relaciona a sociedade e seu bem

cultural. Nas artes, os museus e galerias são responsáveis por essa função, traçando suas políticas de mediação cultural para fomentar o acesso do público ao patrimônio artístico das cidades, elemento este que no seio social, se torna gerador de sensibilidade, conhecimento e sentimento de pertença, reforçando a identidade da sociedade da qual é oriunda.

A mediação cultural é um conceito que abrange o conjunto de atividades culturais que envolvem os bens da cultura, como o patrimônio arquitetônico e artístico. Estas atividades e bens são capazes de representar e afirmar a identidade de determinado povo Lamizet (1999), revelando as marcas culturais da sociedade. Todo o processo que envolve a oferta da atividade cultural e de seu patrimônio ao público, que com esta se instrui, identifica e sensibiliza, é o campo de atuação da mediação cultural. Sendo assim, o espaço, o ambiente o patrimônio material e imaterial, os diretores, monitores, artistas, todos são participantes do processo de mediação cultural.

A mediação cultural envolve em seu bojo de discussões um trabalho com o patrimônio, a exemplo das coleções, dos espetáculos, das edificações históricas. Nos museus de arte a maneira como a mediação cultural se desenvolve perpassa seus processos de escolher, guardar, divulgar a obra artística, receber e se relacionar com o público. A mediação cultural é uma importante forma de inferir raciocínio e diálogo sobre a nossa relação com a arte em seu ambiente de difusão e acolhimento.

O que acontece no museu de arte, não deixa de ser próprio da arte-educação, uma vez que o alicerce dos estudos em arte é o próprio objeto artístico. Na abordagem triangular, desenvolvida pela arte-educadora Ana Mae Barbosa e que consta nos processos educativos dos nossos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O contato com a obra de arte em seus diferentes suportes deve ser oferecido ao aluno, de modo a ser uma das peças do desenvolvimento da sua cultura.

Na escola, a disciplina Artes deve propor ao aluno o conhecimento de obras artísticas de âmbito regional, nacional e internacional, em que articula o exercício de contextualizar a obra artística, fazer arte na escola e apreciar obras de arte, sendo, portanto, as Pinacotecas e Galerias de Arte, um espaço propício para o desenvolvimento das aulas de artes, uma vez que ao conhecer a obra artística *in loco*, as formas de contato visual e sensível se expandem. Assim, nos motivou o tema da pesquisa, em buscar compreender quão dialógico tem sido o Museu

Pinacoteca do Amazonas, junto à mediação e ação educativa do arte-educador atuante na cidade de Manaus.

O interesse nesta investigação partiu como semente de nossa atividade profissional como arte-educadora, (iniciada no ensino básico e que atualmente, é exercida no ensino superior), e das pesquisas preliminares que realizamos na Pinacoteca do Estado do Amazonas ainda na fase da graduação, entre os anos de 2011 a 2014. Neste período realizamos a partir de dados coletados junto à Pinacoteca do Estado três pesquisas de cunho analítico orientadas pela professora doutora Rosemara Staub de Barros: os PIBIC's intitulados *Semiótica Visual: Artes Plásticas em Manaus (Anos 1990)*; "*Semiótica Visual: Características Culturais nas Artes plásticas em Manaus anos 1980 a 2000 -Fase 3*" e a monografia apresentada à época, como Trabalho de Conclusão de Curso - "*A cultura nas artes de 60: Estudo semiótico do acervo da Pinacoteca do Estado do Amazonas*". No ano de 2016 publicamos um artigo científico acerca da pintura no museu Pinacoteca do Estado do Amazonas e suas correlações culturais, no livro *Fronteira de Saberes*, editado em parceria acadêmica entre a UFAM, UEA e a Universidade da Colômbia – UNAL.

Para pensar a correlação entre o museu, a mediação cultural e a arte-educação, no primeiro capítulo, apontamos a concepção de museu ao longo dos trajetos da história. Com o passar do tempo e a cada civilização, o entendimento, a forma e a finalidade dos museus vieram transformando-se. Por este motivo, entendemos que uma síntese na história e na função social do museu, se faz mister destacar como estes operam na cultura e sociedade. Trazemos nesta primeira parte, a definição e o alcance do conceito de mediação cultural no entendimento do teórico e professor da Universidade de Lyon, Bernard Lamizet, delineando este campo teórico. Após, apresentamos alguns pontos históricos que marcaram a atuação e formação do arte-educador no Brasil, destacando a pertinência do museu de arte em sua correlação com a mediação cultural na práxis do arte-educador.

No segundo, definimos a metodologia desenvolvida na pesquisa, pormenorizando suas escolhas, seus caminhos trilhados, repletos de descobertas que findaram por guiar os próprios resultados obtidos neste processo, sobretudo, o de investigar a arte, a mediação e o trabalho educativo do professor de artes.

No terceiro, destacamos a trajetória histórica da Pinacoteca do Amazonas, em que salientamos as lutas da classe artística em sua concepção e implementação, assim como os

meios de formação do seu acervo. Pontuamos as etapas que envolvem os marcos temporais em suas atividades, desde a criação até o presente, além de questões relativas às potencialidades culturais da instituição no trabalho do arte-educador, através de ações culturais que a Pinacoteca desempenha e que envolvem a formação em artes. A Pinacoteca passou por períodos de abandono por parte do poder público, em alguns momentos de sua história. Hoje, encontra-se inserida nas políticas culturais do estado, estabelecendo-se como um dos grandes museus da cidade de Manaus e o que comporta o maior número de obras de artes visuais.

A mediação da Pinacoteca do Amazonas junto ao trabalho do arte-educador, a partir de pesquisa desenvolvida nas escolas da zona norte de Manaus, pertencentes à Coordenadoria Distrital de Educação da SEDUC VII também é explanada. O número de escolas e a questões administrativas que permeiam a gestão escolar, terminaram por restringir a participação de muitos arte-educadores. Nosso estudo abrangeu apenas 1/3 do contingente de escolas da zona norte da cidade.

Descrevemos nossa observação na mediação no espaço museal da Pinacoteca do Amazonas e, a visita de uma arte-educadora atuante em uma das escolas estaduais do bairro Tarumã, zona norte da cidade à Pinacoteca. Para a preservação da integridade e resguardando os participantes da pesquisa de algum prejuízo frente a participação em nossa investigação as identidades de todos os participantes, assim como das escolas que integram nossos dados encontram-se ocultadas neste texto. A preparação, visita e pós experiência mediadora foi observada e analisada por nós considerando-se o envolvimento da abordagem triangular neste processo mediador da cultura.

Dos autores expoentes sobre a mediação cultural e a arte-educação que foram o aporte para a compreensão do processo cultural e educativo que acompanhamos, em que destacamos a obra de Mirian Celeste Martins, Ana Mae Barbosa e Rejane Coutinho. No campo da mediação cultural, encontramos na obra de Bernand Lamizet, as informações que vieram a esclarecer as questões que envolvem o processo mediador da cultura.

O estudo aqui exposto resulta de um fazer artesanal, em que a realidade encontrada terminou por apontar caminhos para o seu desenvolvimento, o resultado obtido não encerra questões, mas torna-se um gancho para que a mediação cultural em sua relação com o arte-educador seja melhor compreendida e estabelecida, em especial a educação pública nas regiões periféricas das cidade

1 - O MUSEU, A MEDIAÇÃO CULTURAL E A ARTE-EDUCAÇÃO

Figura1. Observando a pintura, gravura digital, Mariene Mendonça



Fonte: Freitas, 2019

*Viver a arte é se deixar levar pelo dom
de emocionar-se com o mundo e a fantasia
desejando com calor que as pessoas ao redor experimentem o mesmo.
É saber que a emoção que ela provoca é um tipo de paz
e um modo solitário de descoberta,
e que lidar com ela é florir-se e despir-se.
A arte nos expõe aos sentimentos do homem,
tornando a vida mais abundante e densa,
onde reza-se delicadeza e intensidade, opacidade e brilho.
Quem faz ou ensina a arte habita um universo de cores,
formas, ideias e histórias que abraçam a vida das pessoas,
executando a sinfonia íntima que há na profundidade dos corpos.
A arte é a matéria do grito e do silêncio.
(In, "Caminhantes nas Artes", Mariene Mendonça 2016)*

1.1 O papel social do museu

A associação entre a arte e o museu remonta ao período da Grécia antiga. O museu tem seu nome ligado às nove musas gregas, que seriam representantes das artes, da memória e da imaginação. O *mouseion*, (musa, em grego) tinha como serventia a função de um espaço templo, onde os objetos dispostos, Suano (1986, p.9) tinham como função homenagear e agradar aos deuses, além de ser um ambiente para discussões intelectuais.

O termo museu, nos remete principalmente às artes e ciências em seus objetos e conhecimento, pois ao longo do tempo, tradicionalmente, o espaço museológico passou a abrigar coleções desta natureza, sendo esta, a função principal que lhe atribuímos como costume na contemporaneidade.

Tecnicamente, o termo museu possui conceituação formalmente legislada em texto redigido pelo ICOM, o Conselho Internacional de Museus, do qual se aplica ao conceito de museu a finalidade de servir à sociedade, educando-a e participando do seu desenvolvimento, conhecimento e experiência sensível, conforme apontado no fragmento a seguir:

A maioria dos países definiu o museu, pelos textos legislativos ou por meio de suas organizações nacionais, de formas variadas. A definição profissional de museu mais conhecida atualmente continua sendo a que se encontra nos estatutos do Conselho Internacional de Museus (ICOM), de 2007: “o museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite”. (DESVAILLÉS, MAIRESSE, 2013, p. 52).

Para os gregos antigos, todavia, o museu era destinado à atividade interdisciplinar de culto aos deuses, produção de arte e de estudo em ciências, literatura e filosofia. Na idade média, o interesse pelas coleções de arte estivera sob domínio da igreja católica, que usava as coleções para atrair o interesse dos fiéis.

No que desrespeito ainda ao termo museu, este ficou quase sem uso no período histórico medieval, tendo voltado a ganhar força nos séculos XV e XVI, favorecido por eventos como: a cultura monárquica, (que tornara tendência social possuir coleções de arte), os ideais renascentistas, a figura dos mecenas e a expansão marítima. Com relação aos fatores acima elencados, aponta Julião (2006, p.20) que:

É de conhecimento corrente que a palavra museu se origina na Grécia antiga. Mouseion denominava o templo das nove musas, ligadas a diferentes ramos das artes e das ciências, filhas de Zeus com Mnemosine, divindade da memória. Esses templos não se destinavam a reunir coleções para a fruição dos homens; eram locais reservados à contemplação e aos estudos científicos, literários e artísticos. A noção contemporânea de museu, embora esteja associada à arte, ciência e memória, como na antiguidade, adquiriu novos significados ao longo da história. O termo foi pouco usado na idade média, reaparecendo por volta de XV, quando o colecionismo tornou-se moda na Europa. Nesse período, o homem vivia uma verdadeira revolução do olhar, resultado do espírito científico e humanista, do Renascimento e da expansão marítima, que levou a Europa a um novo mundo. As coleções principescas, surgidas a partir do século XIV, passaram a ser enriquecidas, ao longo dos séculos XV e XVI, de objetos e obras de arte da antiguidade, de tesouros e curiosidades provenientes da América e Ásia e da produção de artistas da época, financiados pelas famílias nobres. (JULIÃO, 2006, p.20)

Nas antigas civilizações do Egito e Roma, as coleções de obras de arte tiveram fortes raízes na cultura exercida, assim como para os antigos gregos. Para os romanos, estas coleções se relacionavam à finalidade do entretenimento e da curiosidade, reunindo objetos oriundos das atividades culturais dos povos conquistados nas guerras.

Para os egípcios, o termo *mouseion* designava sobretudo um espaço de saberes, no que podemos afirmar que para esta civilização, o museu deteve uma função ao mesmo exemplo dos gregos antigos, como um espaço para objetos, discussões e educação:

Segundo Teixeira Coelho (2004), a palavra mouseion, na Roma Antiga, era usada com sentido restrito de “local de discussão filosófica”, e os romanos exibiam obras de arte e curiosidades em seus templos. A aristocracia romana colecionava obras de arte e outros objetos provenientes de regiões conquistadas pelo Império Romano. No Egito Antigo, sob a dinastia de Ptolomeu I, no século III, a palavra mouseion denominava um lugar de discussão e ensino de todo o saber existente, próximo do sentido atual de universidade. Isso permitiu a Alexandria formar o seu grande mouseion de saber enciclopédico, sobretudo, nos campos da religião, mitologia, astronomia, filosofia, medicina, zoologia e geografia. (ARRUDA, 2011, p.47 apud COELHO, 2004, p.269).

No mesmo período em que as coleções de arte, dos príncipes e nobres, se tornavam cada vez mais comuns pela Europa, surgiram também as coleções abrigadas em gabinetes, conhecidos como gabinetes de curiosidades. Além destes, havia as coleções científicas, nas quais reuniam-se espécies biológicas, ou ainda, objetos de outros povos, estas últimas, à época, também eram designadas de museu, apesar de tratar-se de coleções privadas para as quais o público não tinha acesso.

Foi a partir da revolução francesa, no final do século XVIII, que o museu atrelado à concepção de patrimônio público passou a emergir (JULIÃO apud CHOAY) e as coleções tornaram-se abertas ao público e institucionalizadas pelo Estado. Tal acepção aproxima-se do termo museu, atualmente. A ideia francesa era a de que os bens pertencentes ao poder monárquico, ao clero e dos emigrados, integrassem-se ao então patrimônio nacional. Para isso, desenvolveu-se, dentro do poder público francês, um aparato técnico e jurídico como suporte - estrutura que se estende aos museus, atualmente.

A concepção de que o museu deveria ser do povo e a este servir, promovendo sua instrução no tocante ao conhecimento histórico e artístico, com acervo do patrimônio nacional, foi um projeto da França, que previa a criação dos espaços museológicos em todo o seu território. Tal projeto não veio efetivamente a implementar-se neste período dos anos de 1700, exceto pela criação do Louvre, que reunira importante acervo de obras de arte no ano de 1793.

Após a diretriz dos franceses de que o museu deveria ser um ambiente de instrução e com caráter nacionalista no século seguinte estes dois vieses também passaram a delinear-se gradativamente em outros territórios do continente Europeu, imbuindo ao museu à atividade de instruir e representar a nação:

Se a conjuntura da revolução francesa, em fins do século XVIII, traçou os contornos da acepção moderna de museu, esta se consolidaria no século XIX, com a criação de importantes instituições museológicas na Europa. Em 1808, surgia o Museu Real dos Países baixos, em Amsterdã; em 1819, o Museu do Prado, em Madri, em 1810, o Altes Museum, em Berlin, e em 1852, o Museu Hermitage, em São Petersburgo, antecidos pelo Museu Britânico, em 1753, em Londres, e o Belvedere, em 1783, em Viena. Concebidos dentro do “espírito nacional”, esses museus nasciam imbuídos de uma ambição pedagógica, formar o cidadão, através do conhecimento do passado-participando de maneira decisiva do processo de construção da nacionalidade. Conferiam um sentido de antiguidade à nação, legitimando simbolicamente os Estados nacionais emergentes. (JULIÃO, 2011, p.21)

Podemos dizer que, a acepção de museu atual, abrange os seus aspectos educacionais e sociais, cuja função perpassa pela experiência humana, provocando sensibilidade, conhecimento, sentimento de pertença e reconhecimento à determinado meio social. Os campos culturais das ciências, das artes e das diversas formas de ser, estar e fazer das sociedades são os temas desenvolvidos pelos museus, que nos tem elevado tanto à percepção sensorial quanto a instrução pessoal:

Podemos assim, acompanhando o pensamento de Judith Spielbauer (1987), conceber o museu como um instrumento destinado a favorecer “a percepção da interdependência do Homem com os mundos natural, social e estético, oferecendo-lhe informação e experiência, e facilitando a compreensão de si mesmo em um contexto mais amplo”. O museu pode ainda se apresentar como “uma função específica, que pode tomar a forma ou não de uma instituição, cujo objetivo é garantir, por meio da experiência sensível, o acúmulo e a transmissão da cultura entendida como o conjunto de aquisições que fazem de um ser geneticamente humano, um homem”. (DESVAILLÉS, MAIRESSE, 2013, p. 52)

No Brasil, o museu nos mesmos moldes implementados na Europa no século XVIII tem início com o Museu Real, em 1818. A coleção do Museu Real inicialmente fora composta de peças de história natural pertencente a D. João VI, posteriormente, o Museu Real se transformara em Museu Nacional, passando a abrigar as principais coleções científicas e etnográficas do país, coleções cujo destino encontra-se incerto nos dias de atuais, devido ao incêndio que terminou por destruir a sede do Museu Nacional em setembro de 2018.

Foi em 1922 do século XX, o Museu Histórico Nacional inaugurou no país o modelo de museu nacionalista. Tendo em suas diretrizes ideológicas a instrução do povo brasileiro, o MHN, trouxe ao público incentivo ao civismo, privilegiando um acervo ufanista, que cultuava as tradições brasileiras do passado.

Em 1923 foi criada a Inspeção dos Monumentos, e em 1934 o Serviço de Proteção aos Monumentos Históricos e Obras de Arte, sinalizando para uma preocupação com a preservação dos bens relativos à história, cultura e saberes brasileiros:

Desde os anos vinte, algumas iniciativas do âmbito federal vinham delineando uma política de preservação, a exemplo da criação da Inspeção dos Monumentos, em 1923, e da organização em 1934, do Serviço de Proteção aos Monumentos Históricos e Obras de Arte, presidido pelo então diretor do MHN, Gustavo Barroso. Assim como o Museu Histórico Nacional, esses órgãos concebiam o patrimônio e a história como campos voltados para o conhecimento e culto da tradição, privilegiando aspectos morais e patrióticos, em uma visão grandiloquente e ufanista do passado e da nação. (JULIÃO, 2011, p. 23)

Diferentes movimentos acerca do papel social do museu se deram em âmbito nacional, uma vez que o próprio signo “patrimônio”, era alvo de discussões entre governantes e intelectuais. Mário de Andrade, a pedido de Gustavo Capanema (Ministro da Educação e da Saúde Pública) em 1936, chegou a elaborar um documento no qual formalizava uma política para o patrimônio nacional.

O documento do escritor contemplava, por exemplo, além da atividade etnográfica, a diversidade cultural brasileira, privilegiando a potencialidade educativa dos museus. As propostas do documento não foram adotadas pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, (SPHAN) órgão governamental criado em 1937 pelo ministério da cultura.

Ao contrário da proposta desenvolvida por Mário de Andrade, o que se vira à época, foi que em pleno Estado Novo, a concepção de patrimônio tornara-se restrita, privilegiando alguns pontos históricos e elitizados da cultura e da história nacional, conforme aponta Julião, (2011, p. 24) no fragmento a seguir:

Convicto de que os museus poderiam prestar-se como espaço de preservação da cultura do povo e exercer importante função educativa, Mário de Andrade propôs a criação de quatro grandes museus, que corresponderiam aos quatro livros de tombos a serem adotados: arqueológico e etnográfico, histórico, das belas artes e das artes aplicadas e tecnologia industrial. A prática do SPHAN, entretanto, seguiu uma trajetória distinta daquela idealizada por Mário de Andrade. Em detrimento do pluralismo cultural contemplado no anteprojeto de 1936, o órgão oficializou um conceito de patrimônio restritivo, associado ao universo simbólico das elites, à ideia hierárquica da cultura e ao critério exclusivamente estético dos bens culturais.

Um dos pontos chave das discussões acerca do papel social do museu aconteceu nos anos de 1970. A reformulação da concepção de museu já vinha sendo reestruturada desde os anos de 1960 nos EUA. A diversificação da cultura passa a ser a nova concepção que visava adentrar as portas dos que seriam os novos museus, os quais aos poucos abandonariam a preferência temática pelos interesses culturais das elites, numa proposta que iria de encontro aos anseios da própria sociedade da época, que vivia um momento efervescente de transformações socioculturais que questionava os padrões social vigentes:

Em sua XI conferência realizada em Paris e Glénoble, em 1971, o Icom discutiu o tema “o museu a serviço do homem presente e futuro”. No ano seguinte, em maio de 1971, o Icom discutiu o tema “o museu a serviço do homem presente e futuro”. No ano seguinte, em maio de 1972, a Unesco promoveu a Mesa Redonda de Santiago do Chile, evento que constitui um marco no processo de renovação da museologia. Novas práticas e teorias sinalizaram a função social do museu, se contrapondo a museologia tradicional, que elege o acervo como um valor em si mesmo e administra o patrimônio na perspectiva de uma conservação que se processa independentemente de seu uso social. Tratava-se de redefinir o papel do museu tendo como objetivo maior o público usuário, imprimindo-lhe uma função crítica e transformadora na sociedade. Em 1984 era lançado o Movimento Internacional da Nova Museologia (Minon), em Québec, Canadá, respaldando tais inovações. (JULIÃO, 2011, p.27)

O museu ao longo do tempo possuiu diferentes papéis na sociedade. Dos templos das civilizações antigas, que inseriam no espaço das coleções atividades de saberes diversificados, até a ficção social atual, que vêm a ser centralizada nas conveniências do público, o museu tem feito parte da cultura e das formas de instrução desenvolvidas em sociedade.

Com relação ao museu de arte, as transformações na comunicação pelas quais o século XXI vêm passando, as mudanças da relação arte/público proporcionadas pelos museus, também tem passado por verdadeiras metamorfoses, cuja causalidade perpassa a questão da cultura globalizada e o envolvimento das cidades nestes processos:

Tudo indica que os museus de arte do século XXI vivem um período de intensa mudança, com repercussões na sua identidade herdada do passado. Esta alteração em curso tem implicações no desenvolvimento das práticas de comunicação que os museus hoje estabelecem com as comunidades de visitantes que os procuram. Na origem desta alteração, encontramos as premissas do desenvolvimento cultural globalizado, problemática hoje debatida por filósofos e sociólogos. De facto, coube aos grandes museus a responsabilidade de marcar, ao nível planetário, uma vontade de visibilidade e de protagonismo social dirigido, sobretudo, para o envolvimento cultural dos que habitam as cidades. (FRÓIS, 2011, p.1)

Dentre as recentes transformações comunicacionais que a tecnologia contemporânea trouxe aos museus estão as plataformas online, que vieram possibilitar o acesso às coleções dos museus de modo virtual, tornando-os acessíveis no cotidiano das pessoas. As discussões acerca do uso da informática e da internet pelos museus datam dos anos 90. No Estado da Pensilvânia (EUA) realizou-se em 1991, a primeira conferência acerca da virtualidade e os espaços de museus, cujo foco de debates enfatizou as potencialidades da interatividade e da hipermídia como elementos de transformação do museu no século XXI, em tal evento, versou-se também sobre as possibilidades de preservação das coleções museológicas tendo como instrumento o aparato digital:

Em relação ao uso da Internet pelos museus, os primeiros debates surgiram em 1997 quando se realizou em Los Angeles, na Califórnia, a primeira conferência sobre museus e Internet. Chamadas de Museums and Web, estas conferências são realizadas anualmente nos Estados Unidos ou Canadá e têm como objetivo reunir os profissionais dos museus, principalmente aqueles ligados às áreas de novas tecnologias, para discutir as questões pertinentes ao uso da Internet pelos museus. (HENRIQUES, 2004, p.1)

Podemos apontar como vantagens do advento do museu com uso tecnológico digital, duas principais funções: a primeira, com relação a melhor preservação do acervo; a segunda,

devido as possibilidades de globalizar-se ao público, facilitando o acesso às coleções. O avanço desta relação desembocou nos museus virtuais, que são os que possuem acervos em modo online, fazendo da interface digital o seu salão expositivo, dispensando no processo da fruição o objeto material, justapondo neste espaço as obras em (digito binário) bits:

A Internet possibilitou transformar átomos em bits. Ou seja, matéria palpável (objetos) em código binário. Nesse sentido, os museus passam a trabalhar com referências patrimoniais digitais na Internet. E, portanto, passíveis de serem trabalhadas de várias formas. Além disso, a Internet possibilitou aos museus interagir de forma globalizada, alterando a noção de tempo e de espaço. Ou seja, o museu na Internet nunca fecha. (HENRIQUES, 2004, p.3)

Segundo, Andrews e Schweibenz (1998, p.22) são considerados como museus virtuais aqueles que possuem a conectividade como meio de acesso ao público, o que lhe dá a potencialidade de uma comunicação interativa com o visitante, que não adentra em um espaço físico, posto o museu virtual abrigar-se no próprio ciberespaço, transcendendo assim a forma como lida com seu público e apresenta seus objetos, podendo ser acessado a qualquer parte e qualquer momento pelo mundo, sendo portando uma forma dinâmica e inovadora de existência dos museus neste início de século.

Com os museus virtuais da atualidade, a forma de relação público/museu/obra recebe um novo canal de comunicação e existência. Ambos os museus, o físico e o virtual, coexistem entre si de maneiras diferentes, apesar de que ambos, à medida em que o visitante o acessa, é capaz de proporcionar uma experiência sensível e instrutiva com relação a seus acervos e respectivos conteúdos, de maneira diferenciada.

O museu virtual em muitos casos, é uma versão do museu físico. Ressaltamos, que há também os museus físicos cujos objetos expositivos possuem natureza digital. Para Rocha (2008, p.84), as formas com que os museus virtuais e físicos se estabelecem também se diferenciam, enquanto o museu físico é essencialmente permanente, o virtual é de conteúdo instável e dinâmico:

A existência simultânea de museus físicos e eletrônicos constitui uma marca deste século no âmbito cultural contemporâneo. Embora as funções museológicas sejam as mesmas, no mundo físico e no ciberespaço, os museus apresentam características diferenciadas: os museus no espaço físico apresentam materialidade, ênfase na obra única, permanência, estabilidade, caráter institucional por definição, linearidade, processo de comunicação e transferência de informação unidirecional e assimétrico; tendência à separação dos polos receptor/emissor. Os museus no ciberespaço se caracterizam pela imaterialidade, ubiquidade, provisoriedade, instabilidade, caráter

não necessariamente institucional, hipertextualidade, estímulo à interatividade e tendência à comunicação bi ou multidirecional. Logo, as mensagens e a linguagem de cada meio deverão levar em conta o comportamento do visitante de cada um destes ambientes. (Rocha, 2008,p. 83 apud LOUREIRO, 2003, p.172)

Dos espaços de discussão da antiguidade até a presente virtualidade, o museu sempre esteve envolvido com a instrução humana. No espaço museológico ocorre um tipo de transposição entre o que os objetos carregam e o público, gerando uma complexa atividade empreendida nos museus, que envolve acima de tudo, uma relação sensível entre o museu, o objeto cultural e o público. Desta maneira, é de suma importância o entendimento do quão abrangente é o conceito de mediação cultural, categoria fundamental para se pensar o papel do museu nesta tríade relação.

1.2 A Mediação Cultural e o Museu

Estando em permanente contato entre o objeto público e a sociedade, o papel do museu é sobretudo um papel mediador, ou seja, o que atravessa a cultura, leva determinada experiência da cultura às massas, a partir da política que desenvolve. Segundo Franciscón, a palavra mediação é de origem grega e possui lato sentido, mas que sobretudo detida o significado que algo que está entremeios, realizando uma espécie de intercessão entre indivíduos ou instituições:

Mediação é uma palavra que se originou do grego mesou e do latim mediatio (NASCIMENTO, 2008), cuja etimologia gera as seguintes significações: conciliação, intervenção, intercessão e interferência (ter participação ou poder de decisão ou meios para alterar ou modificar). Em Saraiva (2006, p. 271) encontra-se o sentido da palavra a partir do latim médius que significa o que está no meio, centro, entre dois, que concilia duas coisas contrárias; que observa neutralidade, que é neutro. Nesta direção, Lalande (1993) designa que mediação seja uma relação de “entre meios”, entre indivíduos e objetos, ou entre indivíduos e instituições. (FRANCISCON, 2012, p.45)

No campo de estudo e atuação das atividades que envolvem o bem público e a sociedade, seja este um acervo de museu ou bens culturais de outra natureza, está a mediação cultural. O conceito de mediação cultural vem designar o elo existente entre a obra de arte, a atividade cultural e o público, tratando-se de um termo que tem recebido estudos nos campos

da comunicação, museologia, das artes, da educação, da sociologia, do turismo, entre outros campos de estudo.

O conceito de mediação também se aplica a prática adotada pelos educadores no âmbito da educação museal. Esta prática, segundo o ICOM (2014) tem em si a ação de colocar de acordo ou reconciliar o público de museu com o que é exposto, em uma construção conjunta de conhecimento, destaca Mellado, (2019, p.14), que enfatiza ainda em citação do ICOM:

A mediação procura favorecer o compartilhamento de experiências vividas entre o público e as exposições na sociabilidade da visita, buscando referências comuns. Utilizam-se de estratégias de comunicação com caráter educativo, que mobilizam técnicas em torno das exposições “para fornecer aos visitantes os meios de melhor compreender certas dimensões das coleções e de compartilhar as apropriações feitas”. Mellado, 2019 apud ICOM, 2014

Segundo o livro *Conceitos-chave de Museologia*, (grifo nosso), a mediação é o elo entre objeto de exposição e o público, numa espécie de intermediação, da qual inclusive, etimologicamente o conceito se aproxima:

A mediação designa a ação de reconciliar ou colocar em acordo duas ou várias partes, isto é, no quadro museológico, o público do museu com aquilo que lhe é dado a ver; sinônimo possível: intercessão⁴⁹. Etimologicamente, encontraremos no termo “mediação” a raiz med, que significa “meio”, raiz que pode ser lida em diferentes línguas (no inglês middle, no espanhol médio, no alemão mitte), e lembra que a mediação está ligada à ideia de uma posição mediana, a de um terceiro que se coloca entre dois polos distantes e que age como um intermediário. Se esta postura caracteriza bem os aspectos jurídicos da mediação, em que alguém negocia a fim de reconciliar adversários e de alcançar um modus vivendi, essa dimensão marca também o sentido que toma essa noção no domínio cultural e científico da museologia. Aqui também a mediação se coloca “entre dois”, em um espaço que ela buscará reduzir, provocando uma aproximação ou, dito de outro modo, uma relação de apropriação. (DESVAILLÉS, MAIRESSE, 2013, p. 53)

A partir da afirmação de Desvillés e Mairesse, identificamos que a mediação é um tipo de processo operado pelas instituições, com todo o seu aparato, e por onde a experiência com a cultura é promovida. As ações culturais e os objetos simbólicos da arte, como a pintura, a dança, o teatro e suas demais manifestações ganham corpo, forma, pensamento e vida pelo papel da mediação cultural. São nas formas da arte, da arquitetura, da atividade artística, que a cultura frequentemente recoberta de experiência ganha notoriedade e significado na sociedade.

Um dos estudiosos sobre mediação cultural, Bernard Lamizet, professor francês de Ciência da Informação e Comunicação de Lyon, toma o conceito de mediação cultural como

sendo o conjunto de atividades culturais, o patrimônio arquitetônico e artístico de um local, Lamizet (1999, p.9), atribuindo à mediação uma forma de representação e afirmação de identidade de um povo, um modo de se apresentar e se estabelecer.

As formas como o patrimônio público gerido pelas instituições são apresentadas, levadas, expostas e dialeticamente significadas e ressignificadas junto às populações que de forma corrente as encontram e acessam, são capazes de figurar na sociedade marcas socioculturais. O território de ação da mediação cultural envolve, portanto, tanto o que se oferece ao público, inclusive os agentes que zelam pelas relíquias de uma sociedade, quanto os sentimentos gerados mediante o acesso a estas relíquias pela população.

As instituições que promovem a cultura possuem um papel importante junto ao meio social, como o museu, o teatro, as galerias; uma vez que o sentimento de pertença e sociabilidade são desenvolvidos junto às estruturas políticas e o universo institucional. O composto da atividade artística, da arquitetura, dos monumentos existentes, são agentes de representação e significação, os quais ingressam nas políticas de mediação cultural.

Os espaços públicos promotores da cultura, são, portanto, figuras que promovem processos de mediação cultural fortemente relacionados ao cenário social, agindo de forma interativa e, portanto, dialógica com o público:

A sociedade pode existir apenas se cada um dos seus membros tem consciência de uma relação dialética necessária entre a sua própria existência e a existência da comunidade: é o sentido da mediação que constitui as formas culturais de pertença e de sociabilidade dando-lhes uma linguagem e dando-lhes as formas e os usos pelos quais os atores da sociabilidade apropriam-se dos objetos constitutivos da cultura que funda simbolicamente as estruturas políticas e institucionais do contrato social. É no espaço público que são levadas a efeito as formas da mediação, que trata-se do lugar no qual é possível tal dialetização das formas coletivas e as representações singulares. O espaço público é, por definição o lugar da mediação cultural. (LAMIZET, 1999, p.15):

Lamizet afirma que a cultura aparece para a sociedade na forma de mediação. Quem promove essa visibilidade da cultura na sociedade são as políticas culturais, atividades desenvolvidas processualmente pelas instituições, na qual Lamizet (1999, p.15) entende como sendo um trabalho de tradução institucional, cujo sentido também pode ser tomado como um trabalho de representação social, uma vez que nele a sociedade se percebe e reconhece.

Corroborando com Lamizet, os autores Desvaillés e Mairesse (2013, p.52) afirmam que o conceito geral de mediação pensa a cultura em si mesma, na qual os participantes de tal

semiosfera¹ se reconhecem, percebendo as características de seu grupo social e de sua própria identidade, sendo que na mediação cultural, o que se apresenta ao público e como se apresenta é uma das funções sociais que lhe cabe enquanto campo de estudo e atuação prática:

O conceito geral de mediação serve também para se pensar a instituição da cultura por ela mesma, como transmissão de um fundo comum que reúne os participantes de uma coletividade e na qual eles se reconhecem. Nesse sentido, é pela mediação de sua cultura que um indivíduo percebe e compreende o mundo e sua própria identidade: muitos falam então de “mediação simbólica”. No campo cultural, a mediação intervém sempre para analisar a “apresentação ao público” das ideias e produtos culturais – sua apropriação midiática – e descrever a sua circulação no espaço social global de Intercensão no sentido de intervenção a favor de partes envolvidas. (DESVAILLÉS, MAIRESSE, 2013, p. 52)

Graças aos processos mediadores, a cultura acaba agindo de forma a circular na sociedade, uma vez que ela é o meio propulsor do bem institucional junto ao público. O mediador é uma figura importante neste trabalho dialético entre obra artística, ação cultural, lugar e sociedade, pois como as estruturas sociais tornaram-se complexas, o trabalho por ele desenvolvido torna-se crucial pelo caráter de agente cooperador e intermediário da arte e cultura correlacionado ao público:

Na história da produção e recepção de objetos culturais, os mediadores tendem a designar o conjunto de intermediários pelos quais as obras ou objetos poderiam se tornar conhecidos, compreendidos, recebidos. Os mediadores participariam então da circulação do sistema cultural.

Temos uma crescente distinção social da organização cultural, tendo em vista a complexificação do sistema cultural. Essa distinção e especialização adquiridas pelo sistema são reflexos do processo de complexidade das relações humanas e produtivas que culminou com uma maior divisão social do trabalho. Diferente de quando tais atividades eram desenvolvidas de modo mais amador pelos criadores/artistas que queriam divulgar e/ou vender as suas obras, ou até mesmo profissionais que não conseguiam dar conta de tantas responsabilidades e burocracias inerentes ao processo da produção cultural. Precisamos de um “mediador” para este sistema. (FIGUEIREDO, 2009, p.4)

As políticas culturais são um conjunto de estabelecimentos do universo administrativo, cultural e jurídico, repleto de estruturas regentes às normas e procedimentos das instituições do Estado com a cultura e o corpo social.

¹ **Semiosfera:** Conceito da semiótica da cultura, desenvolvido por Iury Lotman, que designa o espaço onde a cultura se desenvolve, repleta de signos (aquilo que significa, detém poder de desígnio) em interação e dinamicidade.

Para Coelho (2004, p.17), as políticas culturais representam as formas pelas quais a mediação cultural se posiciona e articula nas instituições. Faz parte da política cultural, por exemplo, o planejamento, a organização, a seleção material e imaterial, a estratégia mediadora de atendimento ao público e assim por diante.

As empresas e grupos sociais em que as ações são destinadas ao atendimento cultural da população e cujas ações tornam-se públicas também se norteiam pela política cultural, a qual desenvolve representações simbólicas que operam no âmbito das organizações sociais.

A política cultural, faz com que a cultura se desenvolva em determinada localização, cidade, Estado, que destinam suas políticas culturais, gerenciam recursos orçamentários, e opere práticas administrativas para um público previamente definido, em que as interações sociais e os meios de vida são transformados, agindo nas formas de viver, como salienta Hamilton Faria (1998, p.9):

A política cultural designa a ação do poder público ancorado em operações, princípios e procedimentos administrativos e orçamentários”. Para eles, tal política é direcionada para melhorar a qualidade de vida através de atividades culturais, sociais e recreativas, mas não somente para alguns segmentos da sociedade, e sim uma ação voltada para todo o município.

A mediação cultural existe na prática sob dois caminhos, um no qual a mediação é estabelecida de forma presencial, em que os meios físicos se apresentam como os canais de relação com a cultura e o público, como por exemplo nos espaços expositivos de museus e teatros, onde a obra é fruída nos meios físicos presentes entre as partes, a arte e a pessoa. E, pela forma indireta, onde a fruição, a estética, a sensibilidade e o conhecimento de uma obra artística ou demais bens culturais se dará indiretamente por outros elementos, como um produto audiovisual, livreto, cartaz, folder e assim por diante, como comenta Fauche, (2002):

[...] indireta (ou de suporte) trabalha com outras possibilidades de suportes físicos, tais como fichas de ajuda à visita, vídeos, etc., devendo anteceder a concepção de público para poder realizar um acompanhamento de forma mais A mediação direta, a qual depende diretamente da presença de um profissional da mediação, trabalha com a interação deste profissional com grupos de visitantes e a gestão de como o percurso será realizado. Já a mediação pertinente.

O museu é o espaço original da mediação cultural, por tratar-se de um ambiente que se faz de abrigo ao conhecimento da arte, da ciência, da história, da cultura de um país, de uma sociedade. Ao acessar o museu, seja de forma direta, visitando-o *in loco*, seja de maneira

indireta, como pelas plataformas digitais, adentra-se no universo da cultura, da pertença social e da sensibilidade para com a sua própria identidade.

O museu e a mediação envolvem-se em um trabalho de saber, de gestão e de sensibilização do homem, sendo que a mediação cultural se configura como uma verdadeira ponte entre a cultura e o público. Em se tratando da cultura artística, foco deste trabalho de pesquisa, é de fundamental importância oportunizar a intimidade e contato com as obras de arte que os museus compartilham na atividade mediadora que realizam com o público, exemplo deste trabalho mediador, a Pinacoteca do Amazonas, palco em que realizamos nossa investigação.

1.3 A arte-educação no Brasil e a Mediação em Museus

A arte no âmbito da educação brasileira, até os anos de 1970, esteve implementada no país à serviço de uma cultura que favorecesse a classe elitista da sociedade, que detivera o acesso aos cursos de artes até então e para quem, esta mesma arte, se desenvolvia e servia. Uma arte que se tomava, na prática, como um processo de realização de artesanias, se aproximando do design e subserviente às demandas do mercado de trabalho e das concepções de intelectuais estrangeiros.

Agregando-se ao ensino de modo a ser trabalhada como um mero apêndice para o desenvolvimento de outros componentes do currículo escolar, a arte encontrava-se atrelada à ideia do fazer artístico como a busca de um produto, formulação difundida e alicerçada através da influência de Dewey e sua concepção de “arte consumatória”.

A formação deficitária dos professores de artes, também, acrescentava no aprofundamento das contradições existentes na arte-educação, que se implementava nas escolas no âmbito das artes visuais, um cenário que só passaria a operar mudanças a partir dos anos de 1980.

Até os anos 70 a formação do arte-educador era polivalente, em que em pouco tempo, (dois anos) o professor deveria adquirir habilidades profissionais para trabalhar as linguagens das artes visuais, música, teatro e dança:

Na esteira da abertura política e dos debates críticos sobre a função equalizadora da educação, na década de 80 e nos anos subsequentes, autores, instituições e órgãos governamentais, discutiram o ensino de arte, a histórica situação marginal dessa área

na escola e questionaram as práticas vigentes. Ora espontaneista, ora tecnicista, dentro de uma perspectiva metodológica que enfatizava o fazer, sob a ação do professor polivalente sem formação específica, esse ensino foi questionado por desconsiderar os conteúdos próprios de cada linguagem e a arte como um campo com saberes historicamente constituídos. O que ocorreu foi um movimento pela retomada da arte em sua especificidade com conteúdo, metodologia e uma epistemologia que a sustentasse. (SUBTIL, 2011, p.8)

O termo arte-educação vem designar toda a classe de profissionais licenciados em artes, que a partir dos anos de 1980 começaram a se reunir e articular em debates sobre o ensino de artes no Brasil. Veio a ser adotado dentro e a partir do chamado Movimento Arte-educação, articulado e liderado principalmente pela professora Ana Mae Barbosa, pesquisadora que também trouxe a metodologia (ou proposta) triangular para o ensino das artes visuais:

A Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) e a Federação de Arte Educadores do Brasil (FAEB) foram criadas com o intuito de fomentar essa discussão e desempenharam importante papel nesse intento pela promoção de encontros nacionais e regionais, seminários, debates e publicações. Nesse tempo se fortalece um movimento das Artes Plásticas generalizado sob a denominação arte-educação – os professores são denominados arte-educadores. (SUBTIL, 2011, p.8)

A abordagem triangular dentro da arte-educação veio alicerçar o ensino de artes em três pilares, sendo estes a contextualização da obra de arte, a apreciação da arte e o fazer arte. Tais pilares revitalizaram as formas de estabelecimento da arte na educação brasileira, sendo esta, uma proposta de ensino que abraçou as potencialidades da arte para o desenvolvimento sensível, cognitivo e humano do indivíduo:

Formulada já na década de 70, que apregoeou a Metodologia Triangular com três eixos: História da Arte – Leitura da Obra de arte – Fazer artístico. (BARBOSA, 1991). Essa metodologia, mais tarde retificada por Ana Mae Barbosa como Proposta Triangular (PENNA,2001), encaminhou os debates sobre conteúdos e métodos no ensino de artes. Importa reafirmar que os conceitos tanto de arte-educação quanto de metodologia triangular foram produzidos no campo do ensino das artes visuais, mas generalizados e estendidos para as outras áreas. (SUBTIL, 2011, p.8)

A abordagem triangular indicou para um trabalho com a arte na educação, componentes que operaram o lado sensível, cultural e humano, com os quais a arte natural e intrinsecamente se relaciona e, conseqüentemente ao distanciamento da arte-educação em suas abordagens anteriores, a do fazer arte como produto final, a livre expressão, a repetição de exercícios prontos, e da reprodução técnica mecanicista, que foram até então as principais metodologias de ensino de artes empregadas nas escolas brasileiras.

Em 1996, após oito anos de reivindicações por parte dos arte-educadores, já articulados em confederações, destacada a FAEB, Federação de Arte-educadores do Brasil, entidade existente e ativa até o presente, a arte-educação passou a ser obrigatória como disciplina no currículo escolar. Prevista no Art. 26, § 2º, da Lei 9394/1996 a Lei de Diretrizes e bases da Educação LDB diz que “O ensino de Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), publicado em 1997, na área de conhecimento das artes diz que, esta é uma área que possui suas próprias especificidades enquanto área do conhecimento e que, compõe o currículo escolar para fins de promover os sentidos e a experiência humana sensível e cultural, desenvolvendo sua habilidade e poder de criticidade e articulação com outras esferas do conhecimento, o que se coloca como elemento fundamental e positivo para a qualidade de vida do educando:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. Conhecendo a arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer abertura à riqueza e à diversidade da imaginação humana. Além disso, torna-se capaz de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo objetos e formas que estão à sua volta, no exercício de uma observação crítica do que existe na sua cultura, podendo criar condições para uma qualidade de vida melhor. (PCN-Artes, 1997, p.10)

A arte-educação, em sua proposição escolar atual, estabelece uma relação de proximidade entre o aluno e a experiência artística com o objeto arte, seja de maneira prática, ao fazer arte na escola, seja de maneira sensível, ao fruir a obra de arte em sala ou seus ambientes próprios, como os museus e as galerias, lugar em que a investigação desta pesquisa se realizou.

A relação da arte-educação com o espaço aonde a obra artística encontra-se em textura, traços, cores, enfim, a matéria com que se fazem existir, é de grande relevância para a arte educação, fazendo com que as investigações, ações, e experiências entre a arte-educação e o espaço museológico das Pinacotecas e Galerias (espaços que abrigam coleções de arte em

pintura), sejam melhor pensados e investigados nos processos de mediação cultural que exercem no acolhimento deste público.

A arte-educação possui em si a função de realizar a ponte mediadora entre a arte e o público escolar. As correntes construtivistas da educação acentuaram este processo, posto que vieram promover uma educação questionadora, estimulante, em que se favoreceu o pensar e contatar do aluno com o objeto arte dentro do processo escolar.

É propício o contato do aluno com o fruir da arte, por este ser um dos pilares da abordagem triangular, conforme salientamos acima e por onde se encaminham as indicações dos Parâmetros Curriculares Nacionais no que tange a arte-educação e o currículo escolar brasileiro. A educação formal em que se pensava o ensino como sendo uma transmissão de saberes de professor para aluno e não como uma via de mão dupla entre estes dois agentes, foi perdendo força frente às ideias construtivistas da educação, as quais vieram fomentar na experiência educacional a ideia de um saber mediatizado pelas relações sociais que experimentamos tanto na escola, como fora desta.

Este pensamento, que empresta à educação o caráter de elemento mediador entre o homem e a realidade, foi algo que veio se instituindo ao longo do tempo. De Sócrates na antiguidade à Paulo Freire na contemporaneidade, a mediação e a educação vêm sendo pensadas numa correlação, como destaca a arte-educadora Ana Mae Barbosa, no trecho a seguir:

O conceito de educação como mediação vem sendo construído ao longo dos séculos. Sócrates falava da educação como parturição de ideias. Podemos, por aproximação, dizer que o professor assistia, mediava o parto. Rousseau, John Dewey, Vygotsky e muitos outros, atribuíam à natureza, ao sujeito ou ao grupo social, o encargo da aprendizagem, funcionando o professor como organizador, estimulador, questionador, aglutinador.[...] Paulo Freire consagra na contemporaneidade a ideia de que ninguém aprende sozinho e ninguém ensina nada a ninguém; aprendemos uns com os outros, mediatizados pelo mundo. (BARBOSA, 2009, p.13)

Na educação, é comum o uso de laboratórios para realização de experimentos e a aproximação do estudante junto aos objetos de estudo, com intuito de melhor pensá-los ou conhecê-los. Nas escolas, vemos muitas vezes laboratórios bem estruturados e equipados, onde são realizados cotidianamente, estudos de química, biologia e física, por exemplo. Um lugar que proporciona, diz Barbosa, (2009, p.14) assim como, os demais laboratórios escolares uma melhor aproximação e conhecimento de objetos de estudo a serem pensados e melhor compreendidos e sensibilizados, é o museu, que vem a ser como um grande laboratório de experiências para a arte-educação.

Apesar da importância que se tem demonstrado da participação dos museus na arte-educação, a atuação dos arte-educadores nestes espaços ainda é vista como secundária frente a dos curadores e críticos, como destaca Barbosa (2009, p. 16): Na camiseta dos mediadores na Bienal de 1998 havia a frase “TIRA DÚVIDAS”, veiculando uma concepção errônea, diminuidora e humilhante dessa situação que “desempoderam” os arte-educadores para privilegiar curadores e críticos.

O papel do museu de arte como um espaço também de educação, indo além até da concepção inicial dos gregos, que os tornaram dentre outras coisas, um espaço para o debate intelectual, teve início em 1855 com Charles Eastlake, então diretor da Gallery de Londres. Eastlake pensou o espaço do museu de modo a inovar a disposição das obras, mudando a forma de fazer as exposições, passando a adotar uma forma cronológica de expor arte, o que terminara por transformar o museu em um local de onde se podia acessar a história dos períodos e das escolas artísticas, como em um livro de história.

Ao invés de ler e decorar palavras, a aprendizagem se dava pela mediação e ilustração organizada das obras, que se dispunham numa coerência temporal ascendente, o que mais tarde veio a ser adotado e aprimorado por outros museus ao redor do mundo. Ao incorporar tal mudança na *Gallery* de Londres, este museu terminou ultrapassando a função de guardador de objetos, para a função “livro” de história:

E como se aprendia história da arte naquela época? Decorando datas de nascimento e morte dos artistas, o inventário de suas obras, a localização delas e as características das diferentes escolas.

O Museu de Arte Moderna de Nova York, com Alfred Barr, inovou um pouco substituindo o princípio de pendurar por escolas pelo de pendurar por movimentos (impressionismo, cubismo e expressionismo, e assim por diante). Mas o reinado da cronologia permaneceu. Para Serota, até 1980 era esse o modelo. (BARBOSA, 2009, p.15)

Nos museus, a maneira como o público recebe e interpreta a obra artística é importante, tanto quanto conhecer os dados a seu respeito; a data de produção e o nome do autor. Este fator reflete como ao longo do tempo, as exposições nos espaços de museus, aos poucos, foram sendo pensadas. A concentração, a interpretação, a experiência intelectual do público, tornaram-se objetivos que permeiam a administração dos museus, os quais se fazem como espaços educativos, propondo-se ao oferecimento de uma experiência sensível com a arte:

O que Nicolas Serota propõe é um museu que eduque pela experiência para a interpretação. Foi o princípio da interpretação, “combinando obras de diferentes artistas para propiciar uma leitura selecionada de ambas, da Arte e da História da Arte”, que guiou a organização das salas de inauguração da Tate Modern, estabelecendo uma sequência determinada não pela cronologia, mas por alternância de concentração necessária à interpretação. Salas que exigiam muito esforço de interpretação eram seguidas por outras onde as experiências pareciam mais epiteliais que intelectuais. Havia preocupação com a respiração interpretativa. O tempo histórico foi ressaltado por comparações entre artistas e não por sequencialidade. (BARBOSA, 2009, p.15)

Quando se pensa em arte-educação, assim como nas exposições dos museus na contemporaneidade, não estamos lidando apenas, em termos de conhecimento, com a cronologia com que determinados movimentos artísticos aconteceram. Não se trata ainda, de simplesmente conhecer as técnicas de artistas expoentes ou da decodificação das formas que compõem uma obra. Como vimos nos PCN's e na proposta triangular formulada por Barbosa e que hoje se faz determinante no processo da arte-educação brasileira, esta fundamenta-se também em um conhecimento associado entre saberes, aos quais perpassam o lado histórico das obras e que também dialogam com o lado sensível do fruidor junto à percepção da arte e seus determinados contextos socioculturais e históricos.

Os PCN's identificam a arte como sendo uma forma de conhecimento tão importantes quanto os demais componentes do currículo escolar, porém, esta forma de saber, se articula de maneira diferente, por trabalhar com outros tipos de linguagem que não apenas a linguagem verbal, se diferenciando dos demais conteúdos.

A introdução da obra artística como objeto na aprendizagem da arte, se faz fundamental a medida em que esta exerce protagonismo na experiência do aluno, de comunicar-se através dos sentidos. Conforme a obra de arte é portadora de informações culturais e sociais de um contexto, é de suma importância o seu contato pelo aluno, cuja sensibilização no exercício de fruir da obra, deve democraticamente perpassar por diversos cenários e momentos da arte, em seus âmbitos regional, nacional e internacional:

Cabe ao professor escolher os modos e recursos didáticos adequados para apresentar as informações, observando sempre a necessidade de introduzir formas artísticas, porque ensinar arte com arte é o caminho mais eficaz. Em outras palavras, o texto literário, a canção e a imagem trarão mais conhecimentos ao aluno e serão mais eficazes como portadores de informação e sentido. O aluno, em situações de aprendizagem, precisa ser convidado a se exercitar nas práticas de aprender a ver, observar, ouvir, atuar, tocar e refletir sobre elas. É papel da escola incluir as informações sobre a arte produzida nos âmbitos regional, nacional e internacional,

compreendendo criticamente também aquelas produzidas pelas mídias para democratizar o conhecimento e ampliar as possibilidades de participação social do aluno. (PCN's, 1997, p.35).

A sensibilização do aluno para a arte não é a única relação da arte com a educação. Conforme indica os PCN's, o desenvolvimento cultural do aluno também deve ser um dos alvos da arte educação no Brasil, afinal, como conhecer e compreender um país e seu contexto histórico-cultural sem conhecer sua arte?

Segundo Barbosa (2012, p.18) nenhuma outra linguagem transmite os significados que a arte é capaz de transmitir. As artes visuais, especialmente, permitem enquanto matéria-prima nos educar através da visualização de quem somos, onde estamos e como sentimos, em outras palavras, as artes visuais na sua experiência fruidora, amplia a sensibilidade e poder de interpretação e interação do homem com o mundo, o que vem a favorecer a presença do museu na arte-educação de delinear a estreita relação entre ambas.

Corroborando com Barbosa, o professor Robert Willian Ott, aponta o museu como sendo presença essencial na arte-educação, posto que através da experiência de contanto com o objeto de arte, a descoberta desta como fonte de conhecimento tende a ser desperto no aluno:

O ensino de arte em museus constitui um componente essencial para a arte- educação: a descoberta de que arte é conhecimento. A arte pode assumir diversos significados em suas várias dimensões, mas como conhecimento proporciona meios para a compreensão do pensamento e das expressões de uma cultura. (OTT, 2013, p. 149)

Para Ott, o despertar do conhecimento e entusiasmo que a arte proporciona aos alunos é um desafio ao arte-educador. Sendo as coleções de arte fruto de uma seleção crítica realizada pelas instituições museológicas, estas oferecem aos arte-educadores a forma mais apurada de seleção do conteúdo escolar de arte que sejam melhor capazes de enriquecer a experiência com a cultura, posto também ser o museu o lugar de preservação e cuidados com as coleções mais valiosas da cultura de uma sociedade. O valor estético das obras colecionadas pelos museus são portadores de princípios que favorecem a abertura de uma educação fomentadora da crítica da arte:

O museu ainda permanece como o lugar, a fonte, onde a sociedade coleciona e cuida de seus tesouros. As obras de arte nos museus são geralmente de valor estético tão alto, e contêm tantos princípios estéticos que o ensino de crítica nos museus pode ser

feito imediatamente, e a arte torna-se uma das maiores fontes de inspiração por meio do conteúdo e do conhecimento que ela proporciona. (Ott, 2013, p.151)

O próprio arte-educador não deixa de ser um mediador, para os alunos de arte, pois ele desempenha um papel de “introdutor” da arte na vida dos alunos, Martins (2012, p.17). Ao realizar esta introdução no próprio espaço do museu, trabalhando a educação museal, o contato e sensibilização do aluno para com as artes visuais é potencializado, proporcionando maior abertura para a apreciação artística e a partir dela a construção de saberes que lhes amplie a bagagem cultural e lhes reforce a identidade e o sentimento de pertença, formando indivíduo mais conscientes.

Sendo a arte tão comum como um objeto do cotidiano, tão enraizado na realidade e próprio de toda a realidade como as outras coisas, Heidegger (1977), como não elevar a sua presença na arte-educação, trazendo a aula de artes para o seu espaço fundamental, os museus Pinacotecas e Galerias? Cabe ao arte-educador e as instituições de ensino e museal realizar um trabalho mediador que cada vez mais aproxime as aulas de artes nestes espaços.

A mediação cultural dos museus quando chega à arte-educação se faz de maneira estreita e repleta de trocas sensíveis que subsidiam a formação educacional e cultural dos indivíduos que dela participam, fatores que permeia os próprios princípios da arte-educação na escola básica de ensino.

A mediação cultural leva a arte em si mesma ao trabalho do arte-educador, inserindo a imagem em seu próprio habitat no processo mediador, sendo a participação da imagem na arte educação um elemento de fundamental importância, pois é a partir da imagem que o entendimento da arte se inicia, a imagem na aula de arte interliga os demais contextos que a arte-educação deve propiciar na escola, e torna o aluno capaz de ler outros contextos que o envolve, não somente o artístico, (Barbosa, 2006, p.26) por isso também, a imagem trabalhada pelo arte educador dentro dos processos da abordagem triangular é fundamental para o desenvolvimento dos saberes significativos da arte dentro da cultura.

Em pesquisas recentes sobre a relação da arte educação com o museu vemos ressaltado a abertura de olhar para as imagens que o museu de arte reflete, assim comenta Pinto, (2012, p3): “A visita a um museu abre a possibilidade de ressignificar o olhar para as coisas que nos cercam, na mesma medida que nos desloca para outra cultura, outro tempo”. A relação da arte educação para o museu e do museu para a arte-educação é tão entrelaçada e necessária que instituições como o Museu de Arte Moderna e a Pinacoteca do Estado de São Paulo possuem

um setor educativo, para que o envolvimento destas instituições com a escola sejam bem planejadas e realizadas ao longo de todo o ano, formando uma verdadeira parceria para a aprendizagem da arte, como destaca Antolino, (2009, p.11): tanto o MAM/SP quanto a Pinacoteca destacaram-se na parceria entre escola e museu; este entendido como elemento de aprendizagem da arte.

Ao se deparar com a obra de arte o olhar pode ser “educado” a uma nova percepção, assim, o museu de arte é um espaço onde a educação se expande e novas formas de perceber a arte acontecem. Como o professor articula essa bagagem histórica, social e estética da arte na experiência de educar é fundamental para desenhar novos caminhos para o trabalho com a arte na escola que tantas vezes carece de subsídios visuais como suporte sensível, o que já existe como patrimônio nas cidades e em Manaus, no campo da pintura, há muito se enleva e direciona a função da Pinacoteca, que precisa levar suas obras ao trabalho do professor de artes dentro e fora do seu espaço, para que o nosso patrimônio artístico encontre sentido na educação que os alunos amazonenses vêm recebendo no campo das artes. Segundo Martins, (2012, p.19):

Na polissemia da palavra sentido talvez esteja toda a complexidade do processo de mediação. Convocamos todos os sentidos do fruidor. Buscamos a amplidão de sentidos dados às obras. Abordamos os sentidos que as várias direções culturais podem filtrar. Instigamos encontros e novos sentidos.

O aprender a ver, é necessário ser articulado quando se trata de pensar os entrelaçamentos entre o museu e a arte-educação. Neste direcionamento, abordagens metodológicas para o acesso às obras como o Thought Watching e o Image Watching, ambos desenvolvidos pelo professor Ott, que os tem aplicado na mediação do Museu de Etnologia e Arqueologia da USP e no Musel Lasar Seggal, na cidade e São Paulo.

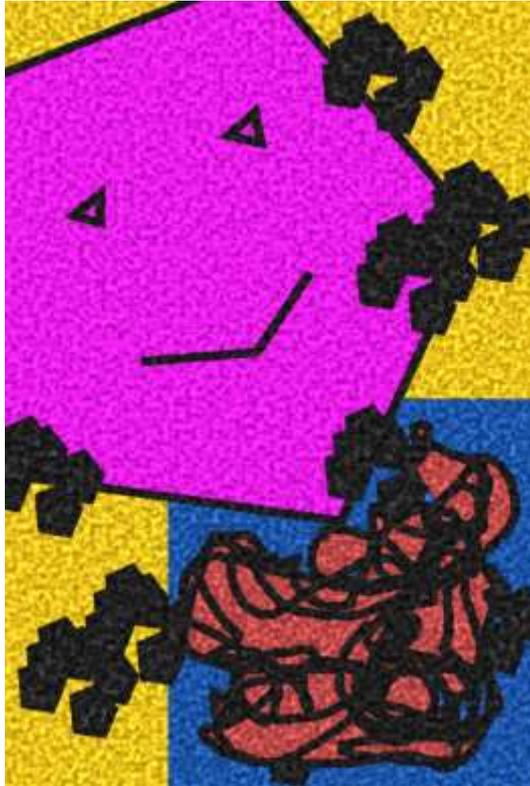
Estas metodologias citadas articulam os saberes de aquecer, sensibilizar, descrever, analisar, interpretar, fundamentar e revelar sobre as obras de arte presentes nos museus. Há também Feldman que tenta expandir o olhar do visitante através de um trabalho de comparação entre as obras, descrição, análise, interpretação e julgamento fazem parte do bojo de conceitos que este profissional articula em seu trabalho com a arte e a estética na escola, que desenvolveu em New Jarsey, EUA, afirma Martins, 2012.

Do nosso ponto de vista, podemos pensar a mediação cultural, as articulações entre o museu e o trabalho do professor de artes a partir da abordagem triangular, de Ana Mae e que

também se encontra contemplada nos direcionamentos dos PCN's de arte e na BNCC. Isso porque, a base desta abordagem, (o contextualizar, o fruir e o fazer arte) são conceitos que abarcam diferentes procedimentos e permitem um leque de articulações teórico práticas para se ter com a arte uma experiência crítica, prazerosa e técnica. Assim como, nas metodologias dos demais arte educadores supracitados, Otti e Feldman, sendo a abordagem triangular os “olhares” analíticos às articulações da Pinacoteca com a arte-educação manauara.

2 - METODOLOGIA E (IN)CAMINHAMENTOS DA PESQUISA

Figura 2: “A Arte faz refletir”, gravura digital, Mariene Mendonça



Fonte: Freitas, 2019

*[...] Viver a arte e de artes, é ter em coisas como pincéis,
tintas e papéis um tipo de ponte que leva para onde precisamos estar,
sendo uma fuga que é uma vida dentro desta vida.
É ter flores e amores com quem sorrir nos doze meses do ano,
é ser criança quando quiser,
a dama e o cavalheiro que convier,
pois “A pêga” repousará calma,
mesmo nas manhãs repletas de sombras.
A arte é também um grande de amigos em plena solidão.
Com ela tudo pode ser dito e é oportuno o que temos a revelar.
Um lugar cujas paisagens são em si mesmas motivos de alegria.
A arte é um rio corrente e instigante,
propenso à navegação e ao medo,
um idioma por vezes complicado,
mas que leva realmente a expressar e conhecer,
ainda que por alguns segundos [...]*
(In, Caminhantes nas Artes, Mariene Mendonça, 2016)

2.1 Primeiros passos (e obstáculos) na investigação

Neste capítulo nos dedicamos à descrição dos procedimentos metodológicos e dos caminhos adotados e encontrados para a realização da pesquisa, salientando seus percursos pessoais, seus critérios, instrumentos, coleta de materiais e seus atores participantes.

Esta pesquisa teve início em 2016, quando ingressei no programa de pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia. Seus caminhos foram de altos e baixos em meio a rios de águas turbulentas, mas também generosas, tanto na pesquisa, quanto no espaço circular e fluido da vida que envolve o objeto de pesquisa, os pesquisadores e a instituição Universidade Federal do Amazonas.

Tendo ingressado no ano de 2016 no programa, neste mesmo ano, mudei de emprego um mês antes do início das disciplinas que seriam em Manaus. Saindo do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Amazonas, IFAM campus Tefé, em que era arte-educadora do ensino médio/técnico desde 2015 e partindo para morar e assumir a carreira do magistério superior em Parintins, no curso de Artes Visuais da UFAM, concurso para o qual tinha prestado no ano anterior, 2015, e obtido aprovação em segundo lugar.

Como estava recém-empossada na vaga, não pude receber autorização para viajar para cursar as disciplinas em Manaus, e assim, efetivamente o ano de 2016 foi de atrasos e incertezas com relação a minha permanência no programa, mas também de muito trabalho na carreira docente na cidade de Parintins.

Em 2017 recebi do colegiado do curso de Artes Visuais de Parintins a autorização para viajar semanalmente para Manaus, para que por três dias da semana pudesse fazer as disciplinas obrigatórias do Programa e retornar à cidade para ministrar disciplinas e exercer o trabalho docente bem como realizar projetos de extensão.

A presente pesquisa passou a se estruturar e desenhar dentro do espaço da vida de uma viajante, pois as leituras, estudos e anotações desta pesquisa se deram em boa parte dentro de lanchas e barcos, entre o rio Amazonas e o rio Negro, entre Manaus e Parintins. Estava com um ano de atraso no programa, mas recebi autorização para permanecer no mesmo pela coordenação e assim, as discussões e estudos propostos pela orientadora desta pesquisa, começaram a se revelar.

Esta pesquisa é qualitativa e de campo. Segundo Minayo (2014, p. 21) a pesquisa qualitativa responde a questões estas que não podem ser mensuradas e que são de características muito particulares, trabalhando muitas vezes com o significado das coisas, crenças, motivos, atitudes, correspondendo às relações entre sujeitos, objetos, são realidades sentidas, que não se traduzem objetivamente, buscando aprofundar-se no universo das relações, significados, percepções. Apesar disto, os dados numéricos na pesquisa qualitativa não se opõem ao seu método, podendo participar deste (como participa deste trabalho), porém, não se encontram no cerne do seu objetivo.

Nesta pesquisa qualitativa de campo, adotamos como primeiro passo a realização de uma investigação bibliográfica para levantamento de dados referentes à literatura já estabelecida, sobre o tema da mediação cultural e arte-educação, conceitos chave que norteariam estes primeiros estudos.

A pesquisa de campo traz uma aproximação com o objeto estudado, sendo um tipo de mergulho do pesquisador na realidade analisada. Segundo Filho, (2006, p.71), a investigação científica necessita de um diálogo com a realidade, este diálogo deve ser uma conversa contida da crítica, do inusitado e da própria criatividade. Sendo assim, consideramos que a pesquisa qualitativa de campo abraça as possibilidades de descoberta a medida em que é promotora de um quadro real a ser experienciado, observado e pensado na pesquisa científica.

A pesquisa bibliográfica foi importante para dar um direcionamento e dimensionamento teórico na pesquisa que aqui apresentamos, a partir da coleta e do estudo bibliográfico pudemos compreender as categorias que envolvem a mediação cultural e a arte-educação, além de conhecermos os conceitos que envolvem as estruturas do trabalho educativo com a arte.

Com relação aos autores citados no trabalho, destacamos os estudos das autoras Miriam Celeste Martins e Rejane Coutinho, posto a partir de suas obras sobre mediação e arte-educação pudemos trazer à nossa reflexão questões tais: Quais são as implicações existentes quando a arte-educação atravessa os muros da escola e chega aos museus de arte e galerias? O que decorre esteticamente a partir da experiência sensível de professores e alunos diante da presença física da obra de arte? O arte-educador é um mediador cultural? Existem metodologias de mediação cultural? Os museus devem se articular o seu trabalho com a escola? Todas estas questões são amplas e necessárias de serem contempladas nas reflexões sobre o envolvimento

da arte-educação e da mediação cultural, especialmente a estabelecida com os museus de arte, o que por fim, fizemos neste trabalho.

A autora e pesquisadora Ana Mãe Barbosa, como não poderia deixar de ser, contribuiu para a reflexão e o entendimento da arte-educação no seu papel como mediação cultural e social. A autora nos trouxe reflexões sobre mediação com um modo de educar consolidado a longo dos séculos com pensadores como Sócrates, Vygotsky, John Dewey entre outros. A obra *Arte/Educação como Mediação Cultural e Social*, de Ana Mae e Rejane Coutinho, que traz uma coletânea de textos de diferentes autores nos trouxe uma perspectiva acerca da mediação do trabalho do arte-educador, bem como, evidentemente, os impactos desta relação na arte-educação como um todo.

Um aspecto que nos chamou atenção nestas primeiras leituras foi a descoberta de que os centros culturais e os museus de já possuem uma abordagem educativa para receber o público, tendo colaboradores atuantes neste campo nas instituições.

No livro *Artes Visuais, da Exposição à Sala de Aula*, vimos descrito o acompanhamento a uma pesquisa sobre a mediação cultural realizada por Ana Mae e Rejane Coutinho e que aponta para reflexões importantes sobre o espaço que o museu pode abarcar no trabalho do professor de artes, a elaboração da “aula passeio”, a visita dos professores e alunos ao CCBB (Centro Cultural do Banco do Brasil) nos deu um norte na pesquisa de como coletar os dados com os professores e ainda como olhar para a visita que empreendemos com os alunos da zona norte de Manaus. O estudo apresentado neste livro de Ana Mae e Rejane Coutinho ficou mais clarificado ainda para nós, como a abordagem triangular pode nortear as ações educativas do professor de artes e de maneira afetiva por parte dos alunos quando se trata de mediação cultural, “aula passeio”, educação museal no próprio ambiente da arte, nosso “laboratório”.

2.2 Trabalhando a observação, (a escuta) e a reflexão na Pinacoteca

O passo seguinte, a coleta de dados e campo foi o período mais longo e de certa forma, o mais dificultoso de ser realizado. Na primeira fase da coleta de dados buscamos conhecer os números da Pinacoteca do Amazonas através de seus documentos, assim, protocolamos um

pedido de aceite de pesquisa para a então Secretaria de Cultura do Amazonas (SEC) que nos deu autorização para que a arguição se encaminhasse nas dependências da Pinacoteca.

Ao procurarmos a direção da instituição, solicitamos dados das visitas de um modo geral e do quantitativo de visitas das escolas. Nesse ponto, mesmo após sucessivos pedidos, não conseguimos ter acesso aos registros de visitantes da instituição, apesar de termos autorização para trabalhar com estes dados da própria diretora na época. Tal entrave não se deu a partir de uma negativa para o acesso aos dados, mas terminamos com diversas visitas agendadas para recebermos os dados e que por fim, saímos sem eles, até recebermos a alegação de que os dados com os registros do público tinham sido extraviados dos arquivos da instituição, segundo o diretor que assumiu a gestão da Pinacoteca de 2018 a 2019. A Pinacoteca passou por uma tentativa de recuperação destes dados, o que até este ano de 2020 não recebemos uma efetiva resposta se de fato houve tal recuperação destas informações importantes sobre a mediação que realizam e seu público.

Diante deste impasse, para mensurar o público visitante da Pinacoteca, usamos o número oficial contido na página da instituição, abrigada no site do Governo do Estado do Amazonas, tendo como referência o público do ano de 2018. Este dado, todavia, não nos forneceu a quantidade de professores de artes que anualmente visitavam o espaço, ou um percentual desta frente, o público da Pinacoteca de um modo geral. Assim, como primeiro ponto, elaboramos as perguntas para as primeiras entrevistas estruturadas, que foram respondidas pelo diretor da Pinacoteca e pelos guias da instituição, colaboradores estes que atuam diretamente na gestão e recepção do público da Pinacoteca. Elaboramos os seguintes quadros de perguntas para os entrevistados:

Tabela I – Perguntas realizadas para a direção e a guia de museu da Pinacoteca do Amazonas

ROTEIRO DA ENTREVISTA ESTRUTURADA COLABORADORES DA PINACOTECA (GUIAS E DIREÇÃO)	
1	Como a Pinacoteca se prepara tecnicamente para receber o professor de artes?
2	Existem particularidades em uma comparação entre a ação educativa do arte-educador e os demais profissionais da educação que frequentam a Pinacoteca com as turmas escolares?
3	Os professores de artes demonstram conhecimentos prévios sobre as obras da Pinacoteca nas visitas que realizam?

4	O que os arte-educadores costumam comentar com as turmas diante das obras?
5	Existe na Pinacoteca políticas de formação para o arte-educador ou demais professores relacionados ao conhecimento e acesso ao acervo da instituição?
6	Os professores de artes são maioria na visitação da Pinacoteca em relação aos demais profissionais da educação?
7	As visitas realizadas pelas turmas de professores de arte ainda em formação são frequentes na instituição? A exemplo de turmas da UFAM, UEA e demais instituições de ensino superior da cidade de Manaus?
8	Existe na política cultural desenvolvida pela Pinacoteca projetos que envolvam a sensibilização do arte educador para que este frequente este espaço de artes? Quais?
9	Ao longo do ano de 2018, quantos professores de artes frequentaram a instituição com seu respectivo grupo escolar?
10	Como a Pinacoteca poderia se tornar ainda mais acessível ao arte-educador da educação básica?

Diante da necessidade de coletar do próprio professor de artes quais as articulações do seu trabalho na arte-educação e como se relacionam junto à Pinacoteca do Amazonas, elaboramos um roteiro de entrevistas (Tabela II) com dez perguntas a serem respondidas por arte educadores da cidade de Manaus.

Tabela II – Perguntas realizadas para a arte-educadora participante da pesquisa

ROTEIRO DA ENTREVISTA ESTRUTURADA ARTE-EDUCADORES	
1	Na sua época de formação, para atuar como professor (a), você realizou alguma visita à Pinacoteca do Amazonas?
2	Você conhecia as obras artísticas da Pinacoteca do Amazonas antes da graduação?
3	Você considera que a graduação lhe proporcionou conhecimentos significativo sobre a pintura local?
4	Você recorda em número de vezes em que realizou trabalhos na graduação sobre a arte local?
5	Na graduação, você ouviu ou trabalhou com os conceitos de “mediação cultural” ou “educação museal”?
6	Ao se formar professor, o você pensou na importância de conhecer a obra de arte local e compartilhar este conhecimento em sala de aula?
7	Quais informações sobre a Pinacoteca do Amazonas você conhecia antes de iniciar os estudos na graduação? E durante a graduação, que informações obteve?
8	Você já realizou aulas sobre artistas e obras da Pinacoteca em sala de aula com os seus alunos? Se sim, conte-nos como foi a experiência
9	Que importância você considera que existe na relação da arte-educação com a experiência cultural nos museus de artes?
10	O que mais te motiva ou desmotiva a realizar visitas à Pinacoteca?

11	Caso já tenha realizado visita à Pinacoteca com seus alunos, conte qual o objetivo desta aula no museu em seu plano de ensino?
12	Quais resultado você considera que atingiu com a aula no museu?
13	Como a Pinacoteca e suas obras de arte foram trabalhadas após a visita?

Fechamos primeiramente, o quadro de questões a serem aplicados somente na Pinacoteca. Vale ressaltar que antes da pesquisa de campo, ainda na fase preliminar da pesquisa, acreditávamos que encontraríamos um grande contingente de professores do ensino básico neste espaço. Nos programamos para ao longo de 30 a 90 dias de observação direta no espaço museal da Pinacoteca, observar as articulações dos arte educadores com as turmas de alunos e as formas de recepção deste público por parte dos guias da Pinacoteca, coleta de dados em campo ocorreria em março, abril e maio de 2018.

Neste meio tempo, encontramos problemas para realizar esta fase da pesquisa devido à greve dos professores do estado, que durou de março a abril de 2018, sendo adiada para o período de agosto, setembro e início do mês de outubro. Finalizamos os trabalhos de campo na Pinacoteca, próximo a segunda quinzena de outubro de 2018, devido a encontrar-me nesta época, aos nove meses de gestação.

Em fevereiro de 2019, retomamos os trabalhos de coleta de dados em campo na Pinacoteca do Amazonas. Quando se passaram cerca de quinze dias de início da coleta de dados nos meses de fevereiro e março, notamos que não havia uma frequência diária e mesmo semanal de arte-educadores e suas turmas na Pinacoteca, ao longo dos períodos em que nos encontrávamos no museu, para realizar as observações. Em conversa informal com um dos colaboradores do local, ele nos informou que as escolas telefonam para fazer agendamento de visitas.

As escolas que mais frequentam o espaço museal seriam as escolas do centro da cidade e instituições particulares de ensino, e que não era toda semana que havia agendamento das escolas para visita. Ressaltou ainda que, devido a facilidade de acesso, as escolas mais próximas, eram as que mais se organizavam anualmente para realizar a visita ao museu.

Assim, nos meses de realização da coleta de dados via observação direta não participativa, apenas um arte-educador e seus alunos do ensino básico visitaram o museu, sendo este de uma escola privada da cidade. Em se tratando do nosso foco de pesquisa do professor

de arte da escola pública, esta visitação não somou ademais informações à nossa fase de coleta de dados em campo.

Passada esta primeira fase de observação na Pinacoteca, passamos para a coleta de dados na escola, com os professores de arte, cujo objetivo era de conhecer mais a fundo a realidade desta mediação cultural com o trabalho que desenvolvem.

Escolhemos como alvo da investigação os professores atuantes nas zonas periféricas da cidade, que segundo nos informou o colaborador da Pinacoteca, como já relatamos acima, eram o público menos presente naquele espaço cultural. Sendo assim, consideramos que esse distanciamento relatado deveria ter suas causas esclarecidas, preenchendo assim uma lacuna acerca da arte-educação desenvolvida na escola pública da cidade.

Segundo Bourdier (2003, p.108), as vantagens e desvantagens sociais pesam consideravelmente sobre toda a vida cultural, esta, incluindo a educação, depende estreitamente da condição social das famílias, sendo a frequência aos museus correspondente quase que exclusivamente às classes ditas “mais cultas”, posto que o nível escolar está intimamente ligado à condição econômica e, conseqüentemente, ao acesso aos bens culturais em que os museus se encontram inseridos.

Escolhemos compor a pesquisa com as escolas estaduais ao invés das escolas municipais ou privadas devido o quantitativo destas ser consideravelmente maior em relação aos demais, propiciando dados mais abrangentes com relação às zonas da cidade.

Nesse ponto, o próximo passo foi obter os dados das escolas da zona norte da cidade, dados estes que foram obtidos com a SEDUC, através do site da instituição. Ao buscarmos a lista de escolas da zona norte de Manaus, encontramos um quadro com vinte e oito escolas de ensino fundamental I, II e ensino médio, todas em funcionamento e que se situam nos bairros da Cidade Nova, Nova Cidade, Santa Etelvina, Colônia Santo Antônio, Colônia Terra Nova e Novo Israel.

Conhecer a realidade da mediação cultural e do fazer educativo dos professores de arte que atuam nestes bairros, certamente, revelaria uma realidade educacional ainda não conhecida por nós, e que, necessitava ter sua realidade escolar e cultural explorada como forma de contribuir, inclusive com futuras abordagens educativas e projetos, com vista a contribuir com a mediação do patrimônio artístico da cidade, junto à educação básica de ensino.

Quadro - Escolas da Zona Norte de Manaus (Coordenadoria Distrital 7) do quadro da SEDUC-AM

	Escola	Endereço	Bairro	Zona
1	E.E Ana Neire Marques da Silva	Av. Marginal Esquerda, Q29, Cj. Galileia II	Santa Etelvina	Norte
2	E.E Antogildo Pascoal Viana	Av. Jerusalém, S/N	Colônia Santo Antônio	Norte
3	E. E. Arlindo Vieira dos Santos	Avenida Chico Mendes, 825	Novo Israel II	Norte
4	E. E. Dra. Zilda Arns Neumann	Rua 212, Qd 310, S/N Conj.	Cidadão V	Norte
5	E. E. Ernesto Pinho Filho	Avenida Samauma, S/N	Cidade Nova	Norte
6	E. E. Haydee Cabral Lyra	Avenida Curaçao, S/N Conj.	Nova Cidade	Norte
7	E.E. Insp Dulcinéia Varela Moura	Rua Aymoré, 220	Novo Israel	Norte
8	E. E. Prof. Dorval Varela Moura	Avenida Curaçao, S/N	Conj. Nova Cidade	Norte
9	E. E. Prof. Octávio Mourão Rua	Amazonino Mendes, S/N	Santa Etelvina	Norte
10	E. E. Prof. Roberto dos Santos	Vieira Avenida Margarita, S/N	Conj. Nova Cidade	Norte
11	E. E. Prof. Ruy Alencar Avenida	Margarita, S/N	Conj. Nova Cidade	Norte
12	E. E. Prof. Samuel Benchimol	Rua 188, S/N	Conj. Nova Cidade	Norte
13	E. E. Prof. Sebastião Augusto L.	Filho Avenida Principal, S/N	Conj. João Paulo II	Norte
14	E. E. T. I. Rafael Henrique Pinheiro dos Santos	Rua Santa Marta, S/N – Comunidade Jesus Me Deu	Colônia Terra Nova IV	Norte
15	E. E. Sebastião Norões	Rua Q, S/N – Qd. 20	Comunidade Ribeiro Junior	Norte
16	E. E. Sen. Jefferson Carpinteiro Peres	Rua Secundaria IV, S/N	Conj. Nova Cidade	Norte
17	E. E. Tereza Siqueira Tupinambá	Avenida Nepal, S/N	Conj. Nova Cidade	Norte
18	E. E. Waldock Fricke de Lyra	Rua Santa Helena, S/N	Tarumã – Pq São Pedro	Norte
19	E. E. Eliana Socorro Pacheco	Braga Rua Rio Maicurú S/N	Santa Etelvina	Norte
20	E. E. Eliana de Freitas Moraes	Rua Caqueta S/N	Lago Azul	Norte
21	E. E. Evandro das Neves Carreira	Avenida da Felicidade S/N Cj	Viver Melhor Santa Etelvina	Norte
22	E. E. Karla Patrícia Barros de	Azevedo Rua 06	Cj Cidadão X	Norte
23	E. E. T. I Profª Lecita Fonseca	Ramos Travessa Louro Chumbo S/N	Monte das Oliveiras	Norte
24	C. E. Arthur Virgílio Filho Rua	Nossa Senhora de Fátima, 69	Santa Etelvina	Norte
25	C. E. T. I. João dos Santos Braga	Avenida Principal, S/N ,	João Paulo II	Norte
26	C. E. T. I. Garcitylzo do Lago	Silva Rua Rainha Margarida S/N	Parque Riachuelo	Norte
27	C. E. T. I. Zilda Arns Neumann	Rua Santa Marta S/N Comunidade Jesus Me Deu	Colonia Terra Nova IV	Norte
28	E. E. Ayrton Senna da Silva	Avenida Principal S/N Conj. João Paulo II	Nova Cidade	Norte

Fonte: <http://www.educacao.am.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/ESCOLAS-DA-CAPITAL.pdf>

2.3 Conhecendo a Arte-educação do Norte da cidade

A zona norte da cidade de Manaus é a mais populosa da cidade. Segundo dados do IBGE (2019), a população da Zona Norte engloba dez bairros e possui uma população estimada em mais de 606 mil pessoas sendo a região mais populosa e que mais cresceu nas últimas décadas, recebendo também o nome de “Zona de expansão” juntamente à zona leste da cidade com a qual faz fronteira. Ao nos depararmos com o quadro de escolas da zona norte, primeiramente vimos que uma pesquisa que abarcasse as 28 escolas estaduais da região da coordenadoria distrital 7 necessitaria de mais tempo, que o cronograma de uma pesquisa de mestrado possa realizar, sendo assim, buscamos realizar uma pesquisa que abarcasse 50% deste contingente, totalizando 14 escolas.

Por questões de logística escolhemos aplicar a entrevista estruturada para os arte-educadores atuantes nas escolas adjacentes umas das outras. Os bairros da zona norte de Manaus são os mais extensos e populosos da cidade, sendo assim, planejamos para que o percurso de uma escola a outra pudesse ser o menor possível, inclusive, para minimizar os custos de transporte ao longo desta fase investigatória.

A fim de preservar a identidade dos professores e também as escolas de possíveis danos e quaisquer ônus à sua imagem e ou à sua integridade nesta pesquisa, não identificaremos as escolas, nem professores, gestores ou alunos, ao que passaremos a nos referir apenas com o termo genérico de “professor” (a) “gestor” (a), “escola”.

As entrevistas foram realizadas nos meses de maio e junho do ano de 2019, quando inicialmente, procuramos a gestão das escolas para pedirmos a autorização para a realização da entrevista com os arte-educadores do estabelecimento. Para nossa surpresa, alguns gestores não autorizaram seus arte-educadores a participar da pesquisa. A principal alegação era de que com a transição de governo (Início do governo do presidente Jair Bolsonaro) não poderiam fornecer dados das escolas, principalmente de seus procedimentos de ensino, uma vez que não sabiam se suas práticas seriam bem-vistas por parte da administração pública, de modo que preferiram resguardar seus métodos e ações educativas.

Em quatro das escolas pesquisadas contatamos os gestores e fomos autorizados a realizar a entrevista com os arte-educadores, mas estes, apesar da flexibilidade de datas que estipulamos e a possibilidade de realização de uma entrevista eletrônica, não nos responderam.

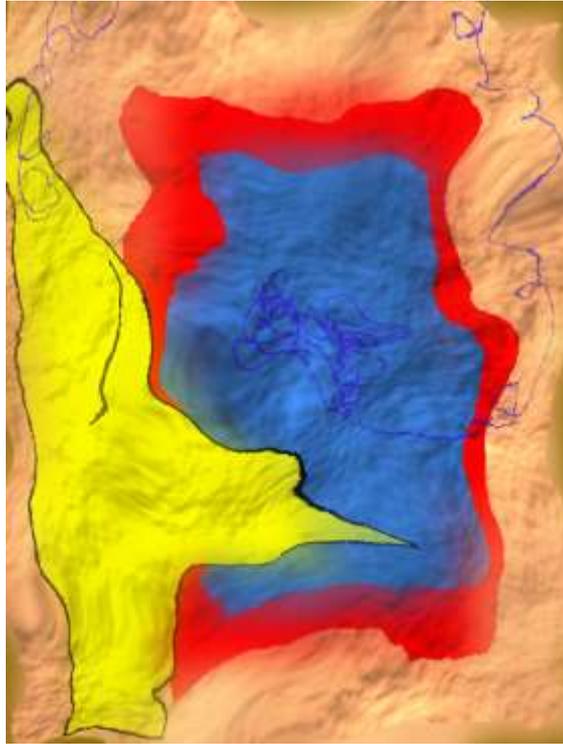
No quadro geral, das 14 escolas definidas para a pesquisa, sete professores retornaram com os dados, o que vem a representar 1/3 do quadro educativo desta zona da cidade, considerando o número de escolas da região distrital 7.

Em uma das escolas visitadas, administradas pela polícia Militar do Amazonas, a arte educadora entrevistada apontou que dentro do seu conteúdo programático previsto, estava a visita a um museu de arte e que no ensejo das reflexões provocadas pela entrevista iria realizar com algumas turmas uma visita à Pinacoteca, no que ela pedia nosso apoio para realizar tal ação. Diante desta informação da professora, pedimos para que pudéssemos acompanhar esta visita, bem como o seu planejamento e a realização de avaliação pós-visita, no que fomos autorizados a acompanhá-la.

Assim, esta pesquisa pode ser realizada, cumprindo um fluxo longe de certezas e que nos levaram a descobertas e desdobramentos não previstos inicialmente, mas que vemos que nos trouxe maiores informações sobre a arte-educação e seu funcionamento como um todo, especialmente na forma como se articula com a mediação cultural e os espaços da arte.

3 - A PINACOTECA DO AMAZONAS: PERCURSOS NA HISTÓRIA E O PROFESSOR DE ARTES

Figura 3: A arte faz amar, gravura digital, Mariene Mendonça



Fonte: Freitas, 2019

*...] O professor, artista ou qualquer outro caminhante nas artes
é alguém que lida com invenção e verdade,
paixão e vaidade, a beleza e a vileza do que existe ou necessita ser inventado,
é quem a reconhece como sol que aquece e punge,
mas sobretudo atrai e brilha.*

*O genuíno artista é aquele que sabe que é ela uma força
capaz de sacudir a vida com poeira ou explosão,
é pra quem ela desce como luz
com a qual se enxerga a grandeza do seu próprio escuro,
o reluzir do amarelo que se buscou por tantos dias,
um escudo que amortece as linhas do tempo [...]"*

(In, Caminhantes nas Artes,
Mariene Mendonça, 2016).

3.1 A Pintura e a cidade de Manaus

A arte, assim como as demais realizações humanas, não está apartada do cotidiano das sociedades. É ela umas das substâncias formadoras das identidades culturais e sociais. sua presença interage com os demais elementos pensados e fabricados pelo homem, aparecendo nas casas, paredes, edifícios, cidades, integrando-se assim, às histórias e culturas.

Em reflexão sobre o contexto social e material da obra de arte, o filósofo alemão Martin Heidegger, no livro *A origem da obra de Arte*, (grifo nosso) promove a reflexão de que a obra artística está por toda parte e assim o homem a reconhece. Imersa no cotidiano das massas, em meio aos demais materiais e utensílios do dia a dia e da convivência social, a presença da arte empresta ao objeto artístico o sentido de “coisa” perante a vida e a cultura:

Toda a gente conhece obras de arte. Encontram-se obras arquitetônicas e pictóricas nas praças públicas, nas igrejas e nas casas. Nas coleções e exposições, acham-se acomodadas obras de arte das mais diversas épocas e povos. Se considerarmos nas obras, a sua pura realidade, sem nos deixarmos influenciar por nenhum preconceito, torna-se evidente que as obras estão presentes, de modo tão natural como as demais coisas. O quadro está pendurado na parede, com uma arma de caça, ou um chapéu. (HEIDEGGER, 1977, p.12-13)

A cidade de Manaus possui uma produção em artes plásticas extensa, a qual veio a ganhar notoriedade social, principalmente a partir do período em que se desenvolveu o ciclo econômico da borracha no Estado do Amazonas. A exemplo do campo das artes visuais, na cidade, produzia-se no período trabalhos fotográficos gerados nos daguerreótipos, aparelhos típicos do século dezenove para a reprodução de imagens em fotografia.

Desde o período provincial as encomendas e exposições de artes plásticas eram realizadas em Manaus. Aqueles artistas que tinham renome, segundo SEC (2016, p.15), eram chamados para pintar retratos das autoridades locais ou encomendas de pintura à óleo com temática paisagística.

No campo da fotografia, por volta de 1850, o fotógrafo Hippolite Marinette, registrou a Manaus campestre da época CONCULTURA (2016 p.49). Ainda com relação às artes visuais e o trabalho fotográfico, citamos os fotógrafos e sócios George Hübner e Libânio do Amaral, que até o final dos anos cinquenta mantiveram na cidade, a Casa Photographica Alemã, situada na avenida Eduardo Ribeiro. Marco de Pagnai, até 1910, também manteve ateliê fotográfico em Manaus (PÁSCOA, 2007). Libânio do Amaral, era irmão do famoso pintor decorador Crispim do Amaral, artista nascido em Recife, mas radicado na cidade de Belém.

Crispim do Amaral (1858-1911) teve formação em Roma e Paris, tendo atuação junto à Academia de San Lucas. Na capital francesa, posteriormente, fixa suas atividades na cidade do Rio de Janeiro. A pintura do pano de boca do teatro Amazonas é atribuída à este artista. Nesta obra, que possui a dimensão de 10,5 x 6,4 m vemos uma pintura de referência ao ambiente amazônico, onde há retratados dois rios (formato de Y) separados por uma ilha, de onde pode-se reconhecer a mata, em referência ao ambiente florestal amazônico.

Figura 4. Pintura do Pano de boca do Teatro Amazonas



Fonte: SEC, 2018

Em relação aos primeiros trabalhos em pintura registrados na cidade, temos à época, as populares pinturas decorativas, as quais eram realizadas nos próprios imóveis das famílias, Páscoa (2007, p.12). Um destes pintores, Arturo Luciane, trabalhava nesta modalidade de pintor decorador desde 1887, onde realizou pinturas decorativas, dentre as quais mencionamos a pintura no imóvel do antigo teatro Éden, no centro da cidade.

Arturo Luciane também fazia trabalhos em desenho, chegando a trabalhar no Instituto de Educandos Artífices, como professor, e posteriormente na Academia de Belas Artes. Na virada do século vinte, o artista representou o Estado do Amazonas em uma exposição de artes plásticas nacional, com variadas telas, que retratavam a paisagem amazônica. Manteve também um ateliê fotográfico na cidade.

Na igreja de São Sebastião, no centro de Manaus, temos as pinturas murais atribuídas ao artista italiano Sílvio Centofanti. Os pintores Aurélio de Figueiredo, Fernandes Machado e Antônio Parreiras foram artistas com notoriedade nacional que realizaram obras em pintura em Manaus, sendo estes representantes da arte acadêmica na cidade Páscoa (2007, p.11). Fernandes

Machado, inclusive recebeu o prêmio Viagem ao Estrangeiro, no ano de 1901, o que lhe possibilitou estudos de artes plásticas na cidade de Paris.

No início do século XX, se destacam na divulgação das artes plásticas de artistas regionais os impressos “Cá e lá”, “Redenção” e “Amazônia”, revistas que continham ilustrações de artistas como Ortiz e Ângelo Guido:

Por cerca dos anos de 1925, na revista “Redenção”, por exemplo, é possível ver as ilustrações sutis de Ortiz, com paisagens amazônicas sob versos de Pereira da Silva e nos anos seguintes, 1926-27, mas o que dava tom especial nas artes plásticas na década de 1920 eram as ilustrações, murais e capas de revistas feitas por Ângelo Guido, que realizou exposição de arte especialmente mostrada a Mário de Andrade e sua comitiva quando da passagem por Manaus{...}Da mesma época, são as ilustrações, capas, desenhos e charges em revistas tipo “Lá e cá” e “Amazônia”, em cujas edições estão o trabalho de Madame Pedrosa Filho, expondo as obras de arte fora dos circuitos comerciais. (SEC, 2016, p.17).

Até os anos 40 do século XX, os artistas que se destacaram possuíam influência da arte acadêmica europeia, cenário que começou a ganhar novos rumos com um clube de jovens chamado “clube da madrugada”. Eram jovens que inicialmente se reuniam na casa do poeta Jorge Tufic, um de seus fundadores, para pensar uma renovação estética na arte literária na cidade:

O surgimento do Clube da Madrugada em Manaus coincidiu com o desejo de renovação estética vivida por um grupo de poetas, escritores, intelectuais e artistas plásticos que estavam cansados do isolamento cultural proporcionado por dificuldades econômicas e geográficas. Segundo um de seus fundadores, o poeta Jorge Tufic, os antecedentes históricos do Clube estão nos primeiros encontros literários que aconteceram em 1949, na residência do poeta e pintor Anísio Mello. (PÁSCOA, 2017, p.44 apud TUFIC, 1965, p.21)

O Clube da Madrugada tinha interesse por diversos campos da cultura, incluindo as artes plásticas. O clube tinha como matriz ideológica repensar os valores plásticos e os meandros sociais que regiam a época, flertando politicamente com o comunismo libertário, Páscoa, (2017, p. 44-67) assim como com as vanguardas artísticas europeias, que prezavam dentre outras coisas, com a aproximação entre arte e público, como vemos destacado no argumento a seguir:

A intervenção na imprensa através de publicação em periódicos, a criação de uma revista literária, a amplitude e a diversidade de interesses culturais além do acentuado caráter libertário, são algumas características que fizeram do Clube da Madrugada um movimento artístico e literário típico do século XX. No cariz ideológico, o Clube da Madrugada aproximou-se do comunismo anarquista, também conhecido como co-

munismo libertário, buscando uma aproximação maior entre arte e público. Dentre as ações para as artes visuais, o Clube da Madrugada realizou diversas exposições, feiras de arte, festivais de cultura e festival de cinema

A partir do Clube da Madrugada, especialmente a literatura e as artes visuais, como a pintura e o cinema viriam a traçar uma nova história na cidade de Manaus. A pintura decorativa e de encomenda cedeu espaço para uma arte subjetiva, expressiva e contestadora da estética acadêmica ainda vigente em Manaus. Essa nova fase artística regional, culminou com a criação de novos espaços de divulgação da arte na cidade, tornando assim favorável a formação de coleções de arte.

3.2 A coleção de pinturas da Pinacoteca do Amazonas

A maior coleção de obras de pintura do Estado do Amazonas pertence à Pinacoteca do Estado, que reúne uma vasta coleção de pinturas de artistas da região amazônica. Desde o Museu Botânico, o governo do Estado do Amazonas demonstrou interesse em reunir coleções, a exemplo disto, temos o Museu Botânico, que era um museu-escola que abrigava em sua sede de exposições os cursos de agrimensura e agricultura. Este museu não resistiu ao tempo, tendo encerrado suas atividades, assim como o Museu Amazonense, instituição criada no mesmo período do Museu Botânico.

A coleção de obras do Estado é anterior à criação da Pinacoteca do Amazonas. As primeiras peças pertencentes ao Estado são oriundas da época provincial, os artistas plásticos de outras regiões do país que por aqui passavam, ofereciam seus serviços de pintura, a exemplo de Francisco Aurélio de Figueiredo e Mello², cuja obra de destaque, “A redenção do Amazonas”, que se encontra desde 1917 na sede da Biblioteca Pública, SEC (2016, p.13) apesar de esta ser contida como parte do acervo da Pinacoteca do Amazonas.

Em 1898 é criada a Associação Propagadora das Belas Artes no Amazonas, posteriormente, a Academia Amazonense de Belas Artes, voltada para o trabalho cultural com

² Francisco Aurélio de Figueiredo e Mello, cujo nome artístico foi Aurélio de Figueiredo, assim assinando sua vasta obra de pintor, também trabalhou com escultora e atuou ainda como jornalista, escritor e caricaturista em sua época. Nasceu em Areia, Estado da Paraíba, no ano de 1854, sua família sempre manteve relações no universo artístico, de modo que Figueiredo pode conhecer as técnicas das Belas Artes e realizar estudos neste campo, tornando-se profissional em pintura e escultura.

as artes plásticas e a música SEC (2016, p.17). A Academia Amazonense chegou a implementar a escola de pintura “Vitor Meireles”, todavia, com o declínio do ciclo econômico da borracha a academia foi extinta, restando apenas um conservatório de música já sem os cursos de artes plásticas, os quais perduraram, portanto, o até o ano de 1927.

Fig.5 A Redenção do Amazonas, óleo sobre Tela – Aurélio de Figueiredo 1888



Fonte: <http://noticias.cennoticias.com/11143356?origin=relative&pageId=be53fb28-6508-4043-8076-4700308a000&PageIndex=1>

No ano de 1954 as atividades do chamado Clube da Madrugada agitaram o circuito cultural na cidade de Manaus ao realizar exposições de artes plásticas no hall da Biblioteca Pública, além de salões e feiras de arte na sede do “Jornal do Comércio”. O clube consistia na reunião de jovens da cidade que se propunham a pensar e realizar novas propostas artísticas na cidade.

A principal concentração do clube era a literatura, porém, oriunda da tradição dos grêmios escolares, cujos mantinham pequenos jornais e revistas culturais impressos. O Clube da Madrugada neste mesmo seguimento lançou seu material gráfico, abrindo assim, espaço para as artes plásticas:

Os jornais com cadernos do clube ganharam ilustração, abrindo caminho para os artistas plásticos (1961-1972), o que era resultado da multiplicidade de novos membros e da diversidade de interesse que eles traziam consigo. Entre eles, estavam Álvaro Páscoa, José Maciel, Hahnemann Bacelar, Getúlio Alho, Carlos Gomes, Cosme Alves Neto, Ivens Lima, José Gaspar e mais tarde Van Pereira e Jair Jackmont,

grupo que reforçou a parcela mais interessada em artes plásticas e visuais, que costumava reunir, informalmente, na praça Heliodoro Balbi. (SEC, 2016, p.21).

A partir do ano de 1956 várias exposições de artistas plásticos locais foram organizadas pelo Clube da Madrugada. Apesar de o Estado participar sutilmente destes eventos, ou manifestar apoio, eram atividades artísticas de iniciativa do clube. Os eventos artísticos aconteciam em praça pública, na Biblioteca Estadual, ou demais ambientes da área central de Manaus em que a arte pudesse se fazer mais acessível ao público, como vemos destacado no fragmento a seguir:

A partir de então e durante alguns anos, o Clube liderou esses eventos, na vanguarda, levando a arte para a rua ou os locais populares e de fácil acesso ao grande público. Assim foi o Salão Madrugada (1962) ; a Feira de Arte (1963), na Praça da Matriz, com destaque para Gualter Batista, Simão Assayag, Jair Jackmont e Getúlio Alho; a II Feira (1964), no térreo do “Palácio da Cultura”, na “Praça 5 de Setembro” (da Saudade), quando se deu o surgimento explosivo de Hahnemman Bacelar, com 16 anos e seu “Cafuné”; as exposições do Hall do “Jornal do Comércio” (1964) com Álvaro Páscoa, Getúlio Alho, Paulo d’Asturo e José Maciel; no Hall da Biblioteca Pública (1964), com Paolo Ricci, Getúlio Alho e Horácio Elena. (SEC, 2016, p.23).

A cultura no Estado foi estimulada pelo governo de Artur César Ferreira Reis, que investiu ainda na reformulação da educação no Estado. Desde a época de província, o governo já possuía coleção de obras de artes plásticas, quase todas encomendadas pelo poder público, porém não havia um museu que abrigasse esta coleção, ao contrário de outras regiões do país, onde já existiam Pinacotecas, como São Paulo, Pernambuco e Bahia.

A lei nº 223, de 18 de junho de 1965. Art 16, item 8.1, decretada pelo governador Artur César Ferreira Reis, criou oficialmente a Pinacoteca do Estado do Amazonas, que passou a pertencer como um setor da Secretaria da Cultura, da então Secretaria de Cultura e Educação. A criação da Pinacoteca faz parte de uma série de medidas tomadas pelo governador em prol das políticas culturais do Estado, que pretendia uma “Retomada da consciência para a cultura, que vinha sendo criminosamente relegada a plano inferior, num desestímulo aos jovens que saíam das escolas e das faculdades sem perspectivas.” (REIS, 1967, p.14).

A Pinacoteca do Amazonas teve os primeiros salões expositivos abrigados na Biblioteca Pública, sua primeira sede, compartilhando o imóvel com a biblioteca. Funcionou

no andar superior do imóvel, o qual dispunha de salas vagas desde que a Assembleia Legislativa se transferiu deste para o IEA (Instituto de Educação do Amazonas). Nasceu com a função não só de um espaço expositivo, mas também educativo, que contribuísse para a formação técnicas dos cidadãos amazonenses, fator que influenciou também no seu acolhimento junto ao seio da biblioteca:

A Pinacoteca deveria reunir acervos, estimular artistas, aglutinar relações, acolher a produção amazonense, desenvolver programas de educação nas artes e abrir horizontes, por meio da formação e lapidação de novos valores{...}Regulamentada pelo decreto n.322 de 8 de Outubro de 1965, como setor do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura, era uma pequena estrutura, chamado de Pinacoteca Pública do Estado, a exemplo da Biblioteca, e em igualdade de condições ao Museu de Numismática, Teatro Amazonas e ao Conservatório de Música, setores da mesma secretaria.{...}Com a biblioteca no térreo, no piso superior foram instalados a Pinacoteca do Estado e o auditório “Alberto Rangel”, que serviria para debates, palestras, cinema e eventos, constituindo, nos conceitos correntes, um centro cultural. (SEC 2016, p.27).

A criação da Pinacoteca foi um trabalho que teve empenho da classe artística, especialmente do artista plástico Moacir Andrade e do historiador Mário Ypiranga Monteiro, que em sua coluna no Jornal do Comércio expôs a necessidade de preservação das artes plásticas através da criação de uma Pinacoteca:

Há anos eu me bati nos jornais de Manaus pela criação de uma Pinacoteca, justamente para salvar das garras dos vereadores e prefeitos e de outros maiorais as telas preciosas que existem. Isto depois que fui dar no porão de lixo do Teatro Amazonas com um retrato corpo inteiro do Marechal Deodoro, inútil, já, mas que, assim, recambiei para o IGHA. (YPIRANGA, Jornal do Comércio, 13 de Julho de 1965)

Figura 6. Piso superior da Biblioteca Pública, primeira sede da Pinacoteca



Fonte: Freitas, 2018

A Pinacoteca entrou em funcionamento para o público em 7 de setembro de 1965. A coleção de obras foi se estabelecendo oriundas das repartições Estaduais, que tinham obras em pintura espalhadas nos diversos departamentos.

O trabalho de organização do primeiro acervo foi conferido ao DITPEA- Departamento de Imprensa, Turismo e Promoção do Estado do Amazonas, que formara uma comissão para realizar esta tarefa, chefiada pelo artista plástico Moacir Andrade. Em decorrência de seu desempenho neste trabalho, o artista foi nomeado pelo estado como primeiro diretor da Pinacoteca do Amazonas.

Em dezembro de 1965, a Pinacoteca teve sua primeira exposição de pintura, da artista alemã Marianne Overbeck, que neste período, trabalhava em suas telas a temática paisagística da Amazônia. Marianne morou na cidade de Manaus durante o ano de 1965, SEC (2016, p.33) tendo chamado atenção do cenário cultural local para suas pinturas. Os cursos de artes plásticas desenvolvidos na Pinacoteca eram nas modalidades de desenho e pintura, tendo sido ministrados pelos artistas Moacir Andrade, Álvaro páscoa e Manoel Borges.

Quando Álvaro Páscoa assumiu a direção da Pinacoteca do Estado, após ter sido gerenciada por Moacir Andrade, esta passava por seu pleno funcionamento e atendimento ao público, tanto com relação a exposições quanto na participação formadora dos artistas da cidade:

Álvaro páscoa teve importante papel formacional para 30 alunos e expositivo, chegando a acolher mais de 2.700 visitantes, além de organizar palestras e conferências. Foram 24 os alunos que concluíram o curso daquele ano e, por certo, acompanharam as 11 exposições temporárias realizadas e o ingresso de 6 novas obras adquiridas pelo Estado para valorizar a Pinacoteca. É desse tempo que se chega a falar do surgimento da “geração Pinacoteca.” SEC, 2016, p.35)

A partir de 1971 o prédio da Biblioteca pública, em que a Pinacoteca funcionava começou a deteriorar-se. As obras que faziam parte do acervo da Pinacoteca passaram a ser expostas ao público de forma itinerante. Os recursos destinados à cultura, já não englobavam as artes plásticas, sendo destinada prioritariamente à literatura.

Em 1974, a Pinacoteca chegou a organizar uma pré-bienal de Artes no salão da Biblioteca com 72 obras, em que os artistas plásticos Sérgio Cardoso, Ademar Pereira e Ademar Brito foram os premiados. Submetidos os trabalhos à críticos da Bienal de São Paulo, os

trabalhos artísticos tiveram críticas negativas, e nenhuma obra da pré-bienal do Amazonas, participou do evento nacional.

Em 1975, a Pinacoteca estava praticamente fechada, contando apenas com dois funcionários para funcionar, o diretor Álvaro Páscoa e uma servente. As exposições ficaram ao cargo da iniciativa popular, posto o governo continuar concentrando os recursos e projetos na área da literatura.

Apesar das diversas tentativas de restauração e projetos envolvendo a Pinacoteca nos anos 70, nenhum viria sair do papel. A gestão da Pinacoteca era feita pela FCA, (Fundação de Cultura do Amazonas), órgão administrado pela SEDUC, que concentrava os recursos e projetos para a área escolar e literária SEC (2016, p.47), causando verdadeiro abandono da área cultural que se refletia a olhos vistos na Pinacoteca, como vemos destacado no trecho de um dos relatórios administrativos da FCA de 1977:

A Pinacoteca, como sabemos {...} guarda algumas relíquias e obras significativas e não oferece qualquer segurança contra assaltos, chuvas, ventos fortes, etc. {...} Um grande número de quadros necessitando de reparos nas molduras limpeza e restauração, problemas de pessoal pelo reduzido número de servidores falta de programação de visitas, mesmo porque o prédio não oferece condições”. (Relatório do Diretor do FCA, Robério Braga, em 17 de novembro de 1977).

Os anos 70 e 80 foram de decadência para a Pinacoteca, apesar dos projetos que se aglomeravam entre governos para a recuperação do imóvel da Biblioteca, até então sede da Pinacoteca, em um período de mais de dez anos, nada saiu do papel, fazendo com que as atividades de mediação cultural ali estabelecida, se tornassem praticamente encerradas ao público, exceto pelas exposições itinerantes que acabavam por reunir algumas das obras do seu acervo em exposições temporárias.

Em 1994 a Pinacoteca passa a ter a coleção abrigada e novamente exposta de maneira permanente ao público no prédio da Usina Chaminé, SEC (2016, p.48) que passou a se chamar “Centro de Artes Usina Chaminé”, sob a direção do artista plástico Jair Jacqmont. Desde os anos 70 era de interesse da FCA que este imóvel servisse de espaço cultural, como apontado a seguir:

Vinha de muito tempo a aspiração de transformar a antiga Usina dos Ingleses, nas proximidades do Caxangá em equipamento cultural. O governador Álvaro Maia cogitara isso. A cessão do uso do prédio por comodato para a FCA ocorreu, entretanto, em 1976, a partir do qual foram desenvolvidos alguns projetos que não se consumaram.[...]. Fato é que somente em 1992-1993 esse intento foi conseguido,

quando parte da coleção da pinacoteca foi ordenada no antigo prédio edificado pelos ingleses, o qual passou a ser denominado de Usina Chaminé. A ideia de restauração do prédio para a adaptação e instalação da Pinacoteca veio do artista Jair Jacqmont, que dirigia a instituição à época. (SEC, 2016. P.85)

Com o passar dos anos, sem a devida manutenção e com a falta de espaço adequado para abrigar o acervo, muitas das obras artísticas do acervo da Pinacoteca estavam deterioradas, levar as obras para o espaço da Usina Chaminé era sobretudo uma tentativa de preservar o patrimônio artístico colecionado pelo Estado, que carrega consigo a memória e a identidade da sociedade local. Em depoimento para o ex-secretário de cultura, Robério Braga, Jacqmont expôs sobre sua preocupação com relação ao estado das obras de arte:

Encontrei os quadros da Pinacoteca { ... } na sua maioria deteriorados e muitos fora da Pinacoteca sendo restaurados num barracão e os conduzi para a própria. Fui ao subsecretário Tito Lindoso e com aval do governador Gilberto Mestrinho e do Ministério da Cultura, propus o prédio desativado da usina de tratamento para ser a futura Pinacoteca, com projeto da arquiteta Regina Lobato. (SEC, 2016, p.85)

Um público de mais de cem mil pessoas, segundo registros da Secretaria de Cultura do Amazonas, SEC, frequentou o espaço e participou do processo de mediação cultural no Centro Cultural Usina Chaminé, todavia, também sem infraestrutura, o projeto acabou encerrando-se, fazendo com que a Pinacoteca ficasse um período desativada.

Figura 7. Centro Cultural Usina Chaminé



Fonte: Divulgação Secretaria de Cultura do Amazonas

As atividades culturais do Estado do Amazonas até então eram administrados pela FCA, mais tarde designado de SCA, órgão subordinado à SEDUC e que recebia menor investimento e infraestrutura para aplicações em projetos culturais, uma vez que a demanda educacional era considerada não apenas prioritária, como também apartada das questões culturais da época, cuja demanda ficava em segundo plano, o que desencadeou as artes e a cultura amazônica à uma verdadeira estagnação das políticas culturais.

O cenário das políticas culturais por parte do governo do Estado só remodelaria a partir do ano de 1997 quando se implementou no governo a Secretaria de Cultura do Amazonas SEC, órgão do Estado criado para o desenvolvimento da cultura, do esporte e de estudos na Amazônia, sendo nesta oportunidade, a primeira vez que o setor da cultura apareceu como um órgão desmembrado do setor educacional no Estado.

Desde sua criação no ano de 1997, a então Secretaria de Estado da Cultura, Esportes e Estudos Amazônicos passou a investir em recursos e projetos que reorganizassem o setor das artes plásticas e dos demais museus do, no qual a Pinacoteca do Estado do Amazonas foi beneficiada. Os cursos realizados à época qualificaram cerca de 200 servidores e não servidores da SEC, segundo dados da própria secretaria, retirados de relatório técnico do ISAE (Instituto Superior de Administração e Economia) um dos responsáveis pela ministração dos cursos junto à Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Os cursos realizados tiveram a duração de dois anos (1997/1998) e foram destinados principalmente para o público atuante nos museus da capital amazonense. Os estudos de capacitação realizados foram nas áreas de: Introdução à Museologia e Museografia, Administração de Bibliotecas, Gestão Cultural, Administração da Preservação de Acervos Arquivísticos e Bibliográficos e, por fim, o curso de Processamento técnico para Bibliotecários.

No mesmo ano de 1997 obras em pintura do acervo da Pinacoteca começaram a ser restauradas. Para este empreendimento, foi necessária a qualificação de servidores da secretaria de cultura, SEC (2016, p.61) que promoveu esta qualificação profissional para servidores dentro e fora do Estado do Amazonas, resultando na criação do ateliê de restauro, que anexo à Pinacoteca tem como finalidade atender à demanda do acervo desta instituição, encontrando-se em funcionamento até os dias atuais. Em relatório institucional o Secretário de cultura ao receber o acervo da Pinacoteca, a esta altura ressalta:

Recebido gravemente deteriorado o acervo da Pinacoteca do Estado do Amazonas obras de arte de nível e valor, que está sendo restaurado por técnicos amazonenses, devidamente treinados em cursos de capacitação realizados em 1997 e que nos permitirão, ainda no ano de 1998 apresentar ao povo amazonense os 12 primeiros quadros restaurados dentro das técnicas mais modernas e especializadas. (SEC, 2016, p.61).

Entre 1998 e 1999 as obras da Pinacoteca permaneceram em exposições permanentes realizadas em dois espaços principais, o Palácio Rio Negro e o Palácio da Justiça, sendo que o primeiro funcionava como um centro cultural que envolvia música, artes plásticas teatro e dança. No ano de 1999 realizou-se no espaço do centro cultural um importante evento de artes plásticas o “Salão Plástica Amazônia”, coordenado pelo artista Jair Jacqmont. O evento trouxe curadoria de fora do Estado, tendo premiado muitos artistas regionais.

Sobre esta fase da Pinacoteca do Amazonas nas instalações do Palácio Rio Negro, que funcionava à época como o mais importante centro cultural de Manaus, o fragmento a seguir ressalta como um momento positivo quanto a mediação cultural entre arte e público, destacando-se em números os visitantes que acessaram as obras de arte:

A reorganização da Pinacoteca e sua associação a um centro cultural que já havia se inserido como tal na comunidade, ao lado de outras atividades, atraiu um público expressivo, em 2001, alcançando um público de mais de 10.500 visitantes cadastrados, chegando a mais de 6.800, no ano seguinte, 2002, resultado que deve ser considerado pela qualidade do acervo e sua novidade para grande parcela dos interessados em artes, como pela animação desenvolvida no Centro Cultural Palácio Rio Negro. {...}O Palácio funcionava então como principal polo de ações do Estado, ao mesmo tempo em que estava em curso a implantação de outros equipamentos culturais. Estava dinamizado de forma que no ano de 2000 foram realizadas 38 exposições temporárias e 6 itinerantes. (SEC, 2006, p.78).

Em 2002, o Comando Geral da Polícia Militar desocupou o prédio do Palacete provincial, onde se instalou em 1890, retirou-se e voltou em 1936. O Palacete provincial é um imóvel do século XIX que serviu de sede para diferentes repartições do Estado, como o Liceu, o Tesouro Provençal e a Assembleia Legislativa do Amazonas, Arruda, (2011, p.82) sendo tombado como patrimônio histórico no ano de 1998. No ano de 2002 o palacete passa a fazer parte dos imóveis administrados pela SEC, que o transforma em um museu com diversas repartições temáticas, como apontado por Rila Arruda no trecho a seguir:

Em 2002, pelo Decreto nº 23.097 de 31 de dezembro, o governo do Estado transferiu a administração da antiga sede do Comando Geral do Quartel da Polícia Militar para a SEC. Segundo o Secretário de Cultura, Robério Braga, em pronunciamento para a mídia local: “A ideia é fazer do Palacete Provincial um grande centro de cultura com

localização privilegiada e estrutura renovada sem perder a essência por meio dos detalhes encontrados na arquitetura original”. A restauração do prédio começou em 2005, sendo parte do Programa Manaus Belle Époque, e inaugurado em 2009. (ARRUDA, 2011, p.83).

Em 2003 a SEC, Secretaria de Cultura do Estado, passa a gerir exclusivamente as políticas públicas voltadas para o campo da cultura, deixando as áreas dos Esportes e da Pesquisa na Amazônia ao cargo de outras secretarias.

A reforma do Palacete provincial decorreu entre os anos de 2005 a 2009, os museus abrigados no imóvel são, além da Pinacoteca do Estado do Amazonas, o Museu de Numismática Bernardo Ramos, Museu Tiradentes, Museu da Imagem e do som do Amazonas e o Museu de Arqueologia. Neste mesmo imóvel funciona o Ateliê de Restauro de Obras de Arte e Papel, que vem funcionando como suporte técnico da Pinacoteca. A reabertura do palacete ocorreu em 25 de março de 2009, no aniversário de seus 135 anos.

Figura 8. Fachada do Palacete Provincial, sede da Pinacoteca desde 2009



Fonte: Freitas, 2018

Quadro 1 – Cronologia dos principais períodos que marcam a história da Pinacoteca

1965	Decreto de Fundação da Pinacoteca, e abertura ao Público
1971	Prédio da Biblioteca em deterioração, mediação começa a ser freada
1975	Fase das exposições itinerantes

1994	Pinacoteca passa para a sede da Usina Chaminé
1997	Restauro de obras /Criação do ateliê de restauro da Pinacoteca
1998	Acervo em exposição no Palácio Rio Negro e Palácio da Justiça
2002	Exposição do acervo no Palácio Rio Negro e Palácio da Justiça
2009	Reabertura da Pinacoteca com sede do Palacete Provincial

Fonte: Desenvolvido pela autora, 2019

Aproximadamente três mil obras fazem parte da coleção da Pinacoteca do Estado, em grande parte, as obras são de autoria de artistas da região amazônica. A coleção tem início ainda no período provincial, época em que os governos sucessivamente encomendavam obras de pintura de artistas de renome nacional para fazer compor a decoração dos espaços governamentais da cidade de Manaus, estas telas são as que posteriormente foram incorporadas ao acervo da instituição Pinacoteca do Estado do Amazonas, uma coleção que vem sendo acrescida ao longo dos anos de obras artísticas da presente década. A aquisição das obras foi realizada em negociação com os artistas, sendo compradas pelo estado ou doadas ao museu por artistas e, ou, seus familiares, fazem parte da coleção ainda obra de artistas nacionais e internacionais.

A Pinacoteca do Amazonas, possui uma trajetória histórica que se relaciona aos artistas locais, às obras e desde a sua criação se entrelaça ainda à educação. Em seu espaço não há simplesmente objetos a serem vistos por professores e o público em geral, mas um acervo e um processo de troca, em que se media conhecimento, se experencia sensibilidade, se reconhece identidades, especialmente a identidade amazônica, cujo ambiente e sociedade povoou a arte de diversos artistas que ali as expõem.

Um museu não apenas mostra objetos para serem puramente captados pela visão e ou tato, mas também sensibiliza, contextualiza, e potencializa a ação criativa com a cultura artística dentro e fora do seu espaço. É importante compreender como o museu tem servido de aporte às experiências educativas de pensar a arte, apreciá-la, e experimentá-la, através de um fazer já “contaminado” pela experiência do artista e sua obra.

3.3 A Pinacoteca do Amazonas: Espaço, acervo e ações de mediação

O museu Pinacoteca do Amazonas recebe o público com uma exposição permanente de pinturas de artistas regionais e nacionais em dois salões expositivos que compõem o seu espaço, perfazendo um total de duzentas e setenta obras expostas para visitação pública, as demais obras do acervo da Pinacoteca encontram-se em reserva técnica e não podem ser acessadas sem a prévia autorização da secretaria de cultura do estado e da direção do museu. A curadoria das exposições fica ao cargo de artistas e profissionais da cultura local da cidade de Manaus, a exposição mais recente da Pinacoteca foi entregue ao público em 2018 e permanece aberta para visitação até este ano de 2020, sendo esta de curadoria do artista visual Óscar Ramos, tendo sido este um de seus últimos trabalhos em vida.

Figura 9: Pinacoteca do Amazonas, Salão I, obras do século XX



Fonte: Freitas, 2019.

Figura 10: Pinacoteca do Amazonas, Salão expositivo, Obras “Modernas”



Fonte: Freitas, 2019.

O espaço da Pinacoteca se divide em dois amplos salões, onde um abriga as obras do século XIX e o outro, intitulado de “Moderno” compõe-se principalmente de obras contemporâneas de artistas locais. A cronologia das obras obedece a sequência de datas de sua criação, fazendo com que tanto a história como as mudanças ocorridas nos temas, estilos e processos de criação possam ser percebidas pelo público.

A ideia de dispor as obras como um “livro de história”, assim como ocorre em outros museus pelo mundo partiu do curador da exposição. O artista Óscar Ramos que visava a mediação das obras de forma mais educativa, como comentou em entrevista ao jornal “À Crítica” em 26 de março de 2018: “todo espaço deveria adotar a função educativa, principalmente lugares de grande visitação como a pinacoteca”.

Ao longo do ano, a Pinacoteca contribui na realização de cursos e palestras sobre artes visuais que ocorrem no auditório do Palacete, como o ocorrido em julho de 2019. Contou com quatro cursos de história da arte que foram realizados em parceria com a Universidade do Estado do Amazonas-UEA e pesquisadores. Cursos estes que envolveram o tema na arte local na modalidade cinema, produção gráfica contemporânea e o clube da madrugada.

A “Primavera de Museus”, um evento nacional organizado pelo IBRAM, sigla do Instituto Brasileiro de Museus, que ocorre anualmente, faz com que a Pinacoteca promova ações de mediações diferenciadas para atrair o público, como a contação de histórias, cursos e ações educativas de oficinas e visitas para as escolas da cidade. Na edição de 2018 da “Primavera de museus” as visitas à Pinacoteca foram mediadas de forma teatralizadas, o que chamou a atenção do público que visitou o espaço, um curso de iniciação à pintura também foi oferecido aos visitantes na ocasião.

Figura 11: Cartaz de cursos de Artes realizados no prédio sede da Pinacoteca



Fonte: Universidade do Estado do Amazonas

Figura 12: Palestra da “Primavera de museus” edição 2018 no Palacete Provincial



Fonte: Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Amazonas

As ações que a Pinacoteca participou nos últimos anos, além da mediação em seu espaço, atuam na promoção de cursos e palestras sobre as artes visuais para diferentes públicos. Dentre estas ações destacamos a “Visita Mediada – Clube da Madrugada (2017) e Pinacoteca do Estado”, uma visita que consistiu em lembrar a fundação do Clube da Madrugada e sua influência na criação da Pinacoteca do Estado. Destacamos também o

projeto “Vivências nos museus” (2019), que consistia em uma visita guiada pelos próprios colaboradores da Pinacoteca, que mediavam informações técnicas de como o museu funciona e trabalha na preservação da arte.

A ação “Celebrando a educação em museus”, ocorreu em 2018 em comemoração aos 200 anos do museu no Brasil, integrando a programação da primavera de museus daquele ano. Esta ação, além de visita guiada, com os guias caracterizados como personagens da época provincial manauara, ofereceu os cursos de Iniciação à pintura e de Análise e interpretação de obras de pintura. Em 2020, a Pinacoteca lançou em seu portal *online*, a visita virtual, inserindo o acervo da Pinacoteca ao acesso do público através do ciberespaço.

A Pinacoteca possui obras do século XIX, XX e XXI que estão expostas de modo que essa cronologia seja percebida pelo público, adiante vemos algumas destas obras que compõem o acervo da Pinacoteca de suas diferentes épocas.

Figura 13: O banho de Ceci, óleo/tela, Aurélio de Figueiredo, 1900



Fonte: Direção Pinacoteca do Amazonas

Figura 14: Tormenta, Óleo/tela, autor Antônio Parreiras, Ano 1903



Fonte: Direção da Pinacoteca do Amazonas

Figura 15: Paisagem Amazônica, óleo/tela. Autor Moacir Andrade.1987



Fonte: Direção da Pinacoteca do Amazonas

Figura 16: Palafitas, Óleo /tela, Hahnemann Bacelar.1965.



Fonte: Direção Pinacoteca do Amazonas

Figura 17: Mulher de Chapéu, acrílica/tela.Rita Loureiro, 1997



Fonte: Direção da Pinacoteca do Amazonas

Nas questões levantadas nas entrevistas (perguntas do quadro I) esclareceu-nos que, conforme a direção do museu Pinacoteca do Amazonas e as guias (entrevistados), o mesmo ainda não se preparou para atender o arte-educador de maneira peculiar. Seu projeto de mediação não contempla este público em específico, como já existe em outros museus do Brasil e conforme mencionamos, embora seja pensado para receber o público em geral. A seguir transcrevemos as entrevistas com o diretor da Pinacoteca e relatamos trechos da entrevista das duas guias que trabalham no museu com a recepção do público.

Entrevista com a direção do museu Pinacoteca do Amazonas:

Entrevistadora / Pesquisadora pergunta 1: *Como a Pinacoteca se prepara tecnicamente para receber o professor de artes?*

Entrevistado: Atualmente, apenas fazemos uma conversa prévia com os responsáveis pela visita e apenas os recebemos e mostramos os espaços.

Entrevistadora / Pesquisadora pergunta 2 : *Existem particularidades em uma comparação entre a ação educativa do professor de artes e os demais profissionais da educação que frequentam a pinacoteca com as turmas escolares?*

Entrevistado: Em relação à participação dos museus, nós apenas recebemos as pessoas. Há às vezes uma diferença em relação ao arcabouço cultural quando tratam-se de professores universitários, ou pesquisadores.

Entrevistadora / Pesquisadora pergunta 3: *Os professores de artes demonstram conhecimentos prévios sobre as obras da Pinacoteca nas visitas que realizam?*

Entrevistado: Alguns professores sim, mas é uma minoria.

Entrevistadora / Pesquisadora, pergunta 4 : *O que os arte-educadores costumam comentar com as turmas diante das obras?*

Muito pouco, apenas elogiam.

Entrevistadora / Pesquisadora, pergunta 5 : *Existe na pinacoteca políticas de formação para o arte-educador ou demais professores relacionados ao conhecimento e acesso ao acervo da instituição?*

Entrevistado: Não há. Temos treinamento e palestra com os estagiários realizadas a partir dos gerentes dos museus.

Entrevistadora/Pesquisadora pergunta 6 : *Os professores de artes são maioria na visitação da pinacoteca em relação aos demais profissionais da educação?*

Entrevistado: Sim.

Entrevistadora / Pesquisadora, pergunta 7: *As visitas realizadas pelas turmas de professores de arte ainda em formação são frequentes na instituição? A exemplo de turmas da UFAM, UEA e demais instituições de ensino superior da cidade de Manaus?*

Entrevistado: *Vários professores de cursos de design, arquitetura, história, além de artes visuais frequentam com suas turmas a Pinacoteca*

Pesquisadora / Entrevistadora pergunta 8: *Vocês possuem dados com relação ao percentual de professores de artes do ensino básico que visitam a pinacoteca anualmente?*

Entrevistado: *Temos esses registros, mas ainda não organizamos, a pinacoteca estava com dificuldades de ser administrada por diversos motivos, estamos trabalhando com esse levantamento e desejamos que possamos em um futuro próximo poder contar essas informações e também com parcerias dos professores de artes para aumentar o número de escolas que nos visitam*

Pesquisadora / Entrevistadora pergunta 9: *Como você analisa a potencialidade da Pinacoteca no trabalho do arte educador, um profissional que lida diretamente com imagens de pintura e com obras de arte de maneira geral?*

A Pinacoteca é o espaço de arte mais completo no campo das artes plásticas, repleto de obras de pintura que chamam a atenção da criança, do jovem, sendo assim a potencialidade da Pinacoteca é imensa e precisa ser mais articulada com o professor de artes, para trabalharmos juntos, pois este é um espaço de todos e o professor de arte tem competência para fazer isso acontecer conosco.

Pesquisadora / Entrevistadora , Pergunta 10: *Que ações você considera importantes para que seja melhor viabilizado o acesso do professor de artes ao trabalho de mediação da pinacoteca?*

Acredito que essa questão do transporte seja a mais crucial, divulgar nossas ações nas escolas talvez fizesse com que todos pudessem se empenhar para frequentar nosso espaço. A questão toda envolve meios de como fazer o transporte dos alunos e dos professores com segurança, nossa cidade é muito grande e nas zonas mais carentes fica quase inviável esse tipo de ação, mas penso que se o poder público pudesse organizar um projeto em torno disso todos sairíamos ganhando, a Pinacoteca, os professores alunos como um todo.

As guias entrevistadas (a Pinacoteca conta com duas guias, uma trabalhadora no turno da manhã e outro da tarde) nos deram respostas similares às perguntas realizadas. Por este motivo, não achamos necessária a realização das transcrições das entrevistas. Passamos a relatar e comentar o conteúdo obtido no que concerne ao trabalho mediador que realizam e a percepção delas quanto a relação da Pinacoteca com o professor de artes.

Primeiramente, abordamos a preparação das guias da Pinacoteca do Amazonas para a recepção do público, que consiste basicamente em estudos das obras a partir da literatura

existente. O trabalho mediador destes profissionais tem como questão norteadora o exercício da recepção e mostra do espaço museal ao público. Não existindo uma formação voltada para nenhum público em específico. Ambas as guias relataram não questionar a origem do público que se encontra diariamente no espaço do museu, não havendo a informação se são transeuntes da cidade, turistas, alunos ou professores. Uma das guias apontou que talvez os professores de arte que visitam o espaço do museu passem despercebido por elas, posto não terem como identificá-los que são professores de artes ou de outras áreas do conhecimento. Caso tenham agendado a visita com a escola, a informação de quem é o público no espaço não chega até elas, a não ser nas visitas que as escolas agendam, que é quando recebem a informação de quais são os professores, escola e quantidade de alunos.

Segundo observação de ambas as guias da Pinacoteca, poucos professores demonstram conhecimentos prévios sobre as obras presentes no museu, quando visitam com as suas turmas de alunos. Estes diante das obras, procuram fazer a mínima interferência durante as visitas - os comentários que fazem são geralmente, para enfatizar algum elogio à estética das obras.

Em relação à quantidade de público de professores arte-educadores, não obtivemos documentos oficiais de registro destas visitas por parte da Pinacoteca. Obtivemos os relatos das entrevistas, do diretor da Pinacoteca e das guias. Segundo o diretor da Pinacoteca os professores de artes são os que mais procuram agendar visitas com as suas turmas. Segundo uma das guias, suas anotações pessoais apontam que transeuntes e turistas sejam os principais visitantes do espaço museal. Quanto aos professores, não soube responder se os de arte são os que mais agendam visitas, mas creio que há um percentual equilibrado entre professores de arte e das disciplinas de língua portuguesa e história que também, são frequentes visitantes do lugar ao longo do ano.

Ainda segundo as guias, o espaço recebe, com frequência, o arte-educador em processo de formação, sendo frequentes as visitas de turmas de alunos dos cursos de Licenciatura em Artes Visuais da UFAM (Universidade Federal do Amazonas) e Licenciaturas da UEA (Universidade do Estado do Amazonas), de dança, teatro e música, além de professores oriundos de outros cursos de formação, que se relacionam com o universo cultural e artístico como dos cursos de História, Arquitetura e Design.

Uma das guias relatou que não possui como procedimento estreitar um diálogo acerca das obras com o professor de artes nas visitas escolares, o seu foco é a mediação para os alunos.

Questionada por que não buscava envolver o professor em seu processo de guiar para o conhecimento e a fruição das obras, nos respondeu que é um procedimento involuntário, por considerar que os alunos são mais sedentos de aprender sobre as obras e que muitas informações sobre as pinturas presentes nos museus os professores já possuem. Questionadas sobre o que objetivam quando mediam informações e reflexões sobre as obras para o público da educação, especialmente o professor de artes e seus alunos responderam as guias que chamaremos de (A) e (B) com a finalidade de preservação da imagem e da privacidade das entrevistadas responderam com as seguintes reflexões:

A minha busca é um aprofundamento reflexivo sobre a obra e não meramente a visualização da “beleza” que está presente. Professores de arte e história tem bastante interesse, eu costumo conversar com quem tem interesse, geralmente as pessoas não querem falar comigo, ficam envergonhadas, os professores de artes, este ano (2019) conversei com uns quinze, a média é de quinze professores da escola básica, aqui na pinacoteca, eles não falam da obra em si, mas dos artistas que tem peso na nossa história da arte, então eles conhecem mais artistas, quando eles tem interesse maior eles me perguntam, isso principalmente sobre as obras abstratas e indígenas. Eles não comentam quase nada, a não ser quando eu falo sobre as influências do estilo artístico, como o impressionismo, dadaísmo, surrealismo, é quando eles costumam comentar, pois é o que mais conhecem

Guia (A) da Pinacoteca, trecho da entrevista, 2019.

Em relação a esta mesma questão a guia (B) da Pinacoteca nos respondeu:

A Pinacoteca é a minha vida, eu gosto muito de trabalhar aqui e poder falar sobre as obras para as pessoas, quando são professores de artes é bom porque muitas referências eles já tem, apesar de que como muitas obras são dos artistas daqui e então eles não conhecem tanto nossas obras, pra “puxar” assunto nós é que comentamos sobre elas, pois eles conhecem mais pelo nome dos artistas do que pelas obras mesmo em si, é difícil precisar quantos professores de arte recebemos por ano porque essas informações não chegam pra gente, ainda vou fazer um ano de trabalho aqui e apenas sabemos que as turmas vêm, e que iremos recebe-las no museu, quando são professores eu prefiro fazer a visita completa, que dura mais de uma hora e assim eles veem mais obras e fazem mais perguntas, os professores incentivam os alunos a perguntar também, muitas das visitas são muito curtas, pois eles vem sempre não pra visitar somente a Pinacoteca mas para irem também para os outros museus que ficam neste mesmo prédio.

A Pinacoteca possui duas formas de realizar a visita guiada, uma de curta duração, que dura cerca de vinte minutos a trinta minutos, é a mais realizada. A outra, visita completa, dura cerca de uma hora e meia, realizada com grupo de professores ou quando há a informação de que se trata de pesquisadores ou professores das universidades, público este que demonstra um maior interesse nas obras e disponibilidade de tempo para melhor conhecê-las. As guias relataram que os professores demonstram, muitas vezes tímidos e envergonhados para realizar perguntas ou interagir com a mesma, mantendo-se uma relação, muitas vezes distante com relação a elas.

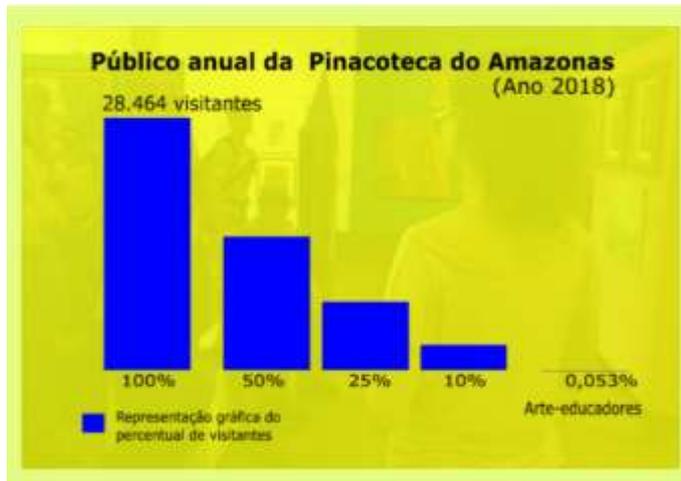
3.4 A Pinacoteca e uma realidade Norte na arte-educação

Segundo dados disponibilizados no portal da Secretaria de Cultura, a Pinacoteca do Amazonas recebeu um público de 2.372 visitantes ao mês (no ano de 2018), totalizando uma média de 28.464 visitantes anuais. Em uma representação numérica, tomando como parâmetro os duzentos e trinta e um arte-educadores da rede estadual de ensino, a média de um para cada escola (Manaus possui 231 escolas estaduais em funcionamento) e a quantidade de professores de artes que visitaram o espaço, o número de 15 professores, segundo uma das guias do museus, isso significa que houve no ano de 2018 um percentual de 6, 45% do quadro de professores articulando suas ações educativas junto à Pinacoteca do Amazonas em cenário recente (2018).

Ressaltamos novamente que, o número de 15 professores de artes é um dado não oficial da Pinacoteca, nos fora apontado na entrevista com uma das guias do museu, que assim o registrou em diário particular de atendimento. Tendo sido este, vale ressaltar, o único quantitativo de professores de artes que recebemos, como afirmação sobre as visitas de professores de artes no museu. Posto até o fechamento deste trabalho, não tivemos acesso aos registros das visitas e as respectivas identificações dos mesmos, conforme buscado junto à Pinacoteca e seus arquivos, ao longo do tempo de trabalho do presente estudo.

Em comparação com o total de público recebido pela Pinacotesca (28.464 visitantes) o percentual de arte-educadores representa 0,053% do público visitante em geral, no gráfico I, vemos a representação do percentual de arte-educadores que visitaram a Pinacoteca do Amazonas em 2018 e a sua representatividade diante da média de visitantes da instituição no período de um ano.

Gráfico I: Percentual de arte-educadores mediante o número de visitantes da Pinacoteca do Amazonas no ano de 2018



Fonte: Freitas, 2019 - Elaborado para esta pesquisa

Das catorze escolas procuradas para participação em nossa pesquisa, apenas o percentual de cinquenta por cento respondeu à nossa solicitação de entrevista. Deste quadro de entrevistas, apenas um professor de artes já tinha realizado visitação com sua turma escolar ao museu Pinacoteca do Amazonas, o que representamos no gráfico abaixo:

Gráfico II – Arte-educadores estaduais da Zona Norte e a mediação cultural na Pinacoteca do Amazonas



Fonte: Freitas, 2019 - Elaborado para esta pesquisa

A seguir, transcrevemos a entrevista desta professora que nos relatou a sua experiência com a mediação cultural da Pinacoteca, com alunos do ensino fundamental II. A professora entrevistada, apesar de não ter formação em artes, mas em Língua Inglesa, atua na escola

na função de professora de artes, por este motivo, coletamos a sua experiência com a mediação cultural que nos relatou ter experienciado.

Pesquisadora/entrevistadora: Na sua época de formação, para atuar como professor (a), você realizou alguma visita à Pinacoteca do Amazonas?

Professora de artes da zona norte de Manaus: A minha formação não é em artes, apesar de muitos anos trabalhar a arte nas escolas, sempre fico com a minha disciplina de formação, que é língua Inglesa e também com a disciplina de artes. Quando fiz meu curso de letras não lembro de ter conhecido nenhum museu.

Pesquisadora/entrevistadora: Você conhecia as obras artísticas da Pinacoteca do Amazonas antes da graduação?

Professora de artes da zona norte de Manaus: Eu já conhecia a pinacoteca de visitas realizadas por passeios no centro na época em que estudava na graduação, mas foi uma iniciativa minha de ir ao museu e nada que se relacionasse aos estudos de língua inglesa e literatura, sempre gostei de fazer estes passeios no centro e visitar os espaços antigos, que fazem parte da nossa cultura.

Pesquisadora/entrevistadora: Você considera que a graduação lhe proporcionou conhecimentos significativos sobre a pintura local?

Professora de artes da zona norte de Manaus: Não detenho nenhum curso ou formação em artes, além dos meus estudos pessoais, da pintura local eu conhecia o Cláudio Andrade, cujo estúdio de pintura ser também para a visita e realização de ensaios fotográficos.

Pesquisadora/entrevistadora: Você recorda se realizou trabalhos na graduação sobre a arte local?

Professora de artes da zona norte de Manaus: Somente no campo da literatura, mas não foram muitos trabalhos.

Pesquisadora/entrevistadora: Na graduação, o senhor (a) ouviu ou trabalhou com os conceitos de “mediação cultural” ou “educação museal”?

Professora de artes da zona norte de Manaus: *Nunca ouvi falar sobre esses conceitos, achei que fossem apenas passeios que fazíamos e não sabia que tinha estudos sobre isso ou que era importante pra o ensino de arte entender sobre isso.*

Pesquisadora/entrevistadora : *Ao se formar professor, o senhor (a) pensou na importância de conhecer a obra de arte local e compartilhar este conhecimento em sala de aula?*

Professora de artes da zona norte de Manaus: *Sim, sempre gostei de ver obras locais, por isso tenho hábito de ir aos museus, durante três anos fiz excursão com meus alunos para o centro, alugamos o ônibus com dinheiro de rifas e levei as turmas para o palacete aonde fica a pinacoteca, pela distância e a questão logística de levar 60 alunos dá muito trabalho, mas fazendo parceria com outros professores, como o de história e sociologia conseguimos levar esses alunos por três anos, o pessoal do sexto ano e sétimo foram com a gente, já tem dois anos que eu não faço as visitas por ter muitas turmas e não estar com tempo pra planejar e arrecadar o dinheiro do transporte, que muitos alunos não tem como contribuir com o aluguel do ônibus, quando chega lá no centro eles também precisam lanchar então é muito trabalho sair aqui da zona norte, que leva quase uma hora até chegar lá, pra ele fazerem essa visita.*

Pesquisadora/entrevistadora : *Quais informações sobre a pinacoteca do Amazonas você conhecia antes de iniciar os estudos na graduação? E durante a graduação, que informações obteve?*

Professora de artes da zona norte de Manaus: *Não tinha informações não, apenas ao visitar o palacete na Praça da Polícia descobri que tinha vários museus ali, a pinacoteca é um dos museus que ficam neste espaço então não temos informações dela exatamente e dos nossos artistas, nossas obras não são tão comentadas por ai, por dar aula de artes eu acabei indo atrás de conhecer mais a arte, e por isso mesmo eu fiz essas excursões com os alunos, pra sair da rotina e ver arte, que acho que é importante pra eles e pra mim, que aprendo também com os guias.*

Pesquisadora/entrevistadora : *já realizou aulas sobre artistas e obras da Pinacoteca em sala de aula com os seus alunos? Se sim, conte-nos como foi a experiência*

Professora de artes da zona norte de Manaus: *Nunca, mesmo depois das visitas, com minhas turmas eu não tive essa ideia de usar o passeio que fizemos para passar algum trabalho pra eles, apenas peço que comentem se gostaram do passeio e se algum artista chamou atenção deles*

Pesquisadora/entrevistadora: *Que importância você considera que existe na relação da arte-educação com a experiência cultural nos museus de artes ?*

Professora de artes da zona norte de Manaus : *Acho que é importante pro aluno saber que existe esta arte, que ela pode ser vista por ele e que ele é capaz de compreender essa arte, estando diante dos quadros de pintura o aluno se sente mais interessado em conhecer esse tipo de arte, é um incentivo para que depois ele mesmo faça essas visitas sozinho e continue conhecendo arte, a principal importância talvez seja essa do incentivo, alunos acabam depois perguntando quando vão poder ir de novo ver os quadros, fazer este passeio, se sentem empolgados de ter essa experiência.*

Pesquisadora/entrevistadora: *O que mais te motiva ou desmotiva a realizar visitas à Pinacoteca?*

Professora de artes da zona norte de Manaus : *O que me motivou a fazer esses passeio e ver os quadros com os alunos, e não só os quadros mas os outros espaços que ficam no prédio é sair da rotina escolar e mostra algo interessante para os alunos, muitas vezes eles se sentem entediados da escola e a visita acaba sendo um atrativo, pois eles sabem que lá eles vão ver os quadros e aprender de maneira diferente da sala de aula, me desmotiva a falta de interesse de outras pessoas da escola que poderia ajudar a levar os alunos mas não ajudam, acham que a gente faz essas coisas pra não dar aula, ou pra aparecer mais do que o outro e não tem nada disso, apenas é uma experiência que eles precisam ter fora daqui que a gente se empenhou esses anos pra realizar, a questão de ir atrás de alugar o ônibus é uma coisa que a gente mesmo corre atrás e completa do nosso dinheiro pra sair, senão nunca teria feito, pra falar a verdade*

Pesquisadora/entrevistadora: *Caso já tenha realizado visita à pinacoteca com seus alunos, conte como foi a experiência, como essa visita foi pensada em seu plano de aula?*

Professora de artes da zona norte de Manaus: *Não faço plano de aula pra essas práticas não, apenas organizei o passeio com dois professores que foram no ônibus com a gente, conversamos com a direção e eles nos apoiaram fazer o passeio, lá eles já vão ver muita coisa e receber informação sobre as telas, eu mesma gosto de fazer esse passeio e ficar aprendendo também com as explicações, claro, sempre de olho nos alunos pois é preciso ter cuidado com eles, lá não tem muro, tem só a gente pra dar conta deles todos, então eu faço mais pela experiência da visita, eles verem arte e saber que tem muita coisa bonita pra conhecer ali e tudo faz parte da nossa cidade.*

Pesquisadora/Entrevistadora: *Quais resultados você considera que atingiu com a aula no museu?*

Professora de artes da Zona norte de Manaus: *O objetivo é o próprio passeio, apreciar a arte, saber informações, ver o que existe de bom na cultura da nossa cidade, Claro que cada um tem seu jeito, seu modo de lidar nessas situações, uns mergulham mesmo nas explicações dos guias, outros se distraem com os colegas ou então com alguma situação que chame a atenção deles, mas penso que tudo é válido nessa aula pois é algo que se diferencia na escola, sei que pode ser até uma aula marcante na vida deles enquanto são estudantes.*

Professora/Pesquisadora: *Como a pinacoteca e suas obras de arte foram trabalhadas após a visita?*

Professora de artes da Zona norte de Manaus: *Eu penso que a aula, o próprio passeio ao museu já é completo, então o que eu faço é perguntar o que eles acharam, geralmente eles gostam e perguntam se vão poder voltar de novo e eu sempre prometo que outra vez nós voltamos, mas estou até parada com esses passeios porque dá muito trabalho e nem todo mundo gosta de contribuir com essas coisas, ainda mais aqui aonde estamos que é longe do centro e ruim pra sair daqui se for pela parte da manhã.*

Destacamos que, apesar de encontra-se na função de professora de artes na escola, sem ter contudo, a devida formação em Licenciatura em artes e, atuando nas turmas de ensino fundamental, a professora participante da pesquisa, conseguiu, conforme o relato supracitado, conhecer a Pinacoteca do Amazonas e o museu do Palacete Provincial, por três vezes (no período de três anos), com seus alunos. Apesar das dificuldades e da capacitação não adequada no campo das artes, o que dificultou, a nosso ver, um olhar mais amplo para a ação educativa realizada, esta professora intuitivamente, observou a importância de propor esta experiência na escola, conseguindo angariar parceria e movimentar até um trabalho, quase interdisciplinar, com outros professores.

Destacamos que a formação em artes, e o diálogo com a mediação cultural deveria vir a ocorrer a partir da formação do arte-educador na graduação (Artes Visuais, Música, Dança e Teatro), uma vez que se conscientizará a respeito da importância de conhecer o patrimônio artístico local, bem como, conduzirá seus futuros alunos da educação básica, neste processo de

mediação e reconhecimento de nossa identidade e sentimento de pertença próprios da mediação cultural.

3.5 Visitando o Espaço com o professor de Artes: Fruir e Contextualizar

As instituições públicas que trabalham com a cultura têm o papel de propiciar ao público conhecimento, desenvolvimento, educação, cultura e lazer. A arte-educação ao trabalhar a cultura artística nas escolas e centros de artes, se insere no universo do patrimônio e das imagens, fazendo-se integrar às ações educativas que ocorrem também nos museus e as galerias de arte. O mediador cotidiano da arte para os alunos é o professor de artes, por isso destacamos a importância de haver uma ponte, entre os museus de arte e os professores de arte em prol deste diálogo, e da realização dessa troca de saberes, experiências e sensibilidades necessário todos os envolvidos e, em especial, para o professor e seus alunos.

Na arte-educação a categoria “contextualizar”, na abordagem triangular, trabalha a conexão entre a obra de arte e os fatores sócio-históricos que envolvem a arte. No museu essa relação pode ser exercitada (ou usufruída) a partir do encontro físico com a obra artística pelo público de professores e alunos que podem vivenciar uma experiência real com a obra conjuntamente, às propostas de mediação do espaço museal. O contato do arte-educador com as imagens da arte lhe proporciona experiência estética, uma experiência que eleva o trabalho com a arte na educação e o capacita para as propostas sensíveis com a arte, como sensivelmente narra Solange Utuari:

Minha professora de Educação Artística na sétima série, Vera Lúcia, apresentou à classe a obra Fim e começo, de Lasar Segall, pintada em 1928, para trabalhar com cores quentes e frias. A fala docente era muito emotiva, sensível e mostrava o grau de significação daquela imagem para a professora. Essa situação nunca saiu da minha memória.(...) Mais do que dar uma aula sobre cores quentes e frias, a professora tinha me proporcionado uma experiência estética, que me motivou a buscar outras oportunidades, pela qualidade, intensidade e emoção da ação mediadora vivenciada.(...)A qualidade da experiência estética com a obra de arte é inegável, embora não imprescindível. A minha percepção sobre essa pintura foi muito diferente nos dois encontros; porém igualmente emocionante. (UTUARI, 2014, p.25-26)

O resultado da pesquisa demonstra que na Pinacoteca, a mediação realizada pelo museu é padronizada para o público em geral, não havendo, portanto, um diálogo voltado especialmente, para o arte-educador. O que salientamos diante deste quadro é que, pensar a curadoria educativa e o treinamento e ensino de artes neste espaço de museus, articulando esse possível trabalho com professores de artes seria uma saída para que se pudesse melhor fluir e convidar o professor de artes para esse contato pessoal com a arte. A exemplo, estratégias e metodologias para este público, como o existente no museu de Arte contemporânea da USP, que pensa a curadoria, a mediação e a educação como conjunto, sob o termo de “curadoria educativa”, desenvolvendo um trabalho em que a mesma ação mediadora contempla as principais habilidades (contextualizar, fruir e fazer arte) existentes na arte-educação, conforme retrata Ana Mae:

A metodologia do ensino de artes usada no Museu de Arte Contemporânea da Cidade de São Paulo integra a história da arte, o fazer artístico e a leitura da obra de arte. Esta leitura envolve análise crítica da materialidade da obra, e princípios estéticos ou semiológicos, ou gestálticos ou iconográficos. A metodologia de análise é de escolha do professor, o importante é que as obras de arte sejam analisadas, para que se aprenda a ler as imagens e avalias-las, essa leitura é enriquecida pela formação histórico e ambas partem ou desembocam no fazer artístico. As operações acima referidas se integram na busca de significações e os limites entre a histórica da arte e a leitura da obra é muito tênue. Não adotamos um critério de história da arte que seja cicntifizante que seja apenas prescritivo, eliminando a subjetividade. (BARBOSA, 2014, p.37)

A partir deste trecho de nossa pesquisa, passaremos a relatar a experiência de observar a mediação da Pinacoteca com uma professora de artes e um grupo de vinte e dois alunos do ensino básico, oriundos de uma escola estadual da zona norte da cidade de Manaus.

O início desta mediação da professora e alunos na Pinacoteca deu-se a partir da nossa procura pela professora de artes na escola, que se situa no bairro Tarumã, para a fase de entrevistas da pesquisa. Ao aplicarmos a entrevista estruturada com a professora, esta comentou que nunca tinha feito nenhuma visita com seus alunos, ao longo dos cinco anos em que estava trabalhando como arte-educadora, e que se sentia frustrada por, apesar disso, em uma das unidades de seu plano de ensino, desenvolvido pela própria escola, um dos conteúdos ser justamente a visita ao museu de artes.

Segundo a professora, possui trinta turmas, logo, o volume de trabalho é muito grande o que não permitiria que ela organize a logística para realizar esta visita, apesar de sempre se sentir incomodada por não o ter realizado. A professora disse que poderia organizar como a

nossa ajuda, a visita à Pinacoteca e ter esta experiência com as obras de arte locais, pois tinha verificado a partir da nossa entrevista e as reflexões ocasionadas na mesma, o quanto era importante para as ações educativas que realiza com seus alunos, ir em busca desta experiência. Neste momento, nos colocamos à disposição da professora para que ela pudesse dar prosseguimento a esta ação educativa e passamos a acompanhar o seu planejamento para a realização da visita.

Figura 18: Plano de ensino contemplando a visita ao museu em unidade temática para o 8º ano escolar

Fonte: SEDUC, 2019

Primeiramente, a professora redigiu um ofício para a direção da escola e para a coordenadora pedagógica apontando que existia em seu plano de ensino, em uma das unidades a “visita ao museu de artes”, como sendo um dos conteúdos a ser abordado. Por este motivo, ela solicitava a autorização da instituição para que pudesse organizar e realizar a visita à Pinacoteca do Amazonas, no que aguardaria a autorização da escola para seguir com seu planejamento da visita.

Após cerca de cinco dias, a professora foi autorizada a fazer um projeto e entregar à coordenação pedagógica, informando como se daria a ação educativa proposta. A professora notou que a questão do transporte era a parte mais complicada de ser realizada, pois não tinha recursos para o aluguel de um ônibus.

A referida escola é de administração militar, possui um micro-ônibus com capacidade para 21 pessoas, a professora fez o requerimento ao comandante responsável pelo bem móvel da escola, solicitando que este fosse cedido para a visita, assim como fosse designado um

condutor para o mesmo. Tendo recebido autorização para a utilização do ônibus na visita a professora marcou a data da realização dela, que se deu em 26 março de 2019.

Como a capacidade do ônibus era para apenas 21 passageiros, a professora fez uma aula expositiva dialogada sobre o museu e a pintura, em que mostrou via slides e com explicações sobre o tema os museus e sua função de mostrar, guardar e preservar as obras de arte, assim, falou de forma recortada para a turma do 6º ano sobre alguns museus como o Louvre, na França, o Museu de Arqueologia de Nápoles, na Itália e o MoMA de New York. Nesta aula, a professora informou aos alunos que temos na cidade os nossos museus também, e citou a Pinacoteca do Amazonas, destacando que esta possui muitas obras importantes de pintura para a nossa arte. Conseqüentemente, a professora informou que eles iriam realizar uma visita para conhecer tais obras.

Ainda nessa aula, a professora informou que nem todos poderiam ir, devido a capacidade de passageiros do ônibus, mas que os demais, que não pudessem ser indicados nesse momento, realizassem a, se possível, a visita à Pinacoteca do Amazonas com os pais. Na ocasião a professora também fez uma atividade em sala sobre a pintura de artista amazonenses:

“Em sala pedi que eles fizessem uma releitura, escolhessem um artista para trabalhar, Os alunos que não puderam ir na visita incentivei a ir visitar com os pais, ou que buscassem na internet. Então eles fizeram releituras de obra do Otoni Mesquisa, Hanneman Bacelar, ficou bem legal.”

Trecho entrevista com a arte-educadora visitante da pinacoteca, 2019.

Os alunos ficaram muito apreensivos para realizar a visita, a professora nos relatou que ficou surpresa com a motivação e a repercussão da visita ao museu entre os alunos, pois mesmo aqueles que não demonstravam interesse na disciplina Artes, comentaram que gostariam de visitar o museu. O modo de seleção dos alunos que participariam da visita à Pinacoteca se deu por sorteio entre as turmas do 6º, 7º e o 8º ano da escola. Alguns alunos procuraram a professora para a troca do critério de seleção dos alunos que participariam da visita, pois acharam injusta a realização do sorteio, apontando que os alunos mais aplicados na disciplina deveriam ser selecionados.

Realizado o sorteio, alguns alunos choraram por não poderem ir junto à professora realizar a visita. A professora ligou para a Pinacoteca e agendou a data e hora da visita junto à instituição. Selecionados os alunos, a professora fez um documento para pedir autorização

dos pais para a realização da atividade fora da escola, foi também preenchido por cada aluno um seguro de vida, fornecido pela escola a fim de que ficassem resguardadas as atividades dos alunos fora da instituição.

A professora, em seu planejamento, notou que precisaria se articular com outros professores para poder supervisionar a turma de alunos no museu. Conseguiu apoio do professor de educação física, que se disponibilizou a realizar a visita com esta, o motorista do ônibus também se disponibilizou a ajudar na supervisão dos alunos no dia da visita. Calculando que a visita duraria a manhã toda, a professora solicitou aos alunos que levassem uma quantia para o lanche da manhã, já que fora da escola não teriam acesso à merenda escolar.

No dia da visita, os alunos chegaram à escola às 7h da manhã e o ônibus estava pronto para sair, com previsão de chegada no centro da cidade às 7:40 daquela manhã. Devido ao trânsito da cidade, chegaram às 8h. Antes de entrar na Pinacoteca, que fica diante da Praça Heliodoro Balbi, alguns dos alunos presentes pediram à professora que pudessem conhecer a praça primeiramente, muitos alunos afirmaram que nunca tinha ido ao centro da cidade e ali tinham uma oportunidade de conhecer uma das praças da cidade. A professora permitiu e caminhou com os alunos na praça, tirando fotografias de perto do chafariz, da ponte, do coreto e das árvores.

Os alunos perguntaram sobre as esculturas existentes na praça e sobre as placas de identificação de monumentos, a professora não soube informar sobre as indagações dos alunos acerca de tais monumentos, mas ficou de pesquisar e informar aos mesmos posteriormente, até mesmo a arborização da praça chamou a atenção dos alunos e manifestavam comentários sobre a beleza da praça.

Diante do prédio da Pinacoteca, os alunos registraram em fotografias o momento, e comentaram sobre a arquitetura, a cor, as janelas que chamaram atenção dos mesmos, a professora, que nunca tinha feito visita ao prédio, também comentou que achou de grande beleza o lugar.

Ao adentrar no espaço da Pinacoteca com os alunos, a professora foi recebida por duas guias ainda na porta do palacete provincial, neste momento foi informada de que o corpo escolar seria dividido em dois grupos, um de meninas e o outro de meninos, um ficaria na Pinacoteca e o outro seria conduzido para os outros museus abrigados no prédio do Palacete, para fins de organização dos guias do espaço, posteriormente as meninas iriam visitar os outros

museus e os meninos ficariam com a professora na Pinacoteca. A professora mostrou preocupação com este procedimento, pois parte dos alunos, acabaram ficando sem a sua supervisão e orientação, o que não tinha sido previsto por ela. A integração dos alunos, que seria importante ocorrer, segundo a professora, também ficou prejudicada com esta divisão durante a visita.

Iniciada a recepção da professora e sua turma, a guia passou a informar aos visitantes dados sobre as obras. A explicação das guias da Pinacoteca começou pelas obras mais antigas do museu e que ocupam o seu primeiro salão. O ano de finalização da obra, o autor e o estilo da técnica usada, são as informações que se destacam na visita, a guia também fazia referência às escolas europeias de arte para falar sobre as obras.

Nem todas as obras da exposição recebiam explicação, nesta primeira fase a guia falou sobre cinco obras, e pediu que os alunos e a professora pudessem caminhar por este salão para poder apreciar as demais obras que não seriam explicadas. A professora neste momento pediu para que os alunos observassem todas as obras daquele salão expositivo, foi assim que deste momento em diante muitas perguntas foram feitas pelos alunos, principalmente sobre as técnicas que os artistas usaram para fazer as pinturas, dentre as perguntas tivemos algumas questões levantadas pelos alunos à professora com relação às obras do artista Moacir Andrade.

Os alunos perguntaram porque o artista fazia as obras com textura, as árvores pareciam ter mesmo as raízes e cipós em alto relevo e como o artista trabalhava para se chegar naquele resultado, que tornava a pintura “texturizada”? Surpresa com as perguntas, a professora não conseguiu responder às indagações. As obras abstratas também chamaram atenção dos alunos e a professora falou sobre a intenção do artista em expressar somente formas e cores e não representar nada do universo figurativo.

Diante de perguntas que ficaram sem resposta, a professora explicou aos alunos que assim como eles, ela também estava visitando a Pinacoteca do Amazonas pela primeira vez e que mesmo sendo professora de artes e tendo formação em Artes Visuais não tinha tido até então esta experiência de conhecer a Pinacoteca e seu acervo e que, portanto, estava aprendendo junto com eles na mesma ocasião.

A professora pediu que os alunos apreciassem as obras e que entrassem em consenso ao final da visita elessem uma obra em pintura que a turma mais havia gostado para que fizessem um texto que contasse sobre a obra eleita aos colegas que não participaram do passeio,

cada aluno também deveria eleger a sua obra preferida da Pinacoteca e em sala, para fins da realização de uma releitura sobre esta obra escolhida, compartilhando com os colegas os motivos pelos quais havia gostado da obra.

Os alunos então aparentaram interesse em realizar esta atividade proposta pela professora de artes e passaram a transitar e observar o maior número de obras possível, conversando entre si o porquê de terem gostado desta ou daquela obra, fazendo com que conversassem sobre os objetos de apreciação. A professora observava o comportamento dos alunos diante das obras sem fazer interferências, em dado momento ela conversou com a guia sobre algumas obras, perguntando ainda informações sobre os artistas e as atividades da Pinacoteca voltada para professores.

No segundo salão da Pinacoteca, intitulado de “Modernos”, o que mais chamou a atenção dos alunos foram as instalações dos artistas Roberto Evangelista e Bernadete Andrade. A professora informou conhecer o trabalho do artista visual Sérgio Cardoso, e que conhecera algumas de suas obras, a partir de um trabalho acadêmico feito na época em que estava se graduando na universidade; falou a respeito da obra do artista parecer com fotografias aéreas e a relação destas pinturas com a temática da cidade de Manaus e o cinema. Neste salão, a guia explicou sobre algumas obras, ressaltando que as obras daquele salão se tratavam de artistas contemporâneos e que as obras refletiam o estilo e a temática mais livres.

Os alunos fizeram perguntas para a professora e também para a guia sobre as instalações dos artistas Roberto Evangelista e Bernadete Andrade, as perguntas foram: O que significam esses cadeados? Essa obra da Bernadete Andrade é um altar de Santo? Porque ele “grudou” esses papagaios? A professora destacou que as instalações são muitas vezes para provocar reflexão ou apenas ser um suporte estético, não tendo um conceito fechado, mas que serve para que o expectador reflita e obtenha sua própria resposta.

A visita durou cerca de 35 minutos, muitas das obras passaram despercebidas pelos alunos, as que tinham as maiores dimensões eram as que mais detinham a atenção tanto dos alunos quanto da professora. A visita foi composta por um grupo de cerca de 12 alunos e depois com o outro grupo, enquanto um grupo visitava o espaço do palacete com outros guias e sendo acompanhados pelo professor de educação física da escola.

O museu potencializa a experiência do aluno e facilita o trabalho do arte-educador no exercício de pensar a estética e a leitura de imagens, momentos estes em que é possibilitada a

“contaminação” do professor e do estudante pela arte, permitindo a melhor experiência sensível com a imagem, o que em síntese, Martins (2013), diz que é o próprio sentido da mediação cultural. A mediação cultural aproxima o outro da arte, que é impulsionada pela obra cujo artista mostra e inventa afetos, e não meramente participa, Martins, (2013) de uma parte da história da arte. Neste sentido, o arte-educador busca (e deve buscar) além de informações, experiência para vivenciar com seus alunos, de maneira a criar curiosidades, novas indagações frente ao objeto arte, tornando-se um professor-pesquisador, aquele que sempre está em busca de novas descobertas artísticas:

Um professor que mantém viva a curiosidade, que gosta de estudar, investigar imagens para a sua prática na sala de aula e levar seus alunos ao encontro da linguagem da arte sem forçar uma construção do sentido “correto” ou único, veste sandálias de professor -pesquisador, envolvendo com a mais fina atenção sua pele pedagógica, dando sustentação para pisar em terras ainda desconhecidas. (MARTINS, Mirian Celeste, PICOSQUE, 2012, p.117)

Entendemos que mediar a cultura é comunicar-se a partir do objeto da cultura. A arte sendo um produto da cultura é um gancho para um diálogo possível com o arte-educador e o público em geral. Devido a formação e atuação conjunta ao universo artístico, o arte-educador também é um profissional da cultura e que, portanto, pode possibilitar ao mediador um diálogo corrente, aprofundado e sensível ainda no espaço museal, considerando que mediar não é simplesmente formalizar informações para o público, mas efetivar momentos de reflexão, reconhecimento identitário, social e sensível com a cultura, entendemos que essa relação de diálogo, partilha seja crucial nesta relação mediadora, posto aproximar de maneira mais afetiva público, arte e museu.

Com relação à abordagem triangular, que vem a trabalhar os eixos da contextualização histórica, a fruição da arte e o fazer artístico na experiência escolar da arte-educação, compreendemos que tais eixos permitem uma ação completa (e complexa) da mediação da imagem artística e seu objeto em si. Vale destacar que apesar de na abordagem triangular constarem a contextualização, fruição e fazer da arte como três formas de relação distintas com a mesma, elas, por fim, coordenam-se seus aspectos e ações entre si a partir do mesmo processo de encontro com a obra de arte, o que significa dizer que a abordagem triangular integra na mesma experiência estética os seus eixos, o que inclui-se, evidentemente, a experiência de mediação da imagem e do objeto da arte realizado pelo próprio museu de arte.

Conforme o relato da professora que participou dessa investigação junto a Pinacoteca, anteriormente a nossa visita, ela nunca pensou que fosse possível viabilizar visitas a espaços de artes no centro, onde estas instituições se concentram, principalmente pela falta de recursos da escola. A grande demanda de trabalho na escola também é desmotivadora, pois sobra pouco tempo para o professor fazer o seu planejamento de aula, a distância da escola até o centro da cidade também é um entrave. Um outro motivo que desmotivava a professora a realizar a visita ao museu é a falta de segurança para ela e para os alunos no centro de Manaus, onde ocorrem assaltos e acertos de conta do tráfico de drogas de forma frequente, evidenciados nos noticiários.

A professora afirmou que ao longo de sua formação, tanto nos níveis primários da escola, e mesmo no período de faculdade, nunca foi estimulada a pensar nos benefícios culturais do museu no contexto da escola, todavia, a partir desta experiência estética a qual nesta pesquisa acompanhamos como observadores passou a acreditar que a experiência no museu traz novas experiências estéticas, intelectuais e culturais aos alunos, favorecendo assim o seu trabalho como arte-educadora. Sobre a ação educativa no museu, Barbosa (2014, p.234) comenta:

Ao se promover uma ação educativa com o propósito de despertar a capacidade intelectual, artística, ideológica e cultural e, ainda, dar ao público a possibilidade de refletir sobre a sua realidade, o museu constitui-se um local em que se processam relações entre indivíduos e entre indivíduos e objetos, propiciando a tomada de consciência do passado e do presente que atribui uma dimensão pessoal, por meio de uma experiência indireta, entre a realidade em que a obra foi criada e a realidade atual que o indivíduo vivencia no espaço museológico. Esse movimento produz nossa memória, que se dinamiza culturalmente, com base em interpretações e significações dos objetos pelo observador atual em seu contexto cultural.

Antes da visita, a arte-educadora nos relatou que incentivou os alunos a olharem os detalhes das obras, a imaginarem como os artistas as tinham criado; os temas, os nomes dos artistas e que, no fim da visita, apontassem para a obra que mais tinham gostado de ver de perto, isso os tornariam mais curiosos para as obras dos artistas locais: *“Pedi aos alunos que observassem as obras de arte e vissem os detalhes, os nomes dos artistas e no final da visita apontassem a obra que mais tinham gostado, além de uma obra que a turma concordasse que era a mais querida deles.*

Ao fim visita, a professora perguntou a turma qual a obra tinha sido a preferida dentre as que eles tinham encontrado na exposição. Após debates entre os alunos, os mesmos

escolheram a obra “O aviator”, da artista visual Hadna Abreu como sendo a obra mais querida da turma.

Figura19: Alunos visitando a Pinacoteca do Amazonas e conhecendo obras do século XIX



Fonte: Freitas, 2019

Figura 20: Alunos na Pinacoteca do Amazonas e uma das Guias do Museu



Fonte: Freitas, 2019

Segundo a professora comentou na entrevista, esta não teve uma relação com a arte amazônica estreitada em nenhum nível de ensino, mesmo ao longo do curso de graduação, em

Artes Visuais, esta não recorda de ter visitado a Pinacoteca do Amazonas em algum momento, dos museus de arte, esta firma que realizou uma única visita na graduação na galeria do Largo e que após a formação, segundo conta, não encontrou tempo para aprimorar seus conhecimentos em artes se utilizando da arte local, tendo sido a visita ao museu uma experiência de aprendizagem sobre as artes visuais amazônicas, especialmente a pintura, para si mesma, conhecimento que levará adiante com as turmas seguintes, a professora a formou ainda que a visita a fez refletir o quanto temos de arte, de pintura, de escultura e instalação, mas que apesar disso o ensino na escola que realizou até então só tinha contemplado basicamente a arte europeia já consagrada, afirmando que passaria a incluir pintores amazonenses que conheceu na exposição em suas abordagens temáticas.

3.6 O professor de artes e a Pinacoteca (Articulações com o fazer arte na escola)

A professora participante da pesquisa conta que trabalha nos três turnos, ministrando aulas para alunos desde o 6º ano ao ensino médio, tendo muitas turmas para atender, o que faz com que não sobre tempo para que haja novas pesquisas e experiências com a arte além daquelas já adquiridas ao longo do curso de graduação em que se formou como arte-educadora. Encontrando-se atuante desde o ano de 2015 nesta mesma escola da zona norte de Manaus, a professora possui cinco anos de profissão como arte-educadora. Acompanhamos a pós-mediação, para conhecermos a repercussão da mediação no trabalho desta arte educadora que agora passamos a relatar.

Após a visita, a professora solicitou em sala de aula uma releitura das obras da Pinacoteca que conheceram, trabalho em que os alunos se mostraram motivados a realizar, conforme notabilizamos em trecho do comentário da professora:

Além a experiência estética que tiveram, de se aproximar das obras de arte, eles fizeram as releituras e buscaram conhecer outros artistas amazonenses. Isso aproximou os alunos da arte local, que puderam conhecer os artistas amazonenses, eles passaram a se interessar mais por este assunto, postei até algumas releituras na minha rede social, pois ficaram trabalhos muito bem produzidos, eu gostei muito do resultado.

Trecho entrevista com a arte-educadora visitante da Pinacoteca, 2019.

Figura 21: Detalhe de releitura a obra “O aviador”, da artista visual Hadna Abreu



Fonte: Freitas, 2019.

Figura 22: Detalhe de releitura de obra realizada em sala a partir de obra artística de Turenko Beça, pertencente à coleção da Pinacoteca do Amazonas



Fonte: Freitas, 2019

Considerando a experiência de mediação observada, identificamos que a mediação cultural da Pinacoteca em sua relação com o arte-educador encontra-se em certa medida ainda distanciada, devido as sobrecargas de trabalho no cotidiano escolar. A condição logística da escola e a própria participação da mediação cultural das artes visuais, no contexto de formação do professor, proporcionam esse distanciamento. Todavia, quando o arte-educador se possibilita enfrentar os desafios didáticos, administrativos e logísticos, a experiência lhe oferece uma nova gama de aprendizado e relações com a sensibilidade artística; experiência que se torna mais profunda e prazerosa para professor e aluno, os quais saindo da rotina escolar de sala de aula, encontram outra forma de pensar a sensibilidade que a arte pode emanar.

A mediação cultural é capaz de estreitar laços entre o universo educacional e artístico, reforçando, conforme vimos, a identidade e o sentimento de pertença à uma coletividade, uma experiência de sensibilidade mediante a cultura das cidades, das pessoas de um lugar. Na experiência de mediação que acompanhamos, a contextualização da arte local presente no espaço da Pinacoteca foi realizada pela guia do museu, que ofereceu informações acerca da época de criação destas, do contexto social dos artistas.

A abordagem triangular, de Ana Mae Barbosa é uma postura epistemológica de ensino aprendizagem alicerçada em três processos (conforme vimos no capítulo 1) e que estão imbricados em si, aonde a contextualização, fruição e ação de fazer arte são processos dinâmicos e não meramente fases a serem atingidas rigidamente, um procedimento que se opera de maneira complexa com o conhecimento:

No cerne, em essência, a Abordagem Triangular é uma postura epistemológica do sujeito, dos sujeitos, face ao processo de construção de conhecimento. Para se movimentar esta postura precisa de temas, conteúdos que são circunstanciados. Têm existência histórica – cultural – sociológica - ideológica. São oriundos de escolhas teórico-político-pedagógicas e levam às ações constituintes da Abordagem (é uma via de dupla mão). Para operar é preciso que se escolha, se crie procedimentos, por meio dos quais a proposta como um todo se realiza. Estes também são produtos das escolhas socio culturalmente enraizadas. Grosso modo podem ser procedimentos pluridisciplinares, multidisciplinares, interdisciplinares ou transdisciplinares. a Abordagem Triangular das Artes e Culturas Visuais na sua plenitude é realizada na transdisciplinaridade. RIZZI, SILVA, 2017, p.220

A abordagem triangular compreende o arte-educador como um propositos do ver-contextualizar-fazer mediante a temática da arte, que possui como influência filosófica a concepção educativa freiriana, em que o educador é visto como um pesquisador, buscador de

conhecimento e propostas educativas que dialoguem com a realidade social do aluno. Por este caráter, trata-se de uma abordagem que vem permitir um permanente aprimoramento didático por parte do arte-educador devido ao poder de aplicabilidade desta abordagem frente as realidades e propostas educativas contemporâneas:

Uma teoria sistematizada, ou teoria de caráter complexo, deve ser aberta às relações construídas no campo que atua. É por essa abertura às dinâmicas próprias e amplas que Azevedo indica que a Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais é uma teoria inacabada e aberta, e por suas bases freirianas é dialógica. O fato de ser inacabada se destaca como qualidade a ser enaltecida, pois permite que arte/educadores/pesquisadores façam contribuições a todo momento. RIZZI, SILVA, 2017, p.220 apud AZEVEDO, 2016, p.126

O arte-educador é um mediador da cultura artística. Ao propor a mediação cultural no museu em suas aulas, este faz o papel de ponte para ligar o aluno à experiência cultural com a arte. Todo lugar produz seus bens culturais e artísticos, porém, nem todos os indivíduos que pertencem a sociedade possuem as mesmas possibilidades de acesso aos bens culturais, o arte-educador entra nesta engrenagem cultural como uma peça eficiente para transpor esta realidade, fazendo com que alunos sem acesso a estes bens, possam usufruí-lo e transformá-los em objetos significativos em sua cultura:

As dinâmicas sociais vão demarcando tanto os limites dos bens culturais quanto seus usos. Sejam por razões de ordem econômica e turística, sejam por motivações ideológicas ou políticas, não há localidade, região ou país que não disponha de um “catálogo patrimonial” onde se reúne o mais significativo, valioso ou digno de reconhecimento cultural. Como educadores, importa compreender os mecanismos que agem no campo da cultura para tentar instaurar processos de mediação críticos que façam com que o patrimônio revele sentidos para os sujeitos de hoje. (COUTINHO, 2011, p.11)

Ao permitir-se enfrentar os problemas cotidianos da escola, como a alta demanda de carga horária e a logística de transporte relatados pela professora, e mesmo driblando as amarras da falta de políticas culturais que proporcionem uma aproximação entre as camadas mais pobres da sociedade, com as instituições promotoras da arte, a professora participante de nossa pesquisa fez o papel de mediar a cultura artística local a seus alunos, enriquecendo assim a sua própria vivência com a arte e de seus alunos, posto que ambos conheceram a Pinacoteca

concomitantemente, pela primeira vez. E em função da arte-educação escolar, em uma mesma oportunidade de experiência via educação:

O acesso cultural espelha políticas culturais e educacionais e as oportunidades que a vida oferece. Acreditar e lutar pelo acesso cultural abre espaços para experiências estéticas que se interligam com a percepção, pois, até independentemente do mediador, a arte e a cultura são mediadores por si mesmos. MARTINS, 2014, P.253

Na abordagem triangular a experiência com a arte, conforme salientamos, possui uma temática, nesta experiência a temática proposta pela arte-educadora fora a arte da pintura local. “Quem são nossos artistas? Quais obras de arte pertencem ao patrimônio do estado do Amazonas? Sobre o que os artistas “falam” em suas obras?” Foram as indagações iniciais propostas pela arte-educadora em sala, previamente à visita realizada na Pinacoteca do Amazonas.

Essa primeira proposta de mediação da arte local fez com que os alunos buscassem novas formas de conhecer a arte, através de informações, da compreensão de contextos e fatos históricos com a pesquisa via internet, o que desencadeou à turma e à própria arte-educadora, uma nova gama de conhecimento acerca da história da arte e dos artistas locais do estado do Amazonas, especialmente os artistas visuais atuantes na cidade de Manaus.

Ao visitar o espaço da Pinacoteca, perceber seus momentos históricos, temas e poéticas, conhecer os artistas através da obra em si, as linhas, cores, traços escolhidos, ouvindo as palavras da guia do museu, a arte-educadora pode, enfim, perceber a potencialidade da mediação cultural em seu trabalho de sensibilização com a arte, um trabalho que envolve o pilar da abordagem triangular da fruição e que é capaz de falar diretamente ao sentimento estético de cada um participante da experiência, a função da mediação na educação, diz Martins, (2014), é não apenas informar sobre as obras, como uma mera experiência, mas transformar a mediação, este encontro com a arte em uma experiência significativa.

O desembocar desta experiência do arte-educador na Pinacoteca, entre outros meandros, desencadeou o fazer artístico através da releitura das obras que os alunos mais tinham gostado dentre as conhecidas na Pinacoteca do Amazonas. Assim, os alunos puderam pensar as temáticas, técnicas e poéticas empreendidas pelos artistas cujo acesso tiveram a partir das obras. Essa fase da mediação é importante porque ela é uma ressonância da mediação cultural do museu na escola, na vida dos alunos, um estímulo e uma forma de trabalhar a arte na aula de arte, Barbosa, (2014), o que a muito pouco tempo não ocorria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O museu possui em si a função de guardar objetos de valor cultural e ser um espaço educativo. Ao longo do tempo, o museu foi aprimorando sua forma de existir e interagir com o público, chegando a exemplo dos museus virtuais e interativos, e elevando o seu espaço na educação ao reprocessar as formas de informar, proporcionar cultura, lazer e sensibilizar a partir de novas formas de abordagem em suas políticas de mediação cultural. O museu de arte, como as Pinacotecas e Galerias dispõem suas coleções de obras artísticas de modo a pensar suas épocas e contextos sociais e históricos pelo público, favorecendo o diálogo com o tempo, as técnicas, poéticas, sociedades, personalidades das artes que atuam no universo da criação, sendo assim, o museu figura-se como um “espaço laboratório” em que a ação educativa pode tão fluidamente ocorrer.

A ponte entre o museu e o público é a mediação cultural, que além de ser uma experiência com a cultura, é um instrumento social, capaz de fazer com que os grupos de indivíduos reconheçam suas identidades através do patrimônio coletivo. Toda sociedade humana possui bens culturais que devem ser acessados por seus membros, assim, se torna importante pensar a mediação cultural, seus contextos, formas e agentes envolvidos em seu processo dialógico entre bem e sociedade. Tendo a consciência de que os processos sociais que nos envolve não são homogêneos, existindo forças operantes que fazem com que o acesso à cultura não seja possibilitado a todos de maneira igualitária, fazendo com que haja ainda muitos percalços e percursos a serem aprimorados entre a mediação cultural e o público de uma cidade como Manaus.

A Pinacoteca do Amazonas possui uma trajetória longa na história das artes visuais na cidade de Manaus, de mais de meio século, e que representa sobretudo, uma luta da classe artística da cidade de Manaus, que lutou pela preservação e divulgação da arte aqui produzida e que fez e que ainda faz parte da formação artística manauara. Todavia, sua participação nas políticas públicas para a cultura, foi e ainda tem sido, incipiente frente aos desafios de permear-se aos contextos sociais para, assim, exercer o seu papel de maneira abrangente na cidade, fazendo eco ao cotidiano à sua volta, especialmente o periférico, conforme identificamos na pesquisa.

Ao longo de nossa observação no espaço da Pinacoteca e entrevista com seus colaboradores, verificamos que o arte-educador ainda não sequer, exclusivamente, pensado para este ambiente da cultura. O diálogo possível entre mediador e arte-educador acabam permanecendo distantes, entrecortado por certa rigidez metodológica, apesar desta experiência possibilitar a experiência esteticamente repleta. As ações educativas com a imagem, a chamada “curadoria educativa” ainda não tem sido desenvolvida pela instituição pensando um trabalho com e para o público escolar manauara.

Mediar, não é apenas informar, usar palavras para proferir datas, nomes e estilos, mas refletir sobre os contextos e propostas poéticas que as peças de arte carregam em si mesmas e o quê e como isso reflete em nós nas diferentes culturas, épocas e sociedades. A mediação cultural só pode exercer-se através da troca, tornando-se significativa diante do público e na cultura que emerge e espelha.

Ao vivenciar o acompanhamento de um arte-educador na ação educativa com a mediação cultural da Pinacoteca, pudemos compreender que a própria concepção de mediação e arte-educação não é um campo em que o arte-educador tem apresentado familiaridade em lidar em seu exercício educativo. As demandas que as escolas exigem, a falta de contato com a mediação cultural da cidade, na própria realidade social em que insere-se este professor, além da exclusão da mediação da arte no seu processo de formação como arte-educador, contribui para que a mediação cultural direta na arte-educação encontre-se, no nicho estudado, de maneira aparentemente tímida perante a experiência da mediação cultural neste museu, conforme a explicação de Bourdieu, o fator social implica diretamente no contexto cultural dos indivíduos, o que consideramos ocorrer neste caso estudado em especial.

A mediação cultural na Pinacoteca que pudemos acompanhar na pesquisa foi potencializada pela arte-educadora participante, que apesar de não ter tido a experiência de visitar o espaço museal, previamente, se colocou como instigadora e aprendiz no processo educativo.

A abordagem triangular, em seus pilares de construção educativa nos processos de contextualizar, fruir e fazer a arte, foram contemplados e significados dentro do processo proposto pela arte educadora, que estimulou o pensamento contextual e reflexivo (através da pesquisa e da observação dos detalhes das obras), da contextualização propriamente. Ao vivenciar a mediação na Pinacoteca, em que a guia do museu pode trazer as informações

histórico sociais pertinentes às obras e a ação de produzir a partir do processo mediador a releitura das obras contactadas na mediação que em função da visita, terminaram por ocorrer na escola, sendo o aporte de grande prazer com a arte, tanto por parte dos alunos como pela professora de artes envolvida.

A pesquisa qualitativa em ciências sociais e humanas é um processo artesanal. Na partida para a presente investigação, não imaginávamos que a Pinacoteca tivesse pouco espaço junto à arte-educação da cidade, que compõe mais de cento e noventa escola estaduais. No decorrer dos dias, ao nos deparar com a baixa frequência de arte-educadores no espaço, quando fomos em busca de conhecer a mediação e o arte-educador de maneira mais próxima, na escola. Escolhemos observar a realidade da mediação de uma professora atuante em escola periférica da cidade, para que o nosso olhar pudesse alcançar uma parcela social distante das principais zonas propagadoras da cultura artística da cidade. O que nos tornou capaz de compreender as dificuldades em que o arte-educador encontra-se desenvolvendo o seu trabalho na e para a periferia.

A mediação cultural ultrapassa as paredes dos museus, nesta experiência, a Pinacoteca do Amazonas ultrapassou os muros do Palacete Provincial e chegou à sala de aula através da lembrança, do diálogo, da releitura artística proposta pela arte-educadora participante da pesquisa. Viu na mediação uma experiência a ser estendida à sala de aula, enriquecendo o frente a frente com a obra artística e exercitando a reflexão da sua proposta educativa com a abordagem triangular. Para nós, que somos professora de artes, cabe a atitude de perseguir novas reflexões desta relação de mediação, do patrimônio artístico local com o arte educador, para atingir as exigências do ensino de Artes prescritas em nosso país.

A iniciativa da Pinacoteca com ações que promovem cursos e eventos que tratam das obras de arte locais são bem-vindas e representam um aporte para a formação do professor de artes. Conhecer a história tanto da Pinacoteca quanto do seu acervo, as particularidades das épocas e das técnicas com que as obras foram feitas, como nos cursos de história da arte desenvolvidos pela instituição nos últimos anos.

Evidentemente, não podemos deixar de destacar a ausência de um setor responsável pela articulação entre o museu Pinacoteca do Amazonas e a escola, como vemos ocorrer com outros museus brasileiros. Essa parceria é necessária e benéfica para ambas as partes, pois de um lado a escola se aproximaria das obras de arte , expandindo sua experiência sensível e

cultural de alunos e professores, que em regiões periféricas da cidade encontram-se carentes desta experiência devido aos recursos limitados e a logística de transportes, e do outro, o Museu Pinacoteca, que teria como benefício a abrangência de público, mais extenso e com potencial de articulação da experiência sensível com as obras de arte deste acervo. A Pinacoteca poderia fazer do próprio professor de arte, o seu parceiro de descobertas e novos olhares para a artes, especialmente, a pintura manauara que se encontra abundantemente, eloquente em seu espaço mediador, ávida por receber os alunos e a sensibilidade do arte-educador.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Rila Costa. **Políticas Culturais no Amazonas 1997-2010**. Manaus: UFAM 2011.
- ANTOLINO, S Alik Santos. **Arte-educação no Museu: Um estudo dos setores educativos da Pinacoteca e do Museu de Arte Moderna de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) UNICAMP, Campinas, 2009
- BARBOSA, Ana Mae. **Ensino da Arte e do Design no Brasil: Unidos antes do Modernismo**, Revista Digital do LAV – Santa Maria – vol. 8, n. 2, mai./ago. 2015 230 páginas
- _____. **A imagem no ensino da Arte**. São Paulo. Perspectiva. 2014
- _____. **Arte-educação: conflitos e acertos**. 2 ed. São Paulo: Max Limonad, 1989.
- _____, GALVÃO, Rejane. **Arte-educação como mediação Cultural e Social**. São Paulo: UNESP, 2009.
- _____. **Arte-educação: Leitura no Subsolo**. São Paulo: Cortez. 2012.
- Base Nacional Comum Curricular (BNCC). **Área do conhecimento Arte. Linguagens/Artes. Competências no ensino de artes**. Disponível em : <http://download.basenacionalcomum.mec.gov.br/> acesso em mar 2019
- BOURDIEU, Pierre. **O amor pela arte: Os museus de arte na Europa e seu público**. São Paulo, Zouk, 2003
- COELHO, Teixeira. *Dicionário crítico de política cultural; cultura e imaginário*. 3ª edição, São Paulo: Iluminuras, 2004.
- COSTA, Vanessa Priscila. **O ensino de Arte e sua produção do Brasil**. X ANPED SUL, Florianópolis, outubro, 2014.
- COUTINHO, Rejane.
- CULTURA, Secretaria do Estado. **Pinacoteca do Amazonas 50 Anos**. Edições Governo do Estado. Manaus. 2017.
- DESVAILLÉS, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-Chave de Museologia**. Armand Colin. São Paulo, 2013.
- FRÓIS, João Pedro. **As ideias nascem do real: Ensaio sobre museus de Artes**. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 3, set./dez. 2011
- FAUCHE, Anne. **“La médiation-présence”**. In: *La lettre de l’Ocim*. 2002.

- FRANCISCON, Thais Regina. **A mediação em Museus: Um estudo do projeto “veja com as mãos”**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia) Universidade Estadual Paulista -UNESP Marília, 2012
- FIGUEIREDO, Leonardo Costa. **Um estudo de caso sobre a mediação cultural**. UFBA: Salvador.2009
- FARIA, Hamilton. **Políticas de cultura e desenvolvimento humano das cidades**. In: BRANT, Leonardo (Org.). *Políticas culturais*. Barueri: Manole, 2003, p.35-51.
- HENRIQUES, Rosali. **Memória, museologia e virtualidade: um estudo sobre o Museu da Pessoa**. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia,Lisboa, 2004
- HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de Arte*.Edições 70, Lisboa,1977.
- Julião, Letícia. **Pesquisa Histórica no Museu**. In: Caderno de Diretrizes Museológicas.
- LAMIZET, Bernard. **La médiation culturelle**. Paris: L’Harmattan, 1998.
- Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte**. Brasília, DF: MEC, 1997. v. 6.
- MARTINS, Mirian Celeste, PICOSQUE, Gisa. **Mediação Cultural para professores andarilhos na cultura**. Intermeios. São Paulo.2012.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza, DESLANDES, Suelly Ferreira, GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. São Paulo:Vozes.2016
- OTT,Robert Willian. **Ensinando Crítica nos Museus**. In: Barbosa (org.) *Arte-educação Leitura no Subsolo*. São Paulo, Cortez,2013
- PINTO, Júlia Rocha. **O papel social dos museus e a mediação cultural: Conceitos de Vigotsky na educação não formal**. PALÍNDROMO Nº 7 /CEART/UEDESC, Florianópolis, 2012
- PÁSCOA, Luciane. **As Artes Plásticas no Amazonas: O clube da Madrugada**. Manaus, Editora Valer, 2011
- ROCHA, Rosane Maria. **Comunicação e Informação de Museus na internet e o visitante Virtual**. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST 2008.
- REDEFORD, Rede São Paulo de Formação Docente. **Ensino de Artes no Brasil: Aspectos Históricos e Metodológicos**, UNESP, São Paulo, 2011.
- RIZZI, Maria Christina de Souza Lima; SILVA, Mauricio da. **Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais: uma teoria complexa em permanente construção para uma constante resposta ao contemporâneo**. 220 Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 220-230, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>, Acesso em 16 nov 2019

Secretaria de Estado da Cultura e Economia Criativa SEC. **Portal da Cultural- Pinacoteca do Amazonas**. Disponível em : <https://cultura.am.gov.br/portal/pinacoteca-do-estado/> acesso em 14 de fevereiro de 2019

Secretaria de Educação e Qualidade do Ensino SEDUC-AM. **Coordenadoria Distrital VII**. Disponível em: <http://www.educacao.am.gov.br/institucional/escolas/> acesso em : 22 de março de 2019

SUANO, Marlene. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986

SUBTIL, José Maria Dozza. **A lei n. 5.692/71 e a obrigatoriedade da educação artística nas escolas: passados quarenta anos, prestando contas ao presente**. Rev. bras. hist. Educ, Campinas-SP, v. 12, n. 3 (30), set./dez. 2012

UTUARI, Solange. **O professor propositor**. Seminário Nacional de Arte e Educação, n. 23, 2012